

C716418
N 1461370
04/03/02
282,30

Ana Ruth Macêdo Monteiro

**A FAMÍLIA DA *CRIANÇA-PROBLEMA* NA
ESCOLA**

**Estudo de Fenomenologia Sociológica aplicada à
Enfermagem**

TESE
610.7368
107741
2001

Fortaleza
2001

Ana Ruth Macêdo Monteiro

**A FAMÍLIA DA *CRIANÇA-PROBLEMA* NA
ESCOLA**

**Estudo de Fenomenologia Sociológica aplicada à
Enfermagem**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Enfermagem

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Grasiela Teixeira Barroso

Co-Orientador: Prof. Dr. Rui Verlaine Oliveira Moreira

Fortaleza

2001

FICHA CATALOGRÁFICA

M774a

Monteiro, Ana Ruth Macedo

A família da criança-problema na escola: estudo de fenomenologia sociológica aplicada à enfermagem. / Ana Ruth Macêdo Monteiro.- Fortaleza, 2001.

186fs. : il

Orientador: Prof^a Dr^a Maria Grasiela Teixeira Barroso.

Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.

1. Família. 2. Criança. 3. Saúde Mental. 4. Enfermagem em saúde comunitária. 5. Enfermagem psiquiátrica. I Barroso, Maria Grasiela Teixeira II Título.

CDD 610.7368

DEFESA DE TESE

MONTEIRO, A. R. M. *A família da criança-problema na escola: estudo de fenomenologia sociológica aplicada à enfermagem*. 2001. 186f. Tese(Doutorado) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

Tese defendida e aprovada, em 18 de maio de 2001, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Maria Grasiela Teixeira Barroso

Profa. Dra. Florence Rominj Tocantins

Profa. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher

Profa. Dra. Marta Maria Coelho Damasceno

Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga

DEDIDATÓRIA

A Deus,

Ser Supremo, Fonte de inspiração máxima do meu viver.

A você, Renan,

companheiro incansável, tolerante e cooperativo, que compreendeu cada momento dessa trajetória, dádiva de amor no meu mundo da vida.

A Vítor, Saulo e Artur,

filhos do amor, que consolidaram o meu tipo familiar.

Aos meus pais, Raimundo e Socorro,

que muito contribuíram com o meu acervo de conhecimento de que hoje lanço mão; minha inspiração de família.

AGRADECIMENTOS

- Às minhas irmãs, Kátia e Dalma, mulheres fortes e lutadoras que acreditam na família como fonte do amor de Deus e o vivenciam no seu mundo cotidiano, meu muito obrigada, extensivo às suas famílias, pela nossa relação face a face.
- Aos meus irmãos, Flávio, Alberto, Paulo, Júnior e suas respectivas famílias, obrigada pela vivência de amor familiar que vocês me proporcionam.
- Aos meus sogros Jalmi e Francineuda pelo apoio e credibilidade no meu ser profissional
- À Profa. Dr.^a. Grasiela Barroso, minha orientadora profissional e de vida, a quem muito admiro, pois transcende o ser-orientadora e adentra o meu mundo intersubjetivo.
- Ao Prof. Dr. Rui Verlaine, verdadeiro mestre, que me fez ver a Filosofia como possibilidade de vivência no mundo cotidiano, sempre disponível para a Enfermagem.
- Às profas. Dr.^{as}. Florence Tocantins, Júlia Bucher, Marta Damasceno e Violante Augusta, por terem contribuído valorosamente com este estudo.
- Às colegas do Departamento de Enfermagem da UECE, por terem acreditado nesse meu caminhar, em especial a Lúcia de Fátima, Edna Guerra, Vilani Guedes, companheiras do Grupo de Pesquisa Educação,

Saúde e Sociedade - GRUPESS, com quem divido o pensar na enfermagem.

- Às colegas do hospital de Messejana que compreenderam as minhas ausências, em especial à Margarida Almeida.
- À Neule Cruz, chefe que me incentivou sempre a crescer, acreditando no meu vir-a-ser na Enfermagem do Hospital de Messejana e sempre tolerante com as minhas limitações de tempo.
- À Fátima Lúcia, Coordenadora do CIES Prof^a Vicentina Campos, por ter confiado na minha proposta e facilitado a minha pesquisa.
- Às professoras do Ensino Fundamental do CIES Prof^a Vicentina Campos que apesar do tempo limitado contribuíram na fase inicial deste estudo
- Às famílias que participaram deste estudo por mostrarem o vasto campo de trabalho na promoção da saúde mental e me ensinaram a agradecer a Deus pela minha família.
- Ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, professores e funcionários, pela atenção dispensada durante a minha trajetória no Curso de Doutorado.
- Às colegas do Doutorado em Enfermagem, cujos encontros face a face muito contribuíram na construção do meu conhecimento na Enfermagem.
- Ao Prof. Vianney Mesquita, pela colaboração na estruturação final desse estudo.
- À bibliotecária Norma da Universidade Federal do Ceará e Telma da Universidade Estadual do Ceará pela disponibilidade em atender os meus anseios na normalização.

- A Universidade Estadual do Ceará, por investir na minha formação acadêmica.
- À Secretaria de Estado da Saúde, pela redução de carga horária durante o curso, em especial à direção do Hospital de Messejana que a autorizou.
- À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, por ter me oferecido apoio financeiro durante o Curso.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
I - A CONCEPÇÃO DO OBJETO.....	19
A Descoberta do Tema	20
A Proposta de Estudo	27
O Resgate de Alguns Conceitos.....	27
A Família	27
A Família, a Criança e a Escola	32
II – O ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA	37
O Referencial Fenomenológico	38
A Fenomenologia Sociológica de Alfred Shutz.....	40
III – O CAMINHO PERCORRIDO.....	56
O Encontro Com os Professores	58
Em Busca das Famílias.....	60
IV – TIPO VIVIDO DAS FAMÍLIAS.....	71
V – A ANÁLISE COMPREENSIVA	114
As Categorias Concretas.....	115
A Busca do Sentido	150
VI – REFLEXÕES SOBRE O TÍPICO FAMILIAR DA <i>CRIANÇA- PROBLEMA</i> NA ESCOLA	167

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	181
ANEXOS.....	183

RESUMO

O trabalho com famílias é um desafio para a enfermagem, principalmente quando se fala de promoção da saúde mental. É no interior familiar que o indivíduo inicia sua socialização, sendo a escola, possivelmente, a oportunidade mais próxima na qual se dá a troca de experiências com outras pessoas. A criança pode, em seu contexto escolar, reproduzir uma situação de conflito familiar e ser tipificada como uma *criança-problema* por não estar se adaptando às normas escolares. Percebendo como imprescindível o contexto familiar para a promoção da saúde mental, pretendi com este estudo responder a seguinte questão: qual o tipo vivido familiar da *criança-problema* na escola? A partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos, procurei compreender o tipo vivido familiar da *criança-problema* na escola, descrevendo a estrutura de cada família, suas inter-relações e as situações vivenciadas como manifestação do seu típico familiar, tendo por fundamento a Fenomenologia Sociológica. Inicialmente foram entrevistados dez professores do Ensino Fundamental – 1ª a 4ª. Série, de uma escola pública municipal, para identificar as crianças que eram consideradas problema na escola. Após esse momento, deu-se início as visitas às famílias dessas crianças e com a realização de observações nos domicílios, acompanhadas de entrevistas. Foram entrevistadas dezessete famílias, com no mínimo de dois encontros por família. As falas compuseram as seguintes categorias concretas: na *motivação por que* do seu tipo vivido - o sustento necessário à sobrevivência, o relacionamento familiar, o tipo familiar e sentimentos em relação à vida; e, os *motivos para* no seu vivido familiar - o que espera dos filhos e, projetos pessoais e familiares. Com o entrelaçamento das categorias busquei o sentido da ação subjetiva. Na procura do sentido da ação subjetiva das famílias, percebi como enfrentam problemas socioeconômicos múltiplos e que, dentro desses conflitos, procuram oferecer aos seus membros, suporte para enfrentar os desafios, e encontram, também, alternativas para suportar tal realidade com anseios e aspirações. No mundo intersubjetivo, a família utiliza as suas experiências já sedimentadas para definir a sua situação biográfica, numa relação do Nós com seus contemporâneos, num mundo histórico-social. Porém, não foi possível abarcar o sentido da ação subjetiva das famílias em sua totalidade, mas parcialmente, pois a compreensão é um horizonte sempre aberto. Percebi, no significado da ação subjetiva das famílias no seu mundo cotidiano, um reflexo da realidade social presente no nosso mundo real, no qual estão as questões culturais, econômicas, políticas, que interferem na saúde e, especificamente, na saúde mental. E, quando remeto a uma leitura da conjuntura atual, percebo que as famílias estudadas estão inseridas em um

contexto de cidade que cresce sem uma estrutura política e social da mesma proporção. Trabalhar com famílias é um grande desafio para a enfermagem, pois envolve o cuidado ao indivíduo nas demais etapas do seu ciclo vital. E, por ser grupo, com faixas etárias variadas, o seu ciclo de desenvolvimento está situado no mundo cotidiano de forma peculiar. Ao considerar todos esses aspectos, a enfermagem estará no caminho para uma ação na promoção da Saúde mental em famílias.

SUMMARY

Working with families is a challenge for nursing, mainly when we speak of mental health promotion. The socialization of the individual begins inside his family at the school is probably the nearest opportunity in which take place the change of the experiences with another people. The child can, in his school context, reproduce a family conflict situation and be characterized is a *problem child* for not adapted to the school norms. Perceiving as indispensable the familiar context to promote to mental health. I intended with this study answer the following question: what's the *problem-child* familiar lived type at the school? Beginning from the experiences lived by the subjects, I search for the comprehension of the *problem-child* familiar lived type at the school, describing the structure of each family, their interrelations and the situations lived as manifestation of their familiar type, having by support the Sociological Fenomenology. At first, it was interviewed ten teachers from first and fourth series, from a municipal public school, to identify the children who were considered problem at school. After this, it began the visits to those children's families with observations at their houses, followed by interviews. It was interviewed seventeen families, with two meetings by families at least. The answers composed the following concrete categories: in *motivation because* their lived type – the necessary maintenance for the survival, Action with children, the family relations and feelings about the life; and the *in-order-to motive* in the lived type – what the expect from the children and family and personal projects. Whit the intersection between the categories, I search for the meaning of the subjective action. Looking for this meaning in this families, I perceived how the confront social and economic multiple problems and that inside these conflicts, they try to offer for the their members support to confront challenges and also find out alternatives to support this reality with wishes and aspirations. In the intersubjective world, the families utilizes its experiences already worked to defined its biografycal situation, making a relation between the Ourselves and its contemporaneous, in a social-historic world. However its wasn't possible to comprise the meaning of the families subjective actions in all its totality, but partially, because the comprehension is a always opened horizon. I perceived, in the families subjective actions in the customary world, a reflexe of the social reality present in our real world, in which there are the cultural, economic and politic questions, that interfere in health, especially in the mental health. And when I remit to an actual conjuncture reading, I perceive that the studied families are inserted in a city context that grows without a politic and social structure in the same proportion. Working with families is a big challenge for nursing, since it

involves the care to individual in the several stages from his vital cycle. And, as a group, with several age degrees, its development cycle is situated in customary world in a such peculiar way. Considering all these aspects, the nursing will be on the way to get an action in mental health promotion for families.

RESUMEN

El trabajo con es un desafío para la enfermería, principalmente cuando se habla de promoción de la salud mental. Es en el interior familiar que el individuo em pieza su socialización, siendo la escuela posiblemente, la oportunidad más próxima en la cual el cambio de experiencias con otra personas. El niño puede, en su contexto escolar, reproducir una situación de conflicto familiar y ser cualificado como un *niño-problema* por no estar adaptándose a la reglas escolares. Percebiendo como imprescindible el contexto familiar para la promoción de la salud mental, pretendí con ese estudio contestar a la siguiente cuestión: Cuál el tipo familiar vivido del *niño-problema* en la escuela? A partir de las experiencias vivenciadas por los sujetos, intenté comprender el tipo familiar vivido del *niño-problema* en la escuela, describiendo la estructura de cada familia, sus interrelaciones y las situaciones vivenciadas como manifestación del su típico familiar, teniendo por fundamento la Fenomenología Sociológica. Inicialmente, fueron entrevistadas diez profesores de la Enseñanza Fundamental – 1ª. A 4ª. Série de una escuela pública municipal, para la identificación de los niños considerados problemas. Después se iniciaron las visitas de esses niños, con oservaciones en los hogare. acompañadas de entrevistas. Fuern entrevistadas diecisiete familias, con el mínimo dos encuentros por familia. Las hablas compusieron a las siguiente categorías concretas: en la *motivación por qué* del su tipo vivido – el mantenimiento necesrio a la supervivencia, acción con los hijos, las relaciones familiares, el tipo y sentimientos en relación a la vida y las *motivos para* en el su vivido – los que espera de los hijos y los proyectos personales y pfamiliares. Con el entrelazamiento de las categorías, busqué el sentido de la acción subjetiv. En la búsqueda del sentido de la accion subjetiva de las familais, percibí enfrentam problemas socioeconómicos múltiples y que en esos conflictos, procuran ofrecer a los miembros, soporte para enfrentar los desafíos y encuentran también alternativas para soportar esa realidad con anhelos y aspiraciones. En el mundo intersubjetivo, la familia emplea sus experiencias ya sedimentadas para la definición de su situación biográfica, en una relación del Nosotros con sus contemporáneos, en un mundo histórico-social. Sin embargo, no fue possible abarcar el sentido de la acción subjetiva de las familias en su totalidad, pero parcialmente, pues la comprensión es un horizonte siempre abierto. Percibí en la significado de la acción subjetiva de las familias en el su mundo cotidiano, un reflejo de la realidad social presente en el nuestro mundo real, en el cual están presentes las cuestiones culturales, económicas, políticas, que interfieran en la salud y específicamente, en la salud mental. Y cuando remito la una lectura de la coyuntura actual, percibo que las

familias estudiadas están inseridas en un contexto de cuidado que crece sin una estructura política y social e la misma proporción. Trabajar con familias es un grande desafío para la enfermería, pues envuelve el cuidado con el individuo en todas as etapas de su ciclo vital. Poe ser grupo con fjas edades variadas, en ciclo de desarrollo está situado en el mundo cotidiano de forma peculiar. Al considerar todos esos aspectos la enfermería estará en camino para una acción en la promoción de la salud mental en las familias.

APRESENTAÇÃO

O estudo com famílias de *crianças-problema* na escola é fruto de uma caminhada profissional com reflexões sempre direcionadas à família, sujeito e vítima do seu ciclo de vida familiar.

A enfermagem vem ampliando seus estudos na área de família, não somente no que diz respeito a ações de assistência direcionadas a esse grupo, como, também, no sentido de conhecer sua dinâmica, seus sistemas e subsistemas e as relações intrafamiliares, pois, o conhecimento do seu contexto saúde-doença, social, econômico e político é ponto relevante para quem deseja promover a saúde de famílias.

A promoção da saúde de famílias envolve, também, o cuidado com a saúde mental. Ao contextualizá-la no seu mundo cotidiano, o enfermeiro deve perceber a necessidade de suporte por elas apresentadas no enfrentamento às transições das múltiplas realidades vivenciadas.

Conhecer a realidade na qual a família se encontra inserida, facilita o acesso de profissionais de saúde a ela, principalmente no que diz respeito à educação em saúde, pois, além de sensibilizar as famílias às questões de saúde, envolve os profissionais no processo.

O caráter fenomenológico, nesta pesquisa, proporcionou chegar ao sentido da ação subjetiva das famílias das *crianças-problema* na escola, compreendendo o seu tipo vivido familiar, através da Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz.

Assim foram delineados vários momentos nessa trajetória,

CAPÍTULO I – A Concepção do Objeto: Inicialmente, abordei a descoberta do tema, do qual relato aspectos ligados ao

meu mundo-vida e faço uma narração de como cheguei ao objeto do estudo, com um levantamento sobre escola, no que diz respeito a sua influência na criança e quanto à importância da sua interação com as famílias dos seus alunos. Considerei o cotidiano da escola importante, pois foi por lá que despertei para esse objeto e cheguei às famílias, sujeitos dessa pesquisa. Ao ler sobre família, encontrei várias abordagens sobre o tema; procurei sintetizar o que foi lido, buscando não fazer recortes, mas, construir um referencial que enfocasse a dinâmica familiar e as relações intrafamiliares; e estabeleço, ainda, um paralelo com a saúde mental. Com a proposta do estudo encerro este capítulo.

CAPÍTULO II – O Encontro com a Fenomenologia

Sociológica: Aborda o referencial fenomenológico e, especificamente, a opção pela Fenomenologia Sociológica, de Alfred Schutz, quando falo sobre a influência de Edmund Husserl e Max Weber, e, posteriormente, os seus conceitos para compreensão do tipo vivido familiar.

CAPÍTULO III – O Caminho Percorrido:

Nesse momento, exponho toda a trajetória da pesquisa, como cheguei e me aproximei dos sujeitos, os percalços experienciados, bem como os sentimentos e emoções vivenciados em cada instante das visitas e entrevistas realizadas. Aponto os caminhos seguidos para a compreensão e interpretação dos discursos das famílias de acordo com o referencial da Fenomenologia Sociológica.

CAPÍTULO IV – Tipo vivido das famílias: Primeiramente, faço a descrição individual de todas as famílias estudadas, com seus respectivos genogramas e descrição das relações afetivas, partindo da compreensão individual para o geral, facilitando a interpretação do todo. No próximo capítulo apresento a tematização a partir da história de cada família e a sua compreensão.

CAPÍTULO V – A Análise Compreensiva: Os depoimentos são apresentados em categorias concretas do vivido de acordo com as entrevistas realizadas com a família. Após esses dois momentos, deu-se a busca do sentido da ação subjetiva das famílias com base no referencial fenomenológico de Alfred Schutz entrelaçando com a literatura revisada.

CAPÍTULO V – Reflexões sobre o Tipo Vivido Familiar da Criança-Problema na Escola: Relato as minhas percepções obtidas dos discursos das famílias e estabeleço um paralelo com o cotidiano da enfermagem com famílias. A educação em saúde mental é refletida como possibilidades de cuidado em enfermagem à família. Trago a todas essas reflexões o pensamento fenomenológico das relações sociais de Alfred Schutz, e reflexões teóricas sobre família.

Com este estudo, pretendi contribuir com ação da enfermagem junto a famílias, no que diz respeito à promoção da saúde mental.

CAPÍTULO 1

A CONCEPÇÃO DO OBJETO

CAPÍTULO 1

A CONCEPÇÃO DO OBJETO

A DESCOBERTA DO TEMA

Ao desenvolver o trabalho de docente da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica da Universidade Estadual do Ceará, participava com os alunos na realização de visitas domiciliares às famílias dos doentes mentais internados em hospital psiquiátrico, em busca de compor a história clínica e proporcionar uma assistência integral a esses clientes. Nestas visitas, verificava que alguns deles tinham apresentado, durante a infância, no período escolar, alterações de comportamento e/ou déficit de aprendizagem, sendo essa uma das justificativas utilizadas pelas famílias para retirar seus filhos da escola, já que elas não conseguiam acompanhar ou se adaptar às normas escolares. E, a partir desse momento, achavam que seus filhos não eram normais.

Com isso, iniciava-se toda uma trajetória de discriminação, culminando com internações psiquiátricas repetidas, que, possivelmente, não teriam sido necessárias, se a família, na ocasião, portasse um conhecimento adequado e necessário, quando a criança manifestasse prováveis distúrbios de comportamento na sala de aula, estando a família e a comunidade pedagógica envolvidas.

Diante dessas observações, sugeri, ao grupo de professoras da disciplina, que os alunos experienciassem outro campo de estágio. Foi quando comecei a levá-los para desenvolver um trabalho na escola. Este constava de sessões grupais com crianças que as professoras identificassem como *problema*

na escola, principalmente, no que dizia respeito a comportamento. O grupo foi formado com uma média de quinze crianças do ensino fundamental. Os encontros eram preparados com temas pré-definidos e sugeridos por eles. As professoras gostavam do trabalho que realizávamos, pois afirmavam que dávamos uma grande contribuição a elas ao ficar com as crianças que lhes *davam trabalho*. Paralelamente, eu e as outras professoras da disciplina propusemos que fosse realizada uma reunião semanal com as famílias dessas crianças. Enfrentamos muitas dificuldades, pois, além de não existir um espaço físico específico, os pais nem sempre compareciam, pois, no horário em que acontecia o estágio, a maioria das pessoas trabalhava.

Ao vivenciar essa experiência, senti a necessidade de propor um estudo com os professores da escola onde realizávamos o estágio, no sentido de conhecer quais os critérios que eles utilizavam para identificar uma criança-problema. E assim o fiz, como projeto de iniciação científica, com a colaboração de uma bolsista de pesquisa. Ao analisar os depoimentos dos professores, percebi que eles adotavam critérios como: não obedecer a professora, não seguir normas da escola em sala de aula, brincar em classe. Esses critérios não eram fundamentados teoricamente por eles, que adotavam conceituação própria, mostrando não possuírem um conhecimento maior sobre o assunto. Verificou-se, também que a escola não desenvolvia nenhum trabalho especial com as crianças tipificadas como problema, nem com suas famílias, a não ser o reforço escolar para aquelas que apresentavam déficit de aprendizagem.

Começou, então, o meu interesse em conhecer mais o mundo-vida das crianças que na escola eram tipificadas como problema (*criança-problema*). No início, acreditei que o trabalho com as crianças seria suficiente e responderia às minhas indagações. Mas, ao ler mais sobre o comportamento da criança e sua relação com a família e escola, percebi que o fato de estudar a

criança sem conhecer o seu contexto familiar, pouco contemplaria as minhas inquietações, e o caminho, no sentido de propor ações em saúde mental, seria truncado. Considerando ainda que, todo o fracasso ou sucesso da criança é tomado como de responsabilidade dos pais ou pessoa que cuida. Centrei, então, a minha atenção na família e suas relações.

Nogueira(1998), em seu trabalho Família-Escola: novo objeto na sociologia da educação, afirma que o fracasso e êxito dos filhos, sendo esses escolares ou não, são tomados como de responsabilidade dos pais, geralmente acompanhados de sentimentos de culpa ou orgulho, respectivamente. Relata, ainda, que a isso deve-se a centralidade da educação na vida da família contemporânea.

Por outro lado, a família atribui à criança a responsabilidade do problema por ela apresentado, muitas vezes, excluindo-se e esperando que a escola ou profissionais da área resolvam a questão.

Em seu estudo sobre as crianças com dificuldades escolares, Moraes (1997) relata que na visão dos professores, família e profissionais de saúde, a família é considerada responsável pela dificuldade escolar de seus filhos. Mas, que alguns profissionais de saúde, excetuando-se os médicos, consideram também os fatores relacionados a professores e a escola na interpretação das causas das dificuldades escolares.

A mesma autora ainda ressalta a importância do trabalho interdisciplinar, que envolva saúde e educação, como possibilidade para as novas soluções para o problema da dificuldade escolar, deixando de concebê-lo de uma forma individualizada, pois percebe que há uma falta de avaliação que englobe a escola por parte dos profissionais de saúde.

A partir desses estudos e de várias outras leituras, abriu em meu pensar um enorme horizonte para que pudesse desenvolver ações de saúde

mental junto a famílias, a minha grande paixão. E percebendo este vasto campo, comecei a refletir sobre como desenvolver este pensar e torná-lo concreto.

Busquei, no conceito de promoção da saúde da carta de Ottawa, um apoio para este começar. Nela, a promoção da saúde é conceituada como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo, o que gerará condições de vida e trabalho seguros, estimulantes, satisfatórias e agradáveis. Neste processo é considerado como essencial, a capacitação das pessoas para o enfrentamento de situações, nas diversas fases da sua existência. E esta ação deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários em busca de que todas as pessoas para realizem completamente o seu potencial de saúde (Brasil, 1996).

A partir desta conceituação, percebi que a promoção da saúde mental pode ter como foco de ação a família em seu contexto socioeconômico-cultural. Pois, é nela que o indivíduo inicia o seu desenvolvimento e socialização, partindo para a escola e iniciando o convívio com o mundo social. Possivelmente, essa atuação junto à família é uma forma de promover a saúde mental.

Diante desta reflexão, vários questionamentos emergiram no meu pensar: de que forma poderia se prevenir a doença mental? Onde atuar, como enfermeira, para intervir, de forma preventiva, na cadeia do seu desenvolvimento? Seria na família? Na escola? De que modo chegar a estas instituições? Partindo de que pressupostos? Foi então que dei início a toda a trajetória deste estudo.

Para fundamentar o caminhar na pesquisa, busquei na filosofia o amparo. Durante o curso de mestrado, conheci a fenomenologia, através de

uma socióloga, professora da disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa. Esta me deu a oportunidade de conhecer a única produção existente em português, dos textos de Alfred Schutz. Achei fantástico, porém não me senti suficientemente segura para desenvolvê-lo no mestrado, e vi no doutorado a minha grande possibilidade. E assim o fiz.

Consegui perceber a relação entre os conceitos de Alfred Schutz e o trabalho de Saúde mental com famílias. Pois, a partir das suas experiências vivenciadas (conhecimento à mão) é que as famílias vão definindo a sua situação biográfica e estruturando o seu mundo-vida e nele a sua saúde mental.

A saúde mental está relacionada a vários fenômenos da vida da pessoa. Muitos desses fatores são justificativas para condutas, nem sempre, tidas pela sociedade como desejáveis. São esperados do indivíduo reações, comportamentos padronizados e determinados como normais, não se levando em consideração sua real história de vida. E, ao interagir com outros, o homem expressa em suas ações toda uma bagagem de situações apreendidas desde a vida uterina.

A criança, no seu processo de socialização, tem como referência a família e, posteriormente, a escola. Estas colaboram com a sua formação e desenvolvimento, influenciando na sua forma de pensar e perceber o mundo, na sua maneira de se ver e ver os outros e no estilo de vida que adotará para melhor compreender a sua realidade.

Como seu primeiro contato social, o indivíduo tem a família. A mãe, o pai, ou pessoa que cuida, os irmãos, muitas vezes os tios e avós, colaboram na formação social deste ser. Essa relação, geralmente única, nos primeiros anos de vida da criança estabelece laços afetivos que são de algum modo definitivos.

Após alguns anos de vida, a criança inicia outra experiência de convívio social - a escola, que passa a fazer parte do seu mundo da vida, colaborando na formação dos seus processos mentais e interferindo no seu modo de agir consigo e com os outros.

A família e a escola ocupam importante papel no período de formação da criança, tendo participação nas experiências vivenciadas pela criança, pois, são partes do seu cotidiano. Na família, a mãe é uma referência para a criança. Tudo, o que ela fala ou faz, repercute enfaticamente. No âmbito da escola, o professor é um fator de especial importância no seu processo de socialização; e, junto com toda a comunidade escolar, a escola passa a representar a sua segunda família.

As expectativas do professor em relação à criança são prontamente respondidas por ela. Por essa influência direta, o professor precisa estar atento a toda e qualquer rotulação que possa vir a estabelecer, pois isto pode ser um fator determinante no comportamento dessa criança, repercutindo em toda a sua vida.

Ao identificar uma *criança-problema*, a escola utiliza critérios e estabelece condutas para solucionar ou amenizar a situação. Esses critérios são determinados pela escola como fatores-chave para avaliar um comportamento que se espera de uma criança normal ou não.

A escola tem um papel importante no âmbito desses problemas, já que é nessa oportunidade que a criança tem possibilidade de reproduzir toda uma situação familiar através do seu comportamento, passando a ser interpretado como *criança-problema*. E essa identificação da criança como problema pode fazer surgir todo um estigma ao seu redor, fazendo-a pensar ser realmente um verdadeiro problema, de modo que, ao assimilar toda essa situação que lhe foi imposta, passa a responder como tal.

Percebi que a família e a escola precisam estar em sintonia quanto à postura que tomarão frente à *criança-problema*, como forma de promover a sua socialização, favorecendo o seu desenvolvimento, tornando-a apta a enfrentar possíveis dificuldades. E essa integração será uma forma de proporcionar melhor qualidade de vida, bem como, promover a saúde mental.

Conhecer a família, partindo do comportamento da criança, talvez seja uma maneira de ajudar, não só especificamente, essa ou aquela família a enfrentar suas dificuldades, mas, também, uma forma de contribuir para a organização de uma sociedade composta por indivíduos mais saudáveis e capazes de enfrentar os desafios a que são naturalmente impostos. Esse é um grande espaço para a atuação da enfermagem, pois, ao intervir junto à família dessas crianças tipificadas pela escola como *problema*, pode-se iniciar um grande marco na promoção da saúde mental.

Segundo Morais (1999) e Marcon (1999), a enfermagem há algum tempo já tem começado a estudar, pesquisar e assistir às famílias, prestando cuidados nas demais situações de saúde-doença. Porém, os estudos com famílias no Brasil ainda são incipientes. A enfermagem tem conquistando alguns avanços, pois buscar conhecer a percepção e a realidade vivenciada pela família nas determinadas situações da vida cotidiana reflete reconhecimento do papel da família como co-partícipe do cuidado.

Sabendo ser a família uma unidade que merece a atenção da enfermagem, e que ao trabalhar com este grupo, não há como romper com os vários ciclos da vida em uma diversidade de situações de conflito e de enfrentamento, é que trago a discussão, neste estudo, a relação família e saúde mental, em busca de contribuir com o trabalho de enfermagem com famílias.

PROPOSTA DO ESTUDO

Percebendo como imprescindível o contexto familiar para a promoção da saúde mental, pretendi com este estudo responder a seguinte questão: Qual o tipo vivido familiar da *criança-problema* na escola?

A partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos, procurei compreender o típico familiar da *criança-problema* na escola, descrevendo a estrutura de cada família, suas interrelações e as situações vivenciadas como manifestação do seu típico familiar, com fundamento na fenomenologia das relações sociais de Alfred Schutz.

Nessa perspectiva, busquei defender a seguinte tese: **O contexto familiar vivido pela *criança-problema* reflete na tipificação feita pela escola.**

Com este estudo, pretendo contribuir com ação da enfermagem no plano da prevenção primária junto à família. E essa atuação implica introduzir na prática diária do enfermeiro a promoção da saúde mental.

O RESGATE DE ALGUNS CONCEITOS

• A Família

A família é um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um espaço de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas ou não por laços de consangüinidade, recebendo influência da sociedade à que está relacionada, no que diz respeito à cultura e ideologia particulares, como também, tem sobre ela influências específicas (Soifer, 1982).

Uma forma aceitável de família é aquele conjunto de pessoas que moram sob o mesmo teto, não importando o número de gerações, conquanto seja essa afirmação falha, pois há exclusão de ascendentes e descendentes e colaterais que moram em um outro domicílio, mas, exercem influência na dinâmica familiar, como também, há outras pessoas que nem moram na mesma casa, nem tem laços consangüíneos, mas exercem influência na mesma família(Bassit,1992).

Consoante tais conceitos, percebe-se que a família não é aquela formada necessariamente apenas pelos unidos por consangüinidade. São todos aqueles que estão próximos a ela e que exercem influência direta, negativa ou positiva, sobre os seus membros(Monteiro, 1996).

Uma família é um tipo especial de sistema, com estrutura, com padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. E também, uma pequena uma pequena sociedade humana cujos membros tem contato direto, laços emocionais e uma história de partilha (Minuchin;Colapinto; Minuchim; 1999:22).

A família é considerada o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como estão se estruturando. É a família que proporciona os aportes afetivos e materiais necessários para o desenvolvimento e bem-estar dos seus membros. Ela desempenha, também, um papel fundamental na educação formal e informal. E é em seu interior, que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam laços e solidariedade(Kaloustian,1994).

Não se pode deixar de contextualizar a família ao impô-la papéis e funções determinadas. O que geralmente acontece é a grande responsabilidade que é colocada à família, e se espera que ela ofereça a seus partícipes suportes 'afetivos e materiais', como mencionou o autor em parágrafo anterior.

Em relação à família, existem muitas expectativas que estão no *imaginário coletivo*, e estas respondem, apenas, as idealizações, com centro na família nuclear (família elementar), que é um símbolo. O que se espera da família é que ela *produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertença* que possam levar aos seus membros uma melhor qualidade de vida e uma inclusão na sociedade de forma satisfatória, pois ela vive em um contexto que pode tanto fortalecer, quanto debilitar as suas potencialidades (Carvalho, 2000:13).

Diante das suas possibilidades, a família passa por ciclos de estabilidade e mudanças e faz-se necessário considerar, para uma compreensão sistêmica, a presença de subsistemas e como suas partes se influenciam mutuamente. E quando se pensa em famílias pobres, surge um contexto familiar bem específico, pois elas vivem em desequilíbrio com os padrões dos sistemas que a servem e são raramente capazes de influenciá-los (Minuchim; Colapinto; Minuchim; 1999).

O contexto no qual vive a família precisa ser considerado, pois influencia fortemente nas relações intrafamiliares e nas mudanças no seu ciclo de vida, e o estresse ocorre nesses pontos de transição com possibilidade de rompimento.

Os estresses experienciados pela família produzem ansiedade ao lidar com as mudanças no ciclo da vida, e o grau dessa ansiedade é o determinante-chave no manejo da família com as suas transições no decorrer da vida. Além do estresse deixado como herança pelas gerações anteriores, e do que é vivenciado no avanço do ciclo de vida familiar, existe, também, o estresse de viver num dado local e um momento específico. Por isso não se pode deixar de considerar o impacto que provoca nas famílias o contexto social, econômico e político (Carter; Mcgoldrick, 2001: 8).

A família vivencia várias mudanças nos padrões do seu ciclo de vida. Dentre essas mudanças podem-se considerar a mudança no papel feminino, o aumento dos divórcios e recasamento, como fatores sociais presentes, além das várias fases que a família passa desde a sua constituição até a morte.

Cada família circula num modo particular de emocionar-se, criando uma 'cultura' familiar própria, com seus códigos, com uma sintaxe própria para comunicar-se e interpretar comunicações, com suas regras, mitos e jogos. Além disso, há o emocionar pessoal e o universo pessoal de significados(SZYMANSKI, 2000:25).

O modo próprio de ser da família com suas regras, mitos e crenças, caracteristicamente presente em suas relações, é o que compõe o seu mundo cotidiano, no qual estabelece uma interpretação dos códigos emitidos sob a forma de ações.

Nitschke(1999) afirma que a família não se acomoda, pois busca sempre caminhar para melhorar alguma coisa que já não a satisfaz. A família está sempre em movimento e explicita sempre mais a sua dinamicidade. Essa realidade, é que expressa o seu viver cotidiano.

A dinamicidade da família revela, ainda mais, a grande necessidade de rede de apoio para que possa enfrentar as diversas situações da vida real a que é submetida, além da *grande e árdua* tarefa de educar os filhos.

Para as crianças, a família é tipicamente a primeira realidade social experimentada de maneira imediata; uma realidade condicionada pela estrutura social que está por trás dela. A transmissão dos elementos básicos do acervo social de conhecimento está ligada aos papéis sociais dentro da família. A linguagem, as habilidades e as normas gerais de conduta são, também, transmitidas dentro da família(Schutz, Luckmann,1973).

As famílias desenvolvem um papel representativo nas tarefas universais e, estando suficientemente sadias, elas ajudam os seus membros a superar individual e conjuntamente a angústia e o luto, não se livrando dessas duas dimensões, mas trabalhando cada uma delas como forma de superá-las(Racamier, 1991).

A família é mais do que a soma de suas partes. O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. Consideramos crucial esta perspectiva para o entendimento dos problemas emocionais que as pessoas desenvolvem na medida em que se movimentam juntas através da vida(Carter; Mcgoldrick, 2001: 8).

A importância dos membros para a família é visivelmente percebida, pois ela não é formada apenas por aquele número específico de pessoas com papéis determinados. Cada membro interfere direta e indiretamente na dinâmica familiar com seu ciclo específico de vida, compondo um todo, que é a família, a partir do seu individual. E qualquer transição por ela vivenciada, pode levá-la ao estresse que influencia no seu processo de desenvolvimento. E as experiências de vida familiar no decorrer do seu ciclo de vida podem gerar tanto um estreitamento como um distanciamento das relações intrafamiliares.

É evidente que a biografia de cada membro familiar é específica. Pode-se até afirmar, que os pais são responsáveis por todas as atitudes do filho, mas *a biografia do filho pode seguir outro caminho*. E cada membro familiar pode reagir de maneira diferenciada em uma dada situação, pois, os acontecimentos tem impactos diversos em cada um deles (Medina, 1990:33).

O trabalho com a família, em busca da saúde dos seus membros, é um grande desafio para a enfermagem: o de *cuidar de quem cuida*, ou seja, ir ao encontro da família, conhecendo como cuida, identificando suas dificuldades e

suas forças, para melhor atuação profissional, atendendo às suas necessidades(Elsen,1994 p.72).

Aproximar-se da família e penetrar no seu mundo-vida compreendendo a forma de enfrentar as diversas situações da sua vida diária, é que a enfermagem poderá propor estratégias de apoio, no sentido de intervir não somente nos momentos de crise ou em que a doença já se encontra instalada, mas na promoção da saúde.

• A Família, a Criança e a Escola

A escola possui um amplo campo de ação, influenciando nos mais diversos âmbitos da vida do ser humano, pois, após o convívio familiar, geralmente, é o primeiro contato social estabelecido de forma regular pela criança.

O cotidiano da escola está inserido num movimento de descoberta do mundo, onde a criança constrói a sua subjetividade e inicia a interação social mais abrangente. Nesse contexto, a escola apresenta-se como num jogo de encaixe, com níveis de exigência variados, tendo como objetivo comum levar a criança a se adequar aos modelos que lhe são apresentados (Estebam,1993).

A criança é um ser social e não apenas um ser psicológico ou em desenvolvimento, e a escola tem a função de valorizar os conhecimentos que esta possui, bem como garantir a construção de conhecimentos. Vale ressaltar, porém, que o conhecimento da criança não depende somente do professor ou da escola, antes, sim, é fruto de todas as experiências que ela tem dentro e fora da escola (Kramer, 1988).

É importante para a escola saber quem são as crianças com as quais trabalha e como estas constroem os seus conhecimentos, valorizando o contexto de vida da criança, porque, assim, a escola certamente poderá favorecer o desenvolvimento infantil e a aquisição de conhecimentos no trabalho com elas (Kramer et al, 1991).

Esse perceber a criança permite à escola conhecer as necessidades por ela apresentada, bem como as suas dificuldades em relacionar-se e em apreender a realidade vivenciada dentro do ambiente escolar, possibilitando à ação da instituição escolar junto, não só à criança, mas, também, à família, que com certeza, precisará de apoio e orientação, para favorecer situações que permita a criança não ser *problema*.

É importante que a professora se preocupe em colocar limite na conduta da criança, mostrando a sua autoridade, mas, que também, demonstre proximidade, afetividade e interesse pelo seu desenvolvimento e aprendizagem. Geralmente, diante dessa atitude da professora, o aluno supera o sentimento de inferioridade e reconstrói a sua auto-estima, fortalecendo a sua identidade escolar (Dunker, 1997).

Com essa atitude, a escola pode estar dando início a um trabalho de saúde mental, pois ao perceber o indivíduo como um todo e capaz de desenvolver suas potencialidades, superar os seus limites, está colaborando com a autonomia dos seus alunos e, conseqüentemente, para sua socialização.

A escola é co-responsável, em grande parte, pelas experiências vividas pela criança e deve, quando se deparar com situações educacionais problemáticas relativas à ela, buscar alternativa de solução junto à família, como forma de contribuir no processo ensino/aprendizagem, participando dele.

Em sua história a família tinha aspectos de preocupação apenas voltada para a transmissão dos bens e do nome, e deixava para a escola toda a formação moral e espiritual dos seus filhos. Porém, ao refletir a rigidez que as escolas (internatos) impunham às crianças e adolescentes, a família retoma a função de formadora, inserindo os filhos na convivência familiar e social (Ariès,1981)

A família e a escola exercem influência marcante na criança em desenvolvimento, refletindo valores culturais da sociedade, independentemente da forma como esta se apresenta, pois tanto a família como a escola, interpretam de maneira diferente esta cultura, apresentando variações entre si. Cabe a elas a socialização da criança e, mais especificamente, à família a transmissão de valores, crenças e costumes da sociedade em que se encontra.(Alencar, 1985).

Vale ressaltar, que talvez a família desempenhasse muito bem a sua função se contasse com condições sócio-econômicas favoráveis para o desenvolvimento de seus membros, que contribuísse com as transições por ela enfrentadas, ajudando-a a superar as crises naturais no seu ciclo de vida.

Não é possível compreender o problema de saúde mental sem considerar as pessoas como seres sociais, o seu desenvolvimento no interior da família e da escola, do trabalho, do lazer, e de toda a sua história de vida. Falar de saúde mental inclui falar do indivíduo dentro do seu ecossistema, visando proporcionar condições de equilíbrio entre os fatores de risco por ele vivenciados(Einstein. 1993).

Tanto o setor de saúde quanto o de educação, precisam rever a questão da saúde mental, como forma de proporcionar melhor qualidade de vida aos seus pacientes e clientes. Para tanto, precisa repensar o comportamento da criança na escola, para que novas abordagens sejam

possíveis, a começar pela avaliação de toda a dimensão sócio-cultural que envolve o problema, tendo como foco principal à criança e assumindo a sua responsabilidade institucional na sua socialização(Oliveira, 1992).

A maneira como julgamos a criança influencia a visão que ela terá de si mesma. A partir do momento que identificamos nela somente as suas limitações ou deficiências, estamos contribuindo para que venha se fixar, ainda mais, neste tipo de identidade, pois, como sabemos, para o seu desenvolvimento emocional é importante que ela possua vínculos duradouros e confiáveis(Eisentein, 1993).

O comportamento negligente muitas vezes reforçado por palavras, tende a desenvolver aos poucos nas crianças *uma tristeza profunda e ansiedade crônica*, antecedidas, geralmente, por expressão de baixa auto-estima e sentimentos de inferioridade. *A criança carente tende a projetar seus sentimentos de frustrações, de hostilidade, de insegurança e de inadequação sobre tudo que está ao seu redor*(Morais,1999:68).

Os problemas emocionais podem exercer influência na aprendizagem da criança, pois, esta passa a usar de alguns mecanismos de defesa como a repressão, apresenta dificuldades para tolerar frustrações facilitando à busca da fantasia em vez de adaptar-se a realidade. Todos esses aspectos podem colaborar com a dispersão das tarefas, inibir sua motivação e suas capacidades, prejudicando o seu aproveitamento escolar (Paulo; Ramos,1996).

Nessa perspectiva, a família e a escola precisam estar em sintonia quanto à postura que tomarão frente à criança identificada como problema, como forma de promover a sua socialização, favorecendo o seu desenvolvimento, tornando-a apta a enfrentar possíveis dificuldades. E essa

integração será uma forma de proporcionar melhor qualidade de vida bem como melhor nível de saúde mental.

As crianças se desenvolvem através de sua interação com o ambiente que as envolve, mas, a profundidade dessa interação vai depender de sua capacidade de interagir. A criança bem dotada é motivada a agir porque extrai do seu meio, os estímulos provocadores de ação; entretanto, a criança com alguma deficiência pode não captar esses estímulos ou não saber reagir a eles, ficando, assim, privadas das melhores oportunidades de desenvolvimento (Cunha,1996).

Ao conviver com a família, a criança assimila padrões de comportamento, normas e valores de sua realidade circunstanciada pela sua condição social. Convivendo na escola, ela vivencia um processo de socialização, passando a adquirir conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais, sendo submetida a novos processos de assimilação da realidade, por utilizar novos vínculos sociais (Miranda, 1989).

A *criança-problema* pode estar refletindo todo um comportamento que é experienciado dentro da família e da comunidade da qual faz parte. E esse é um momento que dá oportunidade a uma ação mediadora, no sentido de proporcionar a este ser assistência para que possa encontrar alternativa de solução para a sua situação. E a escola em nenhum momento pode pensar em não ser co-partícipe nesta responsabilidade, já que a socialização dessa criança passa, também, pela instituição escolar.

O envolvimento da família e da escola nesse processo de socialização da criança-problema certamente trará progressos para o seu desenvolvimento afetivo-intelectual, tornando-a capaz de enfrentar as dificuldades, para que em uma, situação face a face, possam experienciar o relacionamento do Nós, em busca da sua saúde mental.

CAPÍTULO 2

**O ENCONTRO COM A
FENOMENOLOGIA SOCIOLOGICA**

CAPÍTULO 2

O ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA SOCIOLOGICA

O REFERENCIAL FENOMENOLÓGICO

Ao buscar compreender o tipo familiar da criança identificada como problema pela escola, cheguei às relações que permeavam o mundo cotidiano dessas famílias. Estudar causa e efeito desses relacionamentos não me daria respostas às minhas indagações, não me levaria a conhecer o mundo desses sujeitos, o que para eles tinha significado. Acreditei que, indo ao seu encontro numa relação face a face e adentrando o seu mundo da vida, poderia mergulhar em suas realidades múltiplas. E assim o fiz, buscando no referencial fenomenológico o suporte teórico, pois esse método permite penetrar no mundo, desvelar o fenômeno, compreender o que se manifesta na evidência do ser, olhar as coisas como estas aparecem.

O caráter fenomenológico de uma pesquisa se dá quando há interesse pelo *sentido*. A fenomenologia oferece a possibilidade de buscar o sentido dos pensamentos, sentimentos, percepções e comportamentos dos sujeitos, descobrindo o que se encontra velado (Damasceno, 1996).

A fenomenologia passa a defender a construção de uma ciência a partir das experiências vivenciadas, buscando a essência do fenômeno. Seria uma volta ao mundo da experiência, ou seja, uma volta ao mundo vivido, descrevendo o fenômeno, pois é através da rigorosa descrição que se pode chegar ao fenômeno em estudo (Matins, Boemer, Ferraz, 1990).

A primordial tarefa da fenomenologia é analisar as vivências intencionais da consciência para se perceber como é produzido o sentido dos fenômenos, do fenômeno global que se chama mundo. É como se distendesse o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios que são complexos e finos, que não apareceriam numa atitude natural(DARTIGUES, 1992).

Para se chegar à essência do fenômeno, é de importância procurar ir às próprias coisas sem qualquer pré-juízo e/ou pré-conceito, eliminando os conhecimentos anteriores, abrindo o espírito à compreensão das realidades manifestas pelo sujeito.

A fenomenologia pretende ser ciência de essências e não de dados, de fatos, e tem como objetivo descrever os modos típicos do aparecer e do manifestar dos fenômenos à consciência. *O conhecimento das essências não é o conhecimento mediato obtido através da abstração ou comparação de vários fatos.* Sempre se capta uma essência no fato e, ao se comparar vários fatos, já se deve ter captado uma essência, o aspecto pelo qual eles são semelhantes (Reale; Antiseri,1991: 554-62).

É nesse ponto que o papel da fenomenologia se destaca, pois cabe a ela distinguir, revelar o que há de essencial na percepção, na recordação, na imaginação através da consciência intencional, que vê a razão do ser pelo conhecimento(Monteiro; Guerra; Moreira, 2000).

A base de qualquer pesquisa fenomenológica é o mundo da vida, mundo cotidiano, pré-reflexivo, não um mundo cotidiano pessoal, mas social. A fenomenologia busca descrever, explicar, compreender e explicar o mundo da vida porque nele reside a fonte dos significados que é essencial para esse tipo de pesquisa(Capalbo, 1999 – Notas).

Vários foram os filósofos que, como discípulos de Husserl, foram estruturando o seu pensamento na fenomenologia. Dentro do método

fenomenológico, a fenomenologia sociológica de Alfred Schutz foi o referencial teórico que apoiou este estudo.

A aproximação com a fenomenologia sociológica aconteceu ainda no mestrado, mas não cheguei a utilizar na minha dissertação os conhecimentos de Schutz. Quando estava em fase de preparação do projeto para seleção do doutorado, tive uma maior aproximação com esse referencial e percebi nos seus conceitos uma possibilidade de amparo para o que eu pretendia. Ao participar do I Seminário sobre Alfred Schutz, na UNIRIO, percebi que estava trilhando no caminho certo e, quanto mais eu definia o meu objeto de estudo, mais segura eu me sentia quanto à opção deste referencial que agora passo a expor.

A FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA DE ALFRED SCHUTZ

As obras de Alfred Schutz têm em sua estrutura uma sociologia baseada em considerações fenomenológicas. Elas abordam grande variedade de situações e, entre eles estão a intersubjetividade, os signos e símbolos, a linguagem, as tipificações e o conhecimento, as realidades múltiplas, a ação social, bem como a metodologia das Ciências Sociais.

Schutz nasceu em Viena em 1899 e morreu em Nova York em 1959. Os seus estudos eram sempre voltados para os trabalhos de Max Weber e Edmund Husserl. Serviu na Primeira Guerra Mundial pelo exército austro-húngaro e emigrou para os Estados Unidos com a ameaça de ocupação da Áustria por Adolph Hitler. Exercia atividades acadêmicas e na área de negócios. O ponto de partida de Schutz foi a relação estabelecida entre as bases teóricas de Max Weber e Edmund Husserl (Schutz, 1962; Wagner, 1979).

Schutz se interessou desde muito tempo pela obra de um dos maiores sociólogos alemães, Max Weber, especialmente porque este estabeleceu um fundamento metodológico coerente para as ciências sociais. A percepção dos problemas lógicos implicados no conceito de *tipos ideais* e outras idéias-chaves de Weber impulsionou Schutz a realizar uma análise filosófica exaustiva de toda a posição metodológica deste autor. O enfoque de Weber era no conceito fundamental de significado que supunha ser característico da ação humana. Schutz achou que este conceito e todas as idéias que dependiam dele eram ambivalentes. Ao buscar uma teoria coerente do significado, encontrou-a em Husserl; e, aplicando à ação o conceito de significado de Husserl, propôs os fundamentos de uma sociologia compreensiva, dando-lhe um fundamento fenomenológico (Walsh, 1972).

• A Influência de Edmund Husserl

A fenomenologia de Husserl se apresenta como uma filosofia do homem no seu mundo-vida, capaz de explicar o sentido deste mundo vital de uma maneira rigorosamente científica, que tem como objeto de demonstração e explicação às atividades da consciência da subjetividade transcendental, na qual se constitui o mundo da vida.

De acordo com Husserl, desvela-se a subjetividade transcendental pela *epoché* fenomenológica ou redução fenomenológica transcendental. Nela o mundo não desapareceu do campo da experiência do ego, mas sim capta a vida pura da consciência, na qual o pesquisado se abstém de crer ser deste mundo e dirige a sua vista exclusivamente à sua consciência do mundo (Schutz, 1962).

Os conceitos fenomenológicos de Husserl utilizados por Schutz são consciência, experiência, significado, conduta, 'atenção à vida' e 'ação no

mundo exterior'. Entretanto, após longos estudos sobre os escritos de Husserl, Schutz afirma que ele não estava a par dos problemas concretos das ciências sociais, o que prejudicou o lidar com relações sociais e grupos sociais. A partir dessas críticas, Schutz passou a desenvolver esses conceitos de Husserl, que considerava rudimentares, transformando-os no alicerce de sua teoria fenomenológica do mundo social(Wagner, 1979).

O conceito de *epoché* fenomenológica de Husserl como a suspensão da crença na realidade do mundo como forma de superar a atitude natural em oposição à dúvida cartesiana, é utilizado por Schutz não pela fenomenologia transcendental, mas como uma *epoché* específica.

Não suspende a crença no mundo externo e seus objetos; pelo contrário, suspende a dúvida de que o mundo e seus objetos podem ser diferentes do que se apreçem. Proporemos denominar esta epoché, a epoché da atitude natural(Schutz, 1962:214).

Schutz tem como base em seus estudos o mundo da vida, o mundo cotidiano, pré-reflexivo, porém, não um mundo cotidiano pessoal, mas social, que é experimentado pelo homem na sua atitude natural. Na teoria de Schutz, não é preciso trazer o transcendental para o mundo da vida, pois nunca houve distanciamento dele.

Para Schutz, a intersubjetividade não é o resultado da análise transcendental, como estabeleceu Husserl, mas o princípio da *ontologia do mundo da vida é a intersubjetividade mundana*(Capalbo, 1998:94).

• A Influência de Max Weber

Schutz não foi somente um filósofo fenomenológico, mas também um cientista social que compreendeu a importância da teoria da ação humana para a metodologia da Ciência Social, sendo sua obra uma continuação da teoria de Weber(Luckmann, 1973).

A sociologia compreensiva de Max Weber parte da idéia básica de que todos os fenômenos sociais concretos deveriam remeter-se aos modos de conduta individual e que as Ciências Sociais devem abster-se de formular juízos de valor. Karl Jaspers assinala que, para Weber, Sociologia não é a filosofia da existência humana, mas a ciência particular da conduta humana e suas conseqüências (Schutz, 1972).

A estrutura lógica da sociologia de Weber parte dos conceitos de ação social e relação social derivadas das *descrições e tipificações sempre novas de categorias de relação comunal e relação associativa*. A compreensão tem como sujeito único a ação do indivíduo e o significado por ele atribuído. A sociologia compreensiva deve *estudar a conduta social, interpretando o seu significado subjetivo tal como ele se encontra nas intenções dos indivíduos* (Schutz, 1972:35-36).

Schutz desenvolveu conceitos weberianos acrescidos dos conhecimentos oriundos da psicologia fenomenológica, estabelecendo diferentes significados que alguns conceitos assumiam quando usados em contextos diferentes. São conceitos com raízes no trabalho de Weber: ação subjetivamente significativa, compreensão através de observação e motivação, interpretação subjetiva e objetiva.

Ao estabelecer a sociologia compreensiva do mundo da vida, Schutz fala de grupos sociais e de comunidade de vida intersubjetivamente consciente, enquanto Weber menciona classes sociais e estamentos sociais. Weber constrói categorias de tipos ideais para compreensão das relações sociais. Schutz se *ergue a partir do mundo social comum a todos nós, e os tipos sociais não são fixos, há margem para o imponderável, pois podemos deixar de desempenhar o papel que o tipo nos havia imposto* (Capalbo, 1998:91).

A fenomenologia sociológica de Schutz faz uma síntese dos trabalhos de Husserl e Weber, abordando os pontos considerados mais

fundamentais da teoria de ambos, através da relação, adaptação e modificação de componentes relevantes, transformando nas bases de uma teoria fenomenológica das relações sociais.

• Mundo Intersubjetivo

Ao focalizar o mundo-vida em vários ângulos, Schutz estudou as principais dimensões determinantes da conduta de qualquer indivíduo, em que cada indivíduo constrói o seu mundo, com o auxílio de materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros, sendo o mundo da vida um mundo social, envolvendo a ação, conduta e trabalho numa relação interativa com muitas pessoas, um mundo preestruturado para o indivíduo.

O mundo-vida, entendido como mundo natural e social, é o cenário que põe limites à ação do homem e a ação do homem em interação com outros. Para tanto, o mundo cotidiano não é um mundo privado, mas um mundo intersubjetivo, sendo a realidade fundamental e iminente do homem, no qual ele pode intervir e modificar de acordo com os seus interesses particulares (Schutz, Luckmann, 1973).

O mundo tem sentido não somente para o indivíduo, mas também para quem com ele vivencia as experiências. A experiência do homem no mundo se justifica e corrige mediante a experiência dos outros, com quem se interrelacionam conhecimentos, tarefas e sofrimentos comuns. O mundo é interpretado como o possível campo de ação de todos nós (Schutz, 1964).

O indivíduo vivencia o mundo como algo compartilhado pelos seus congêneres, como um mundo social. A compreensão geral que ele tem da vivência de outra pessoa se baseia nas próprias vivências que ele tem dela. Uma vez suposta a existência do tu, já se entra no domínio da intersubjetividade (Schutz, 1972).

O mundo cotidiano, mundo do sentido comum, mundo da vida diária são diversas expressões que indicam o mundo intersubjetivo experimentado pelo homem dentro do que Husserl denomina da 'atitude natural'. O mundo do sentido comum é o palco da ação social, pois é nele que os homens entram em mútua relação e buscam se entender uns com os outros, assim como consigo mesmo (Natanson, 1962).

Schutz defende o argumento de que o mundo da minha vida diária não é um mundo meu privado, mas sim um mundo intersubjetivo, compartilhado com seus semelhantes, *vivenciado e interpretado por outros, é um mundo comum a todos nós* (WAGNER, 1979 p.159). Em qualquer momento da existência, a situação biográfica é numa escala muito pequena feita pelo próprio homem. Na interação social, os objetivos do seu semelhante, em certo sentido, se lhe impõem (Schutz, Luckmann, 1973).

• Ação e Conduta Social

A atuação do homem no mundo cotidiano é permeada por conduta e ação social. A conduta social está relacionada às vivências conscientes intencionalmente relacionadas com outro eu que emergem em forma de atividade espontânea. Serão chamadas de ação social, se essas vivências tiverem o caráter de terem sido projetadas previamente. Nessa definição, a conduta social abarcará todos os atos-do-eu específicos, que estão intencionalmente dirigidos para ti como outro eu que tem consciência e duração, como: sentimentos de simpatia e antipatia, as atitudes eróticas e as atividades do sentimento de todas as classes.

As atitudes que eu assumo em cada situação chamam-se conduta. De acordo com Husserl, a conduta é uma vivência de atribuição de significado da consciência, que é um *ato do eu ou alguma modificação de um ato*

semelhante. Definimo-la como uma vivência da consciência que contém significado mediante atividade espontânea. A conduta é uma vivência pré-fenomenológica. Ela é uma série de vivências que se distinguem de todas as outras por uma intencionalidade primordial da atividade espontânea(Schutz,1972:84-86).

As ações sociais supõem comunicação, e toda comunicação se baseia em atos para comunicarmos uns com os outros. Schutz define ação como a conduta humana projetada e dotada de propósito pelo ator de maneira autoconsciente. Ela se origina na consciência do ator. O termo ato designa a ação realizada(Schutz, 1962).

Se a minha conduta no mundo social foi projetada, ela é uma ação social, principalmente quando dirijo a minha atenção para a consciência do outro em busca de perceber o que ocorre dentro dela, que significa compreender as vivências da outra pessoa e a sua motivação.

• Situação Biográfica

A experiência do mundo da vida tem um ordenamento espacial, temporal e social imutável. Cada nova experiência tem um conhecimento em seu horizonte de experiência. A estrutura da experiência subjetiva do mundo da vida é um elemento fundamental do acervo de conhecimento. A maior parte do acervo de conhecimento é formada pela experiência grupal, bem como as experiências prévias. Inclui, também, de modo natural, *as tipificações de homem em geral, suas motivações tipicamente humanas, pautas de ação, hierarquias de planos e o conhecimento de sistemas objetivos de signos e de linguagem.*

Até agora temos sublinhado a imediatez de minha experiência e de meu semelhante; pois em toda situação concreta na qual me encontro com o outro, levo comigo meu acervo de conhecimento, quer dizer, a sedimentação de minhas experiências passadas...levo um acervo de conhecimento a todo encontro imediato

com um semelhante, as tipificações também desempenham necessariamente um papel de importância na orientação para o Tu e na relação do Nós (Schutz, Luckmann, 1973: 80,90).

Cada indivíduo se situa na vida de uma maneira específica, o que Schutz denominou de situação biográfica. E a vida de cada um transcorre de uma maneira única e com pessoas específicas, os predecessores, que o ajudam a construir a experiência através do seu acervo de conhecimento, o qual leva consigo para o encontro com o outro.

Nascer no mundo significa, antes de tudo, nascer de progenitores exclusivos, e estes constituem para o indivíduo os elementos condutores do seu fragmento de experiência. Cada pessoa segue, durante toda a sua vida, interpretando o que encontra no mundo, segundo a perspectiva de seus particulares interesses, motivos, desejos, aspirações, compromissos religiosos e ideológicos. A situação biográfica define o modo de localizar-se no cenário da ação, interpretar suas possibilidades e enfrentar seus desafios (Natanson, 1962).

Não só a posição do indivíduo no espaço e tempo e na sociedade determina a sua situação biográfica, mas também, a experiência de alguns dos elementos do mundo que lhes são impostos. Muitos desses elementos ele controla ou pode controlar, e outros são principalmente modificáveis. Algumas coisas estão ao seu alcance, outras estão fora dela. Tudo está biograficamente determinado, e a situação atual do ator tem sua história na sedimentação de todas as suas experiências subjetivas anteriores (Schutz, 1962).

O homem está situado biograficamente no mundo, em interação com outros, vivenciando uma orientação para o Tu e uma relação do Nós como expressão da intersubjetividade no mundo da vida. Nessa relação face a face, ele utiliza o seu estoque de conhecimento à mão que se modifica

continuamente a partir das experiências, como conseqüências do seu sistema de relevâncias.

Schutz denomina de acervo de conhecimento à mão o que o indivíduo utiliza em qualquer momento de sua vida, o que caracteriza a sua situação biográfica. O acervo de conhecimento é o acúmulo de experiências desde a infância, acrescidas de outras no decorrer da vida. Cada experiência tipicamente apreendida e interpretada serve de base à sua ação seguinte (Natanson, 1962).

No mundo cotidiano, com esse conhecimento à mão, os seres e objetos são percebidos tipicamente dentro de um horizonte de familiaridade. Na relação com o outro, na vida diária, o indivíduo lança mão do seu acervo de conhecimento. Todas as suas experiências já vivenciadas influenciam no seu encontro face a face com o outro.

• A Relação Face a Face

A relação face a face é a principal forma de encontros sociais. Para Schutz, a situação face a face especifica o tipo de relacionamento do Nós, que seria a orientação para o Tu correspondida pelo outro, em que ambos se voltam intencionalmente um para o outro. A situação face a face só se produz numa relação de espaço e tempo, sendo uma experiência direta entre pessoas (Wagner, 1979; Capalbo, 1998).

O semelhante só é experimentado de forma direta quando compartilha com outro um setor comum de espaço e tempo envelhecendo juntos. A imediatez temporal e espacial é característica essencial da situação face a face. Uma situação face a face se constitui da orientação para Tu e do relacionamento do Nós. A orientação para o Tu é unilateral, é uma

experiência pré-predicativa de um semelhante presente aqui e agora. Quando a orientação para o 'Tu é recíproca, ela se constitui um relacionamento do Nós.

A característica essência da orientação para o Tu é o reconhecimento que um semelhante está diante de mim; esta orientação não pressupõe que eu saiba quais são exatamente as características particulares desse semelhante...Minha experiência do semelhante é direta a medida em que participo abertamente na relação do Nós, quer dizer, na medida em que tomo parte da corrente comum das nossas experiências. Se penso e reflito acerca de nossa experiência, este caráter direto se rompe e devo interromper minha participação direta na situação face a face(Schutz, 1964:37).

A cada situação face a face vivenciada, que são as experiências subjetivas do mundo da vida, o homem define o seu novo acervo de conhecimento. O meio mais importante para objetivação do conhecimento é a linguagem. A aquisição do conhecimento é idêntica à sedimentação de toda a experiência efetiva unidas, segundo a significatividade e a tipicidade(Schutz,Luckmann,1973).

• As Estruturas de Significatividade

A significatividade é o caso mais importante e mais difícil na descrição do mundo da vida. Todas as experiências e todos os atos se fundam nas estruturas de significatividade. Toda decisão introduz uma série de significatividades. As diversas formas de significatividade são: temática (imposta, motivada e hipotética); interpretativa (imposta e motivada); motivada (contexto para e contexto por que).

Na significatividade temática, examinam-se as advertências rápidas do tema e suas ponderações. As tematizações relacionam-se com o domínio da situação e com os aspectos biograficamente condicionadores da personalidade. Quanto à interpretativa, o fluxo da experiência não se interrompe e há relação entre o tema e os elementos do conhecimento, o que

basta para o domínio rotineiro da situação. Esses dois tipos de significatividade estão ligados com o vínculo motivacional, que é a estrutura determinada pelo projeto de ação futura(contexto para) e pela atitude biográfica determinada por motivos sedimentados(contexto por que) (Schutz, Luckmann,1973).

O motivo para é o contexto de significado dentro do qual se encontra uma determinada ação como projeto do ato de um determinado ator. O projeto se refere, em forma retrospectiva, a atos passados, análogos, já projetados. Esses atos passados se reproduzem na consciência da pessoa que formula um novo projeto. Para se projetar um ato, deve-se saber como se realizaram os atos passados semelhantes. Todo ato projetado 'interpreta' o significado que se constitui na ação projetada, referindo retrospectivamente a atos análogos(Schutz,1972).

A autêntica *motivação por que* tem caráter de *pretericidade*. O motivo por que explica o projeto em função das vivências passadas do ator. Para apreender os autênticos *motivos-por que*, deve-se investigar a origem deste projeto que, considerado como um produto, é o *significado de sua ação*. A constituição do *motivo-para* da autointerpretação ocorre como resultado de um autêntico *motivo-por que* só pode ser representado no tempo mais-que-perfeito. *Esta complicada situação se chama 'interesse' na vida cotidiana.*

Na intencionalidade vivente da relação social direta dos partícipes, face a face, suas correntes de consciência estão sincronizadas e engrenadas uma em outra, cada uma delas atua de forma imediata sobre a outra, e o *motivo-para* de uma se transforma no motivo-porque da outra. Os motivos se complementam e convalidam entre si como objetos de atenção recíproca(Scutz, 1972).

• A Tipicidade

Quanto à tipicidade, Schutz ensina que o mundo fatural de nossa experiência é vivenciado como típico. O objeto que foi apreendido na percepção real é aperceptivamente transferido para qualquer outro objeto semelhante, como seu tipo. Porém, na sua tipicidade, o objeto provará possuir características individuais. Ele relata que, quando uma coisa ou evento é suficientemente relevante para merecer um nome separado, é o resultado de um sistema de relevâncias, pois há a construção de um tipo. E cada um desses tipos tem seu modo típico de ser vivenciado e o *próprio conhecimento desse modo típico é um elemento de nosso estoque de conhecimento à mão*(Wagner, 1979:117)

As tipificações, no nível de sentido comum, emergem da experiência cotidiana do mundo, sem nenhuma formulação de juízos, nem formulação clara com sujeitos e predicados lógicos. O conhecimento dessas tipificações é um elemento inseparável da herança sociocultural transmitida à criança por seu pai ou outros antecessores e professores. A soma dessas tipificações constitui um marco de referência, através do qual não só o mundo sociocultural é interpretado, mas também o físico. *Todas as tipificações do pensamento do sentido comum são em si mesma elementos integrantes do mundo da vida sociocultural histórico concreto, dentro do qual regem como propostas socialmente aprovadas.* (Schutz, 1964; 1962:149).

A tipologia é como uma estrutura conceitual analítico-descritiva, inconfundível com a teoria explicativa. *Ela contribui para o erguimento de um quadro conceitual descritivo, que tem poder de generalização.* Ela deve sintetizar os quadros típicos de um fenômeno social, tornando possível sua inteligibilidade. Para Schutz, *as tipificações devem levar em consideração a angústia existencial;* os tipos sociais não fixam o ator social, há liberdade, e o papel que o tipo havia imposto pode não ser desempenhado(Capalbo, 1998: 85,91).

No mundo cotidiano, as pessoas passam a serem típicas de acordo com o nível de suas relações sociais. A designação dos semelhantes para Schutz é assim estabelecida: predecessores são aqueles que viveram antes da época atual, o qual é conhecido através dos informes dos outros; um contemporâneo é quem coexiste com a pessoa, mas que não é vivenciado imediatamente, mas com quem é compartilhada uma realidade temporal; um associado é aquele com o qual é compartilhada uma relação face a face, no mesmo fragmento espacial do mundo, e o sucessor é o que viverá após a morte da pessoa que se relaciona. Em todas as relações sociais, os predecessores, os contemporâneos, associados e sucessores são situados e interpretados, de várias maneiras, por meio das tipificações da vida do sentido comum (Natanson, 1962; Wagner, 1979).

• A Compreensão

Quando atuo como um cientista social, capto as vivências dos outros, não simplesmente como um ser humano comum, mas tratando-as como objeto de pensamento e captando-as à medida que ocorrem. Isto porque esses atores estão no mundo e envolvidos em tipos de relações sociais. Eles têm situação biográfica definida e um estoque de conhecimento à mão. Possuem interesses, motivos e aspirações, têm uma concepção do mundo em que vivem e deles mesmo como viventes no mundo (Schutz, 1972; 1975).

A interpretação do mundo baseia-se num acervo de conhecimentos prévios que são nossos e nos foram transmitidas pelos nossos predecessores. Essas experiências funcionam como um esquema de referência em forma de conhecimento à mão. A compreensão do mundo social só é possível com a compreensão do modo como os homens definem sua situação. Por isso o

sentido que uma ação tem para o ator é único e individual, pois se origina na sua situação biográfica única e particular(Schutz,1962).

Segundo Schutz, a interpretação do mundo da vida cotidiana se baseia num estoque de experiências anteriores a ele, ligadas às nossas próprias experiências e as que nos são transmitidas, que *na forma de conhecimento à mão, funcionam como um código de referência*(Wagner, 1979 p. 72).

Compreender é correlativo de significar, pois só algo compreendido é significativo. O homem em atitude natural só compreende o mundo interpretando suas vivências, quer se trate de vivências de coisas inanimadas, de animais ou de seus congêneres humanos. A compreensão implica a captação do que está ocorrendo realmente na mente da outra pessoa, na apreensão das coisas das quais as manifestações externas são meras indicações (Schutz, 1972).

A interpretação subjetiva do sentido somente é possível revelando os motivos que determinam certo curso da ação. A distinção entre os dois tipos de motivos adquire vital importância para a análise da interação humana.

A ação da outra pessoa é só um corte transversal que o observador extrai do seu contexto. A abstração do ato da outra pessoa dependerá do significado que o observador dá às próprias percepções do ato, bem como o motivo típico que ele atribui. *Portanto o tipo ideal está determinado sempre em si mesmo pelo ponto de vista do intérprete,* variando de acordo com seus interesses e problemas(Schutz, 1972:18).

Schutz considerou que o grande problema das Ciências Sociais era elaborar um método que abordasse de maneira objetiva o sentido subjetivo da ação humana, e considerou estes postulados, descritos a seguir, como

“princípios que governam a construção de modelos científicos da ação humana em geral” e que levariam à tipologia do vivido (Schutz, 1962:67).

A **coerência lógica**, como primeiro postulado, estabelece que as construções típicas devem ter alto grau de clareza e nitidez e que o esqueleto conceitual deve ser compatível com os princípios da lógica formal. O cumprimento deste postulado garantirá a validade objetiva dos modelos construídos, distinguindo os objetos do pensamento científico dos objetos do pensamento do sentido comum.

O postulado da **interpretação subjetiva** preconiza que, para explicar as ações humanas, deve-se perguntar que modelo de mente individual é possível construir e que conteúdo típico se deve atribuir para explicar fatos observados como resultado da atividade da mente, numa relação compreensível.

A **adequação** estabelece que cada termo de um modelo científico da ação humana deve ser construído de forma que um ato humano, efetuado no mundo-vida por um ator individual, da maneira indicada pela construção típica, seja compreensível tanto para o ator como para seus semelhantes, em termos de interpretações do sentido comum da vida cotidiana (Schutz, 1962; 1964).

Para compreensão do mundo social, não basta remeter o fato que se examina a outros fatos ou coisas, mas reduzi-lo à atividade humana no qual foi criado e referir esta atividade humana aos motivos que a originaram.

Não compreendo uma ferramenta se não conheço os motivos para qual foi destinada, um signo ou um símbolo sem conhecer o que representa, uma instituição se não estou familiarizado com seus objetivos, uma obra de arte se deixo de lado as intenções do artista que a fez. (Schutz, 1964:23)

Ao delinear o pensamento de Schutz neste trabalho, busquei suporte para a compreensão do tipo familiar de *crianças-problema* na escola e o significado da ação social de cada família no relacionamento do nós e como se percebem nessa relação.

Ao expressar o seu tipo vivido familiar, as famílias lançaram mão do seu acervo de experiências, bem como definiram suas relações intrafamiliares, tipificando-as dentro de um sistema de relevâncias.

É impossível desenvolver um trabalho com famílias sem antes conhecer como este grupo define a sua situação no mundo. A sua situação biográfica precisa ser conhecida para que intervenções sejam propostas. O acervo de conhecimento à mão usado pela família precisa ser compreendido. Como, então, promover a saúde mental em famílias se, não considero as relações sociais em sua essência e, não estabeleço um paralelo reflexivo do encontrado com o teórico? Somente compreenderei o todo se olhar para o particular, não esquecendo de a ele voltar para uma nova interpretação. O referencial de Alfred Schutz suscita questões que podem colaborar na pesquisa com famílias.

CAPÍTULO 3

O CAMINHO PERCORRIDO

CAPÍTULO 3

O CAMINHO PERCORRIDO

Por buscar conhecer o tipo vivido familiar de crianças consideradas problema pela escola, este estudo aconteceu em dois momentos e cenários diferenciados e complementares: a instituição escolar e o contexto familiar. Inicialmente, lancei mão dos depoimentos dos professores de uma escola para tipificação da criança-problema para selecionar as famílias que participariam dos estudo. Como fonte de dados, foram realizadas observações dos comportamentos dos atores sociais, e as descrições das experiências vivenciadas pelas famílias obtidas pela entrevista.

Ao trabalhar com esse fenômeno, fez-se necessário utilizar uma abordagem qualitativa, pois as experiências da vida cotidiana são o ponto de partida para que eu chegasse ao tipo vivido das famílias. Para Morse & Fiel (1996), a pesquisa qualitativa nos habilita a construir um senso da realidade, a descrever o mundo social; e fazer esse tipo de pesquisa requer que o pesquisador seja metodologicamente versátil, tenha um conhecimento extensivo de Teoria das Ciências Sociais, seja hábil na interação com os outros e seja persistente. Requer, principalmente, que o pesquisador faça constantes distinções entre o seu mundo e o mundo do outro. Em pesquisa qualitativa, o pesquisador inicia a coleta dos dados através de observações e descrição do fenômeno e como ele ocorre na vida diária.

• Encontro com os Professores

O primeiro momento da pesquisa foi realizado em escola pública do sistema Centro Integrado de Escola e Saúde- CIES, num bairro de periferia da cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil, por ser um complexo de assistência à educação e à saúde e onde há uma direção única para os dois setores, teoricamente com objetivos sintonizados, o que facilita o desenvolvimento de ações voltadas à promoção da saúde mental, no trabalho com famílias de escolares.

Mantive um contato inicial com a escola como forma de torná-la ciente da proposta de estudo que se pretendia desenvolver, primeiramente com a direção e após com os professores, com a qual todos concordaram em colaborar. Solicitei a prévia autorização para que o encontro se iniciasse.

Senti no encontro grupal com os professores que eles estavam encontrando, naquela proposta de trabalho, uma opção para minorar as dificuldades encontradas em lidar com as *crianças-problema* e suas respectivas famílias. Procurei a elas esclarecer que inicialmente seria feito um levantamento de dados e, que havia a intenção de, após o término do estudo, atuar junto a essas crianças e famílias. A partir de então, comecei o encontro com os professores, individualmente, buscando conhecer o que para eles era uma criança-problema, quais as crianças que eles identificavam como problema e os critérios que eles utilizavam para tipificar cada criança.

Com um roteiro semi-estruturado e com horário e data marcados antecipadamente, aconteceram os encontros. Todos foram realizados na escola, por preferência dos professores. Participaram dessa fase dez professores, de quatorze turmas, sendo três da educação infantil e onze do ensino fundamental.

Os professores mostraram-se abertos em colaborar com o estudo, não colocando nenhuma objeção em deste participar. Apenas, por não terem muita disponibilidade de horário, por possuírem outras atividades extra-CIES, os encontros eram realizados geralmente em fins de expediente ou em intervalos de aulas quando eles estavam livres, sendo que alguns chegaram a ser entrevistados, em seu período de férias. Esta fase diagnóstica da pesquisa durou cerca de dois meses (dezembro/99 a Janeiro/2000).

Durante os encontros, ao serem abordados sobre *criança-problema*, eles associavam principalmente a questões de distúrbios de aprendizagem. Nesse instante, era esclarecido que se tratava de crianças que eles consideravam com alteração de comportamento em sala de aula. O encontro face a face com os professores se deu de forma espontânea, não havendo manifestação de dificuldade em verbalizar a sua experiência subjetiva do mundo da vida. Nesse encontro social, eles lançaram mão da significatividade da *criança-problema* dentro do seu acervo de conhecimento e quais as que eles assim tipificavam.

Para eles, *criança-problema* era aquela que apresentava inquietação em sala de aula, não se submetendo aos limites estabelecidos pela professora. Os que tinham comportamento agressivo (batiam nos colegas) ou adotavam uma linguagem pornográfica eram logo citados. Apenas, uma professora mencionou uma aluna que apresentava dificuldade de relacionar-se com os colegas, mantendo-se isolada, sem nenhuma interação social.

Esta fase do estudo teve apenas a finalidade de identificar as *crianças-problema* para chegar às suas famílias, e ser dado início às visitas domiciliares para observação e entrevistas em busca do tipo vivido familiar dessas crianças.

EM BUSCA DAS FAMÍLIAS

Foram identificadas trinta e seis crianças das quais preenchi uma ficha individual com dados da pasta escolar existente na secretaria da escola. Constava de informações pessoais como: endereço, filiação, profissão dos pais, número de irmãos, casos de doença e/ou vício na família e grau de parentesco, registro de comunicados para os pais ou de comportamento na escola (nem sempre atualizados).

De posse de todos esses dados, mantive contacto com a Secretaria Executiva Regional - SER VI (a administração municipal de Fortaleza é estruturada em Secretarias Regionais, que corresponde a sub-prefeituras), para conseguir um mapa da região assistida pelo CIES, para localizar os endereços das famílias que participariam do estudo. Fui consegui-lo no Centro de Saúde do CIES, o qual ainda estava sendo redimensionado pelas equipes do Programa de Saúde da Família. O mapa das ruas da cidade de Fortaleza foi também utilizado para clarear alguns pontos obscuros. Os agentes de saúde colaboraram com a identificação das diversas ruas, como também orientaram sobre os locais de mais difícil acesso e quanto aos mais perigosos.

De acordo com informações da SER- VI, o CIES Profa. Vicentina Campos é responsável pela cobertura de aproximadamente 9579 famílias subdivididas em onze áreas. Dessas onze áreas, seis são consideradas de risco no que diz respeito a atenção à saúde. A região é constituída em sua grande parte por assentamentos (terrenos que são ocupados por famílias para moradia), uns já consolidados e outros ainda em andamento. O nível sócio-econômico da maioria das famílias que lá residem é baixo, com grande número de pessoas nas ruas, desocupadas, e em sua quase totalidade de homens em fase produtiva. Durante o período de coleta de dados, ouvi com freqüência em vários meios de comunicação da Cidade, bem como dos

próprios moradores, notícias de assaltos, homicídios, agressões e outros tipos de violência no bairro. Toda essa realidade deixou-me um tanto receosa, mas mesmo assim prossegui com o estudo.

Verifiquei que algumas famílias das crianças tipificadas como problema não pertenciam as áreas de cobertura do CIES, e sim à Regional IV - área vizinha. Mas, essas famílias participaram do estudo, pois considerei como sujeitos da pesquisa as famílias de criança do CIES, independentemente da área de abrangência, desde que morassem próximo a escola.

A seleção inicial das famílias ocorreu a partir das crianças percebidas como problema pela escola e que esta identificação estivesse relacionada com a alteração de comportamento e não especificamente com o rendimento escolar. A seleção completa se deu após a aceitação das famílias em participar do estudo.

Das trinta e seis famílias, participaram do estudo dezessete, pois não foi encontrado o endereço de seis; quatro domicílios encontraram-se sempre fechados, após quatro visitas em horários e dias variados; na ficha escolar de uma criança, não constava o endereço, e oito moravam em uma ocupação (assentamento) considerada pela Associação de Moradores de grande periculosidade, havendo a orientação de que a entrada na comunidade só deveria ser feita com a presença ou de um agente de saúde ou de um membro da Associação, que eram pessoas autorizadas pelos marginais do local. Porém, a região não se encontrava no momento coberta por um agente de saúde e não havia nenhum membro da Associação de Moradores disponível para me acompanhar, pois estava sendo redimensionado o número de famílias e domicílios para a instalação do Programa de Saúde da Família - PSF, e eles já estavam acompanhando a equipe coordenadora do Programa.

Com os endereços das famílias a serem entrevistadas, iniciei o reconhecimento do local, bem como a situação geográfica das ruas e travessas nos mapas que dispunha. Como não conhecia a região, o primeiro passo foi dar um passeio no bairro. Procurei identificar a localização das vias públicas das respectivas famílias, como forma de me situar melhor e apressar as visitas. Nesse momento, contei com o auxílio dos agentes de saúde do CIES. Já em busca dos endereços, contava com a orientação dos moradores que encontrava pelo caminho.

• A Observação e a Entrevista

Para descrever a dinâmica familiar da *criança-problema*, foram realizadas observações da dinâmica familiar e entrevistas fenomenológicas com as famílias, sendo marcado antecipadamente o horário deste encontro social, de acordo com o entrevistado, que aconteceu sempre em sua residência, inclusive a compreensão do típico familiar da criança neste contexto. As entrevistas foram, inicialmente, transcritas em sua íntegra para que não se perdesse nenhum detalhe do que foi verbalizado, e para posteriormente, serem reduzidas. Eram realizadas anotações de suas expressões extraverbais. Após cada encontro com a família eram realizadas anotações, no diário de campo, das observações realizadas. Havia também um diário de registro pessoal, onde foram feitas as minhas observações de como me sentia no campo e na relação face a face com as famílias.

Para Schutz (1990), no pensamento do sentido comum teremos a possibilidade de compreender a ação do outro de maneira suficiente para o nosso propósito à mão, e, para aumentar essa possibilidade devemos investigar o sentido que tem a ação para o ator, pois captar o sentido subjetivo

dos atos do ator pelo observador é uma probabilidade que pode ser suficiente para muitos fins práticos.

Na compreensão de Wagner(1979), para Schutz, a observação social direta é unilateral e no relacionamento face a face a orientação para o tu é recíproca entre os parceiros. No entanto, a observação social direta pode ser convertida numa relação face a face. Toda experiência complementar que o observador tem da outra pessoa aumenta o seu conhecimento sobre ela.

Em um instrumento específico, foram registradas informações referentes às condições de vida da família como forma de caracterizar a estrutura familiar no que diz respeito à quantidade de pessoas que moram na casa e grau de parentesco com a criança, renda familiar e de onde provêm, tipo de moradia, número de cômodos, estrutura de rede de água, esgoto, energia, e pavimentação.

O início da coleta dos depoimentos se deu após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, bem como do fato de ter sido assegurado a confidencialidade e a privacidade dos seus depoimentos, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos que participaram da pesquisa. Foram observadas as normas legais e éticas para pesquisa científica, que envolvem seres humanos estabelecidas pela Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996(Conselho Nacional de Ética em Pesquisa– CONEP, 2000).

Há um consenso, entre cientistas sociais, segundo o qual pesquisa envolvendo seres humanos deve possuir um consentimento dos participantes, considerando tanto os seus valores culturais como legais, e este é absolutamente essencial quando os participantes são expostos a riscos substanciais. O direito à privacidade facilmente é violado durante pesquisas. Pesquisadores devem separar a identidade dos atores das informações que são dadas por eles, bem como considerá-las como confidenciais, principalmente se

tal for solicitada como garantia pelos participantes(Nachmias & Nachmias, 1997; Miles & Huberman, 1994).

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos sujeitos participantes desta pesquisa, os quais foram esclarecidos quanto à importância do uso do gravador para a fidedignidade dos seus depoimentos no decorrer da transcrição. Nenhuma família deixou de consentir, apenas algumas mostraram-se inseguras, mas tal sentimento foi aliviado após os encontros seguintes, bem como, após terem sido informados que não seriam identificados, e que suas identidades estariam em completo sigilo. Foram seguidas as normas legais e a ética da pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução há pouco citada.

A entrevista fenomenológica permite que o sujeito penetre na sua verdade, pois, na intersubjetividade do diálogo, pelo qual expressa o mundo também pelo seu comportamento, ele explicita tudo o que seria dito ou realizado, deixado de dizer e/ou de realizar, revelando o que pode ou não ser realizado (Carvalho, 1991).

Nas entrevistas, não encontrei, nenhum empecilho das famílias. Estas se mostraram sempre solícitas a fornecer as informações. Sempre no primeiro encontro, percebia certos receio e timidez, mas procurei tornar o contato inicial apenas um momento interativo e agradável, em que muitas vezes os atores já utilizavam para um desabafo de momentos de sua existência mundana e já nos tornávamos associados, contemporâneos . Enfim, as famílias se mostraram abertas a colaborar com o estudo. Tive boa receptividade, pois sempre expressavam interesse em saber como eu havia chegado até elas. Era quando mencionava que havia iniciado o meu trabalho pela escola(CIES).

• Relação Face a Face com as Famílias

O encontro com os sujeitos dessa pesquisa se deu numa relação face a face, pois somente assim pude perceber o outro e conhecê-lo, captando a sua ação subjetivamente significativa no mundo vida. As suas palavras e atos tinham para mim significado, e os seus contextos de motivação na relação foram considerados, pois somente assim tive uma idéia da complexidade da compreensão do outro.

Para Schutz, é somente numa interação que posso endereçar uma pergunta a alguém, sendo “essencial na relação face a face o fato de você e eu termos o mesmo ambiente”. Os encontros face a face dão um “profundo conhecimento pré-predicativo do Tu como um eu”. Nessa relação, “posso captar os pensamentos do outro num presente ‘vívido’, conforme eles se desenvolvem” (Wagner, 1979 p.189, 188, 219). As palavras dos meus semelhantes são, antes de tudo, signos em um contexto objetivo de significação, sendo também indicações do sentido subjetivo que tem para ele todas as suas experiências, inclusive as do presente (Schutz, Luckmann, 1973).

Encontrei certa dificuldade em marcar visitas a algumas famílias em razão do horário. Cheguei, muitas vezes, a encontrar a casa fechada ou a não encontrar a pessoa informante, mesmo quando o encontro havia sido marcado. Os locais nem sempre eram de fácil acesso, pois não havia passagem para veículos em muitos domicílios. Em vários momentos, me senti atemorizada pelo isolamento dos locais, pela presença de muitas pessoas sem ocupação nas ruas, principalmente pelos altos índices de violência registrados na área.

Sempre percorria longas distâncias em caminhada em busca do domicílio das famílias a serem entrevistadas. Em cada visita, eram feitas anotações do diário de campo das minhas impressões durante as entrevistas e

das observações realizadas no decorrer do encontro social. Costumava também registrar os meus sentimentos e percepções quanto às experiências da vida cotidiana dos atores envolvidos. Muitas vezes, experiências de dor, de sofrimento e também de enfrentamento a essas situações não muito comuns no meu mundo intersubjetivo.

Nos meus registros no diário pessoal, constava muito sofrimento nas famílias, onde o álcool, as desavenças, as dificuldades financeiras eram os maiores problemas. O campo não foi tão fácil, pois o local era estranho, podendo ser até perigoso. Muitas pessoas ficavam na rua. Quando passava, as pessoas me acompanhavam com o olhar, reconhecendo-me como estranha ao ambiente. Ficava muitas vezes na dúvida de quando parar. As famílias eram muito receptivas. Elas sempre me falavam tão intimamente dos seus problemas como se já me conhecessem há algum tempo. Não se sentiam intimidadas. Cheguei até a presenciar uma separação em que a mãe estava juntando suas coisas para ir embora de casa com os dois filhos. Nesse momento, me senti mal, uma intrusa, mas eles não me viram assim, fui chamada inclusive a opinar. É uma realidade muito difícil. No final do dia me sentia exausta. Quando fazia entrevista nos dois turnos (manhã e tarde) é quando me sentia mais cansada.

Após o primeiro contato e a quebra da timidez iniciava a entrevista sempre perguntando sobre como eram as crianças (tipificadas como problema) em casa e como era o relacionamento dela com o pai e/ou a mãe e deles com o filho. Quando percebia que havia abertura para que fossem questionados sobre como era a convivência familiar como um todo, assim o fazia. Na maioria das vezes, esse assunto brotava na própria conversa, sem que fosse preciso estimular ou interrogar. Um encontro apenas não foi suficiente, pois nem sempre era possível coletar todas as informações no primeiro momento. Realizei de dois a quatro encontros por família, num total de quarenta e

quatro. Cheguei, em algumas delas, a fazer mais de seis visitas, pelo fato de não encontrá-las nem sempre disponíveis à entrevista ou mesmo não estarem em casa, apesar do horário marcado, pois referiam sempre que não se lembravam.

Nossos encontros eram sempre agradáveis. Grande parte das famílias entrevistadas era espontânea e falava do seu mundo cotidiano sem muitos rodeios, como se já nos conhecêssemos há algum tempo. Os encontros foram muito ricos e quase sempre não era necessário o meu direcionamento. Sempre os deixava falar à vontade. Apenas quando necessário, solicitava esclarecimentos de termos ou situações.

Antes de começar a entrevista, procurava identificar, através da observação e das conversas informais, quem seria meu informante-chave. Foram entrevistados pai, mãe, pai e mãe, tio(a), avó, avô, geralmente a pessoa que cuidava da criança. Após essa identificação, iniciava a entrevista deixando-os falar livremente das suas vivências, do seu mundo social, do seu tipo vivido na família e ouvia-os reflexivamente. Após o término da entrevista, sempre que necessário, marcava o encontro posterior para dar continuidade à descrição das experiências do sentido comum da sua vida cotidiana. O relacionamento face a face com cada família durava entre seis minutos a uma hora e quarenta e cinco minutos. E todos aconteceram em seus domicílios com horários e datas marcados a partir do primeiro contato. As entrevistas foram transcritas e, logo após, eram sendo realizadas e integradas às observações feitas naquele encontro. Aos atores sociais foram dados nomes fictícios, mantendo suas identidades em sigilo.

Tive a intenção inicial de abarcar todas as famílias, mas não me foi possível. Finalizei a coleta dos depoimentos em cada família quando percebi a repetição dos motivos nos conceitos vividos. A partir das convergências e divergências encontradas nos depoimentos, busquei apreender o significado

subjetivo da ação pesquisada e captar as categorias concretas do vivido construindo o tipo vivido, das famílias das crianças tipificadas como problema pela escola.

Para os fenomenólogos, o caminho para um entendimento profundo se dá pela empatia ou interação íntima com o sujeito. Eles são cuidadosos com a condensação do material. Eles assumem a idéia de que é através de leituras repetitivas do material-fonte, e por meio de vigilância sobre as pressuposições, que se pode alcançar o mundo-vida do informante, capturando a essência, o que é presente através de múltiplas variações. Esta aproximação leva ao entendimento prático dos significados e ações (Miles & Huberman, 1994).

• A Compreensão do sentido

Em relação ao material coletado, havia uma preocupação constante de como fazer a análise, respeitando toda a orientação da fenomenologia sociológica de Schutz. Eram momentos difíceis e cheios de interrogações, pois era necessário que suspendesse toda a dúvida concernente à existência do mundo da vida cotidiana. Quanto a isso, Schutz & Luckmann (1973) anotam que na *epoché* da atitude natural o homem não suspende suas crenças na existência do mundo externo e seus objetos. Pelo contrário, suspende toda a dúvida a respeito da sua existência. O que põe entre parênteses é a dúvida em relação a si, ao mundo e seus objetos, pois estes podem ser diferentes de como se lhe aparecem.

Para compreensão da ação vivenciada pelas famílias das *crianças-problema*, foram obedecidos os seguintes passos: descrição das vivências a partir dos depoimentos obtidos por meio da entrevista fenomenológica para alcançar a tipologia do vivido; interpretação das vivências, a partir do tipo

vivido, à luz da fenomenologia social de Alfred Schutz; busca da compreensão por meio da análise interpretativa (Moreira, 2000 – notas de aula).

Para tanto, foram realizadas leituras atentas dos depoimentos transcritos para poder captar aspectos gerais da situação vivenciada e a relevância dos sujeitos envolvidos; identificação de categorias concretas, a partir dos depoimentos; releitura cuidadosa dos depoimentos para a extração e registro de trechos das falas, tendo como referências as categorias concretas identificadas; e construção do tipo vivido, mediante os aspectos de maior significado para os atores da ação (Parga Nina apud Tocantins, 1993).

Para Schutz & Luckmann (1973), toda interpretação pressupõe estruturas temáticas de significatividade, e deve haver um entrelaçamento entre essas estruturas, o tema e os elementos do conhecimento. Toda interpretação pressupõe tematizações anteriores e que, por outro lado, no curso de uma interpretação, podem se incorporar novos temas no decorrer da experiência.

Compreender é *tomar junto*, é *abranger com*, é apreender o sentido. O horizonte da compreensão é um horizonte sempre aberto, em que o sentido é parcialmente abarcado pela interpretação. É o círculo hermenêutico, no qual a compreensão do singular se dá pelo todo e a interpretação do todo pelo singular (Moreira, 2000- notas de aula).

Para Palmer (1969), a hermenêutica se define como o estudo da compreensão das obras humanas, transcende as formas lingüísticas de interpretação. Ela se apresenta sob a forma de três orientações básicas e fundamentais do seu sentido. A primeira significa exprimir em voz alta, dizer – a palavra tem que deixar de ser palavra e ser evento; a segunda é explicar, dar ênfase ao aspecto discursivo da compreensão; e, na terceira interpretar, significa traduzir.

A compreensão do sentido das experiências expressas pelos sujeitos foi buscada junto à hermenêutica, que é o instrumento para compreensão. E é nesse círculo hermenêutico que o tipo vivido das famílias das crianças-problema foi construído, considerando que não captaremos a realidade do mundo, mas somente certos aspectos dela.

CAPÍTULO 4

TIPO VIVIDO DAS FAMÍLIAS

CAPÍTULO 4

TIPO VIVIDO DAS FAMÍLIAS

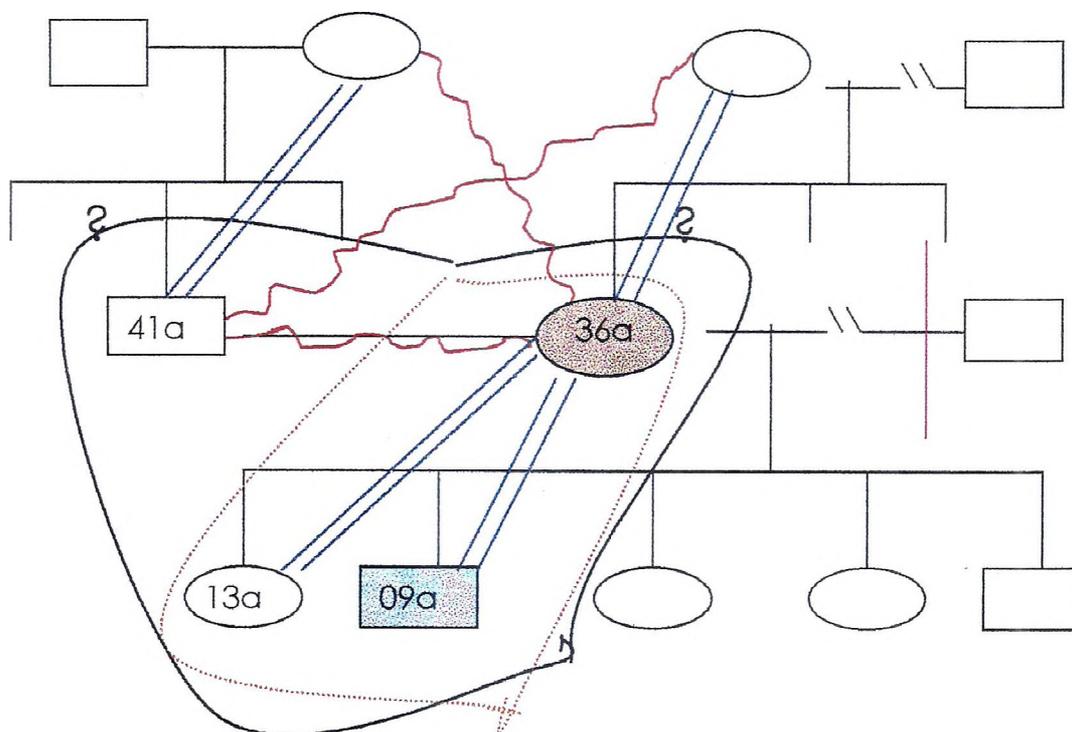
Foi feita uma descrição de cada uma das dezessete famílias entrevistadas em sua singularidade, no sentido de compreender o seu tipo familiar vivido, descrevendo as múltiplas realidades presentes no seu mundo cotidiano, bem como a intersubjetividade de suas relações.

Cada família está representada pelo nome da criança considerada problema na escola. As do sexo masculino iniciam pela letra J (José) e as do sexo feminino por M (Maria). Todos os nomes utilizados são fictícios e estão apresentados por ordem de acordo com a primeira visita ao domicílio. São as famílias de: Jairo, Jamil, Joel, José, João, Josa, Maria, Justo, Jader, Maísa, Jarbas, Jaime, Júlio, Jeca, Jacó, Mara e Jadas.

A apresentação do genograma de cada família virá antes da descrição como forma de deixar mais claras quais as relações parentais. Serão apresentadas as principais relações afetivas em cada grupo familiar. A seguir se encontra uma legenda que esclarecerá o mapeamento de cada família entrevistada. Os números encontrados nos retângulos e círculos são as idades das pessoas que compõem a família.

-  - Homens
-  - Mulheres
-   - Criança-problema
-   - Informante
-  - Filho adotivo
- - Namoro
- _____ - Casados ou união estável
- __ \\ __ - Separados
-  - Sobrinha
-  - Envolvimento
-  - Conflito
-  - Rompimento do contato
- + - Óbito
-  - Moram na mesma casa
-  Subsistema
- ? - desconhecimento

- Família de Jairo



Esta família é formada pelo padrasto, mãe, filha, filho. Não há nenhum filho da segunda união da mãe. São, no total, cinco filhos do primeiro casamento, sendo que três são criados pela ex-sogra. O ex-marido dá uma cesta básica todos os meses para os filhos, mas a mãe apenas leva para os que são criados pela avó paterna. Todos os meses ela vai visitar os outros filhos que moram em uma cidade do interior, levando-lhes os alimentos. Não mantém nenhum contato com o marido anterior. O mesmo tem outra esposa e filhos. Mora com o atual companheiro há seis anos. Já trabalhou em uma fábrica de redes, estando atualmente desempregada. A renda familiar é de dois salários mínimos, proveniente do marido, que é contínuo.

Durante a entrevista, manifestou grande insatisfação quanto ao seu relacionamento. Afirmou ser humilhada pelo fato de estar sendo sustentada, ela e seus filhos, pelo marido. Menciona com expressão segura que não sente mais nada pelo companheiro. Durante os encontros, fez menção ao seu

relacionamento sexual com o companheiro, afirmando que ele é impotente, *não sentindo mais nada no sexo*. Não se considera satisfeita, pois já tem dois meses que eles não mantêm nenhum contato sexual. Afirma que ele não tem *juízo*. E que faz uso de droga (maconha e álcool), desde a adolescência. Assegura que logo que encontre um lugar para onde ir sairá de casa, pois apanha bastante do marido, mas que também revida na medida do possível. Ele é viúvo e sem filhos.

Afirma que a filha não quer estudar, nem ir para a escola e que ela gostaria de ser empregada doméstica, trabalhando em casa de família, pois já ajuda na residência de uma assistente social perto da sua casa. Acha que sua filha gosta mais dessa senhora do que dela. Conta que o filho é desobediente e que tem a boca muito solta, dizendo muita pornografia; não gosta de estudar e que quando ele não obedece, ela bate nele.

Mora em casa própria de alvenaria, com quatro cômodos. Tem energia elétrica e água da companhia de água e esgoto, porém não há sistema de encanação dentro da casa. O lixo é recolhido pela coleta pública. A rua é pavimentada com asfalto. Faz uso de transporte coletivo e/ou bicicleta.

Não há um relacionamento amigável seu com a família do marido, nem dele com a família dela. Declara que a sogra não gosta dela, e que só dá razão ao filho. Subsiste, muitas vezes, falta de respeito quando se refere à família um do outro. Ela tem um irmão presidiário e o marido não quer que ela visite, mas ela conta que vai escondido.

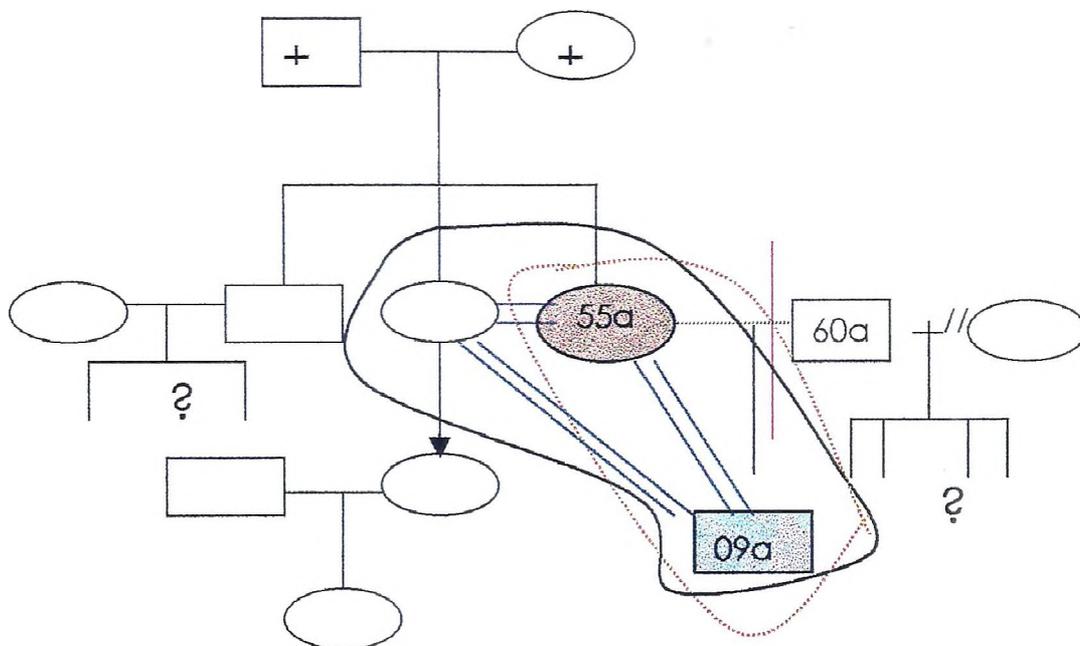
No último encontro, foi presenciada uma briga do casal, na presença dos filhos, na qual ela estava disposta a ir embora. Ao mesmo tempo que arrumava as coisas, chorava e falava o quanto era infeliz, que apanhava muito dele, mas que também batia, pois "não era mais besta, não", e que tinha deixado os filhos com a ex-sogra. Por que não o deixaria? Pois não agüentava

mais tanto sofrimento. Ele se acalmou em um dado momento e pedia para ela ficar calma, depois disse que se ela quisesse ir embora fosse. Chegaram ainda a se agredir com palavras. Depois ele me pediu que falasse com ela para ver se retrocedia na sua decisão. Declarou considerar os filhos da esposa como seus. Não houve jeito, a separação aconteceu. O filho foi com ela para a casa da mãe e a filha foi deixada na casa da assistente social que morava perto e *gostava da menina*.

A sogra afirmou que a nora não tinha responsabilidade e que não pensava nos filhos. Sabia que a mesma não gostava dela porque teve que intervir em uma briga deles. Disse que ela não falava com muita gente da família do ex-companheiro e chamou-a de atrevida. Defendeu o filho, dizendo que este batia na mulher porque ela o desafiava. Afirmou que o seu filho tinha os filhos da esposa como seus e achava que ele ainda gostava dela.

Nesta família, observei sempre presente um clima de animosidade entre marido e mulher e esposo. A mãe de Jairo mostrou-se firme quanto a sua decisão de separação do companheiro e, em nenhum momento, demonstrou qualquer dúvida ou sentimento de perda. Em relação aos filhos, pois não apresentava nenhuma preocupação maior quanto ao futuro, acreditava que *tudo se ajeitava* de uma maneira ou de outra. Mesmo não apresentando problemas financeiros, o casal não se entendia, constantemente se agrediam física e moralmente.

- Família de Jamil



Esta família é composta por três membros - a mãe, o filho e a irmã. Jamil e sua mãe moram com a tia (irmã da mãe). Ele tem nove anos e sua mãe tem cinquenta e cinco. Seu pai tem outra família, mas é separado há mais de vinte anos, e em um certo tempo namorou sua mãe. Nunca oficializou o relacionamento. Quando esta engravidou, não quis mais levar o relacionamento adiante, pois referiu que *não valeria mais a pena*. Afirma que o pai do Jamil queria morar com ela, e ela não quis porque tinha medo de se encher de filhos. Passou, com a ajuda de sua irmã, a sustentar o menino com faxina e lavagem de roupa. Hoje não trabalha mais, pois não se sente disposta a realizar essas atividades, pois considera *pesada*. A renda familiar é oriunda da irmã, que é aposentada e ganha um salário mínimo. Ambas são analfabetas e praticam a religião católica.

A mãe relata que não desejava engravidar, que já tinha quarenta e dois anos e nos primeiros meses de gestação não queria aceitar a criança, aceitou porque “era o jeito”, pois não tinha conforto para dar ao seu filho e

tinha medo de faltar comida. Porém, nunca faltou e hoje é arrependida de ter pensado em não querer o filho. Garante que ama o seu filho. Quando falou sobre isso, se emocionou, sendo necessária a suspensão da entrevista naquele momento, pois não se sentia mais em condições de continuar. Acredita que, por não ter desejado o seu filho, ele tenha nascido assim meio irritado quando ela não dá a ele as coisas que quer, e justificou que não dava porque não podia. Foi outro momento emotivo, pois afirma não querer essa limitação financeira para o seu filho.

Ela se apresentava sempre tímida, com aspecto de insegurança. Mostrava-se sempre recuada nas nossas interações. Afirma que Jamil conhece o pai, e que este não a ajuda com o sustento da criança, pois *não tem nem para ele, às vezes ele dá para o Jamil uns trocados dois ou três reais*. No momento, ele se encontra com problema de vista e quem o ajuda é sua primeira família.

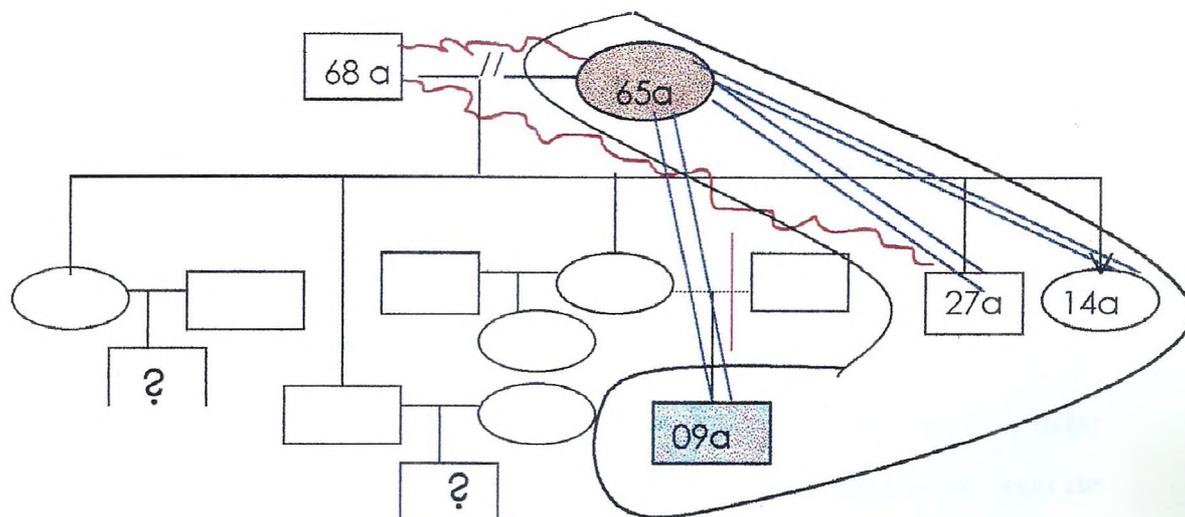
Ela relata que Jamil é agressivo, principalmente quando quer alguma coisa, e, muitas vezes, ela se *afoba* e bate nele com palmada ou cinturão. Afirma que, por se irritar tão fácil, pensa que ele é doente. Acredita que as coisas vão melhorar financeiramente quando seu filho começar a trabalhar, pois espera um retorno dele. Garante que, se ele estudar, ai trabalhar e vai dar dinheiro a ela, vai comprar uma casa para eles morarem e quando ela morrer a casa será dele, falando isso a ele com frequência.

Quanto à relação da tia com Jamil, afirma que é outra mãe para ele, *ela o trata muito bem, o que pode fazer faz*. Ela também é solteira e tem uma filha que criou e que agora mora em outro estado.

Mora em uma casa cedida pelo irmão que mora vizinho. A casa é de alvenaria, tem quatro cômodos, com rede elétrica e de água e esgotos. É assistida pela coleta pública de lixo. A rua pavimentada com asfalto. Faz o uso de transporte coletivo.

Com um aspecto humilde, a família de Jamil tem um orçamento doméstico limitado. Ele é criado por sua mãe e sua tia. A diferença de idade entre a mãe, a tia e Jamil é considerável. Elas procuram acompanhá-lo em todas as suas atividades, principalmente na escola e quando sai para brincar na rua. Percebi uma preocupação quanto à sua educação, principalmente, em relação aos estudos, pois acredita que só assim ele terá melhor condição financeira e poderá proporcionar-lhe uma vida mais digna.

• Família de Joel



Joel é criado pela avó materna. Na mesma casa moram a avó, dois tios, sendo a menina adotiva e o neto. O avô está separado da avó e mora na outra parte da casa dividida por uma porta com vários cadeados. E ela é proibida de entrar lá. Eles não se falam: só brigam e se agredem. Ela não tem permissão de entrar mais no comércio que antes pertencia a eles e era lá que ela trabalhava. Ele se refere a ela como *aquela louca, não sou esposo dela não, se você conseguir pegar ela acordada, acho difícil*.

A mãe de Joel mora em outra casa, bem como o seu pai. Ambos têm outra família. Nunca viveram juntos. Atualmente sua mãe vive maritalmente com outro homem e tem outra filha que mora com ela. Quem mantém Joel são os avós. O pai é totalmente isolado da sua convivência. A avó não trabalha e o avô é que manda uma pequena cota semanal, além de umas *comprinhas* para a sobrevivência dos quatro que moram juntos. A avó cria o Joel desde os três meses de idade, quando este se encontrou muito doente e hospitalizado. *Eu fui e tirei ele do hospital entre a vida e a morte e eu pedi a Deus que enquanto eu fosse viva eu o assumia, nem que fosse o resto da minha vida.* Declara que o neto não tem muito raciocínio para aprender, mas que gosta de ir para a escola. Diz que ele não é paciente e que se irrita com facilidade. Afirma que tem mais amor por Joel do que pelos filhos.

A avó narra que no dia em que Joel nasceu, o pai e a família dele vieram visitá-lo e que queriam assumir o menino, mas a mãe não deixou, pois na época trabalhava. Hoje ele tem outra família e não participa da vida do Joel, de nenhuma forma. Mas, ela acredita que no dia que solicitar a sua parceria na criação do filho ele não negará.

A filha que mora com ela é adotiva e o filho é homossexual, bebe muito e não trabalha, e o pai não o aceita, ela afirma que o seu marido saiu de casa por causa desse filho e ele relata que *quero ver o diabo mas não quer ver esse sem-vergonha de jeito nenhum.* Justifica esse comportamento do filho por grandes sofrimentos vividos na infância, *assim como Joel está sofrendo agora de fome e de agressão.* Joel chama a avó de mãe e disse que se continuar esse sofrimento com o pai(avô) dele, ele vai atrás do seu pai e vai dizer a ele o sofrimento que está passando, ela menciona que ele é que não vai atrás da mãe porque esta não tem condições financeiras de criá-lo, mas que o pai tem.

A mãe de Joel vai sempre à casa de sua mãe, mas não o trata como filho, a relação é fria. Ela trabalha com o pai no pequeno estabelecimento

mercantil e com a venda de frango , e seu ganho *mal dá para ela e sua família, por isso que ela não levou o Joel para morar com ela.* Os outros dois filhos são casados e moram em suas próprias residências. O filho casado às vezes ajuda a mãe, mas viaja muito. As filhas casadas ajudam, trazendo alguma coisa do comércio do pai, onde trabalham.

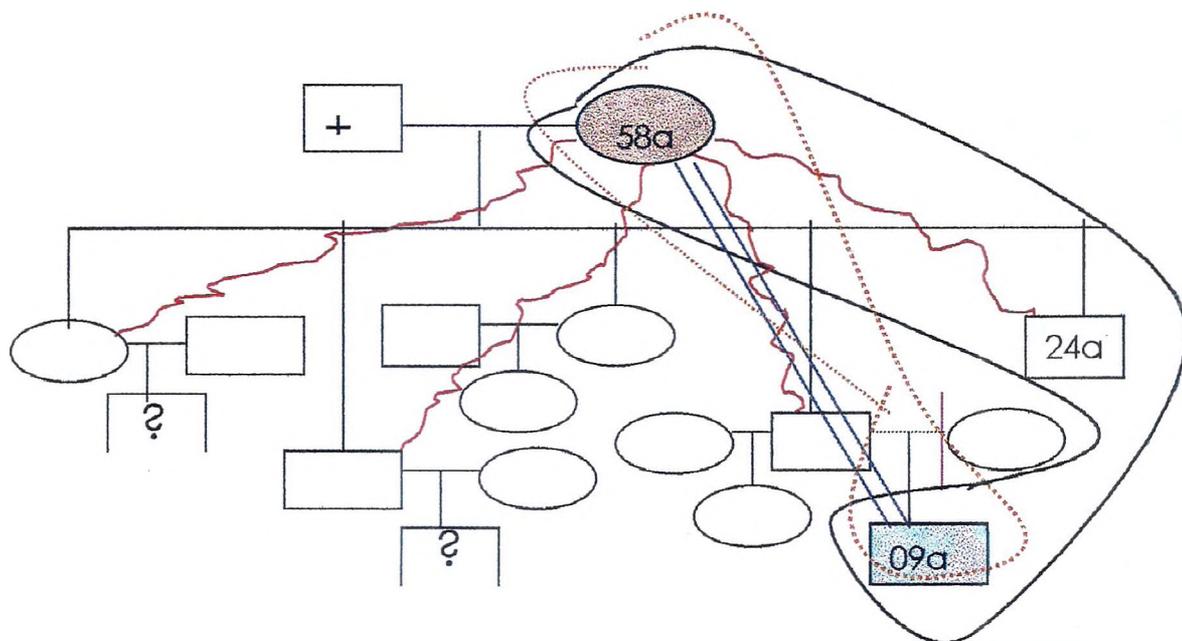
A avó do Joel exprime que vive uma vida de sofrimento por causa do ex-marido, pois ele é grosseiro e não assume como deveria assumir o sustento da casa, o que ela considera de direito. Alega que tem muito medo dele e por isso nunca entrou na justiça com uma ação de alimentos para a filha e o neto, e uma pensão para ela, pois ele a ameaça e diz que o que ela tem direito já está sendo dado. Diz que a lei é a dele. Mudou para a religião evangélica, para ver se aliviava o sofrimento. Assegura que eles passam necessidade. A filha e o neto vão para a escola sem se alimentar e muitas vezes dormem sem ter o que comer. Reporta-se com emoção à época em que ajudou ao ex-marido a construir tudo o que ele tem e que hoje ela não tem nada, pois ele não dividiu os bens.

Mora em casa própria, de alvenaria, com cinco cômodos, sala de jantar, sala de estar, dois quartos, cozinha e banheiro. Tem energia elétrica, água da companhia de água e esgoto, porém é puxada para dentro de casa pela mangueira ou com o balde. Há coleta regular de lixo. Mora em rua pavimentada com asfalto e faz uso de transporte coletivo ou movimenta-se a pé. Frequenta Igreja evangélica, considera-se uma pessoa nervosa, por isso faz uso de ansiolíticos, passando a maior parte do dia dormindo.

Observei em todos os encontros que a avó de Jamil vive em um mundo repleto de angústias e insatisfações e, para tanto, encontra no sono uma tentativa de superar os conflitos. Essa família apresenta uma situação socioeconômica limitada, na qual a única fonte de renda é proveniente do ex-marido. Nenhum dos membros com maior idade desenvolve qualquer

atividade laborativa. Todas as suas tensões e atenções são voltadas para o marido, o qual é para ela o mentor do seu sofrimento. Sua casa tem uma aparência descuidada e não higienizada e ela afirma estar sempre indisposta e sonolenta, não conseguindo nem realizar as atividades domésticas.

- **Família de José**



A tia relata que José mora com a avó porque foi abandonado pela mãe ainda recém-nascido. O pai formou outra família. Moram também com José e a avó, mais um tio e, além de um tio casado que vive mais na casa da avó do que na dele. São, no total, cinco filhos, estando solteiro apenas um. A filha que se encontrava lá é também casada e tem uma filha. Estava passando uns dias a pedido da mãe que se encontrava doente. Moram em casa de alvenaria, própria, com quatro cômodos. A rua não é pavimentada, mas é servida de rede elétrica e de sistema de água e esgoto. O lixo é levado pela coleta pública.

A renda familiar é proveniente da pensão que a avó recebe e de trabalhos domésticos por ela realizados, como lavar e engomar roupa. Além dessas atividades, ela comercializa lanches nos estádios de futebol em dias de eventos artísticos ou esportivos.

A avó considera sua vida muito difícil, principalmente pelos filhos, que bebem e armam confusão dentro da sua casa. Refere uma vontade enorme de ir para o Rio de Janeiro ou Manaus, onde tem família. Acredita que lá viveria muito bem. Tem um desejo imenso de vender sua casa e ir para lá viver sossegada. Menciona que só não faz isso por conta de José. Mas já pensou várias vezes colocá-lo em um internato, e não o colocou ainda por não conseguir vaga.

Diz não agüentar mais as reclamações da escola e pediu que as professoras não mandassem mais comunicados, senão ela o *mataria de uma surra, pois, no dia em que recebeu o último comunicado da escola, bateu nele: dei uma mãozada no pé do ouvido*. Mas ao mesmo tempo ela justifica esse comportamento agressivo dele pelas vivências de cena de agressividade dos filhos uns com os outros, que experiencia em casa, pois *ele só pode é aprender tudo que é ruim, pois em casa ele só vê confusão e reproduz na escola*. Menciona que a professora já tem é pena dela e não manda chamar todas as vezes, por isso ela a autorizou a fazer o que quisesse com ele na escola, garantindo que está cansada de *tanto lutar pela vida*.

A avó assegura que o orienta a se comportar diante de uma confusão na escola, que ele deve ficar perto ou da professora ou da diretora, pois estas já têm é cisma com ele, acusando-o de tudo. Essas reclamações da escola a deixam muito nervosa.

Declara que José não é agressivo em casa, pois não tem a quem agredir. Já a tia afirma que só a avó mesmo para agüentá-lo, *ele é muito danado e*

ainda não quer estudar, e já repetiu a Segunda Série pela terceira vez, não pode querer nada!

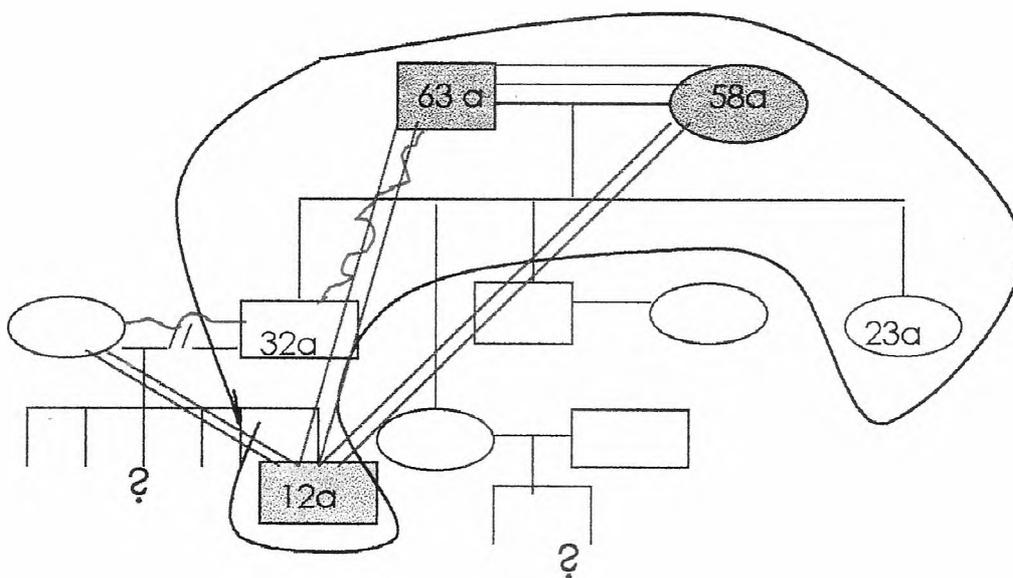
Durante os encontros, o seu tratamento com o José e com um dos seus filhos era frio, comunicando mágoa e tristeza com o comportamento de ambos. Sempre que o assunto estava relacionado a eles, ela falava com muita ênfase e quando chorava procurava esconder as lágrimas como se não fosse para eles verem sua fragilidade com a situação. Afirmou que o filho que mora com ela perturba demais e que vive doente por causa da cachaça dele e dos outros. Narra que os filhos brigam muito quando estão bêbados. Disse que muita coisa a irrita (nessa hora baixou mais o volume da voz e chorou, mudando de assunto). Disse que acabaria morrendo de tanta raiva e chateação pela bebedeira dos filhos, sempre olhando para o filho, como se quisesse comunicar algo com aquele relato que fazia.

É hipertensa e refere dores freqüentes na articulação do ombro direito. Apresentou-se com aparência cansada. Durante as entrevistas, sempre estavam presentes ou o filho que mora com ela, ou uma filha, ou o José. Eles ficavam circulando pela sala, onde estávamos. Muitas vezes, eles saíam e quando se pensava que não voltariam mais, lá estavam entrando e se sentando. Em nenhum momento participaram do diálogo. Ela não se inibia com a presença dos filhos ou do neto. Continuava falando sem parar sobre a necessidade de viver só e em paz. Vários relatos de experiência foram acompanhados de lágrimas, as quais não queria que ninguém percebesse.

O ambiente domiciliar revelava um clima de tensão. A avó de José expressava tristeza e a certeza de que não era mais para estar passando por toda essa situação de brigas e desentendimentos, pois era viúva e os filhos já atingiram a maioridade civil e poderiam cuidar da vida sem perturbá-la tanto. Percebi que, quando ela mencionava que iria colocar José num internato, era com o objetivo de que ele ouvisse, como quem está querendo uma mudança

de atitude dele e não como se quisesse realmente tomar tal decisão. Observei, também, que ela se sentia impotente diante das constantes bebedeiras e brigas dos filhos, e acreditava que tal clima de animosidade só contribuía com o comportamento que o seu neto vinha adotando na escola. Por isso, expressava o desejo de ir morar em outro estado, pois acreditava que só assim poderia ter uma melhor qualidade de vida.

- **Família de João**



João mora com os avós desde que nasceu, e, quando seus pais foram morar em sua própria casa, ele continuou com os avós. Ele é o primogênito de uma família de seis filhos. Atualmente os pais se encontram separados, em razão do alcoolismo do pai. A mãe mora com os outros cinco filhos em uma casa construída pelo avô numa *ocupação*. Apesar de morar com os avós, João transita livremente da casa da mãe para a dos avós. O avô inclusive acha que ele, muitas vezes, usa isso para fugir das obrigações escolares.

Em uma das entrevistas, o pai de João encontrava-se bêbado e estava na casa da sua mãe e o avô já tinha sido chamado para ir buscá-lo. O avô afirma que ele não tem outra família e que ama sua mãe, e que estava ansioso para reatar a união, só que ela não aceita a sua bebida, pois assegura que ele fica muito agressivo. No momento, seu pai encontra-se desempregado, e quem trabalha para o sustento da casa é o avô, como pedreiro, sua avó, com empregada doméstica e sua tia como costureira. Juntos fazem uma renda mensal de quatro e meio salários mínimos.

Como todos trabalham, João fica praticamente só em casa, pois o pai passa muito mais tempo na rua do que em casa. Na ficha da escola, há registro de que o seu pai bebe e faz uso de outro tipo de droga, aranha, mas o avó de João garante que o seu pai *só bebe, e não toma nenhuma outra droga*.

O avô refere que João é comportado, *bem moldado e não é desafortado*. Afirma não ter desavenças com sua família, que não bebe e só fuma e nunca bateu em sua mulher e em nenhum filho, nem nunca se separaram *nem um minuto*. Toda vez que se referia a sua família percebia-se um carinho muito especial, principalmente pela esposa, com um ar de respeito presente.

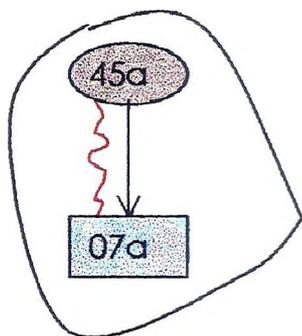
A avó relata que ficará com João até quando ele quiser e que às vezes ele passa alguns dias na casa da mãe, mas sempre volta e que ela participa muito da educação dele, *dá muita moral a ele*. A avó se relaciona muito bem com a nora, dando irrestrito apoio nas questões matrimoniais. Ambas trabalham na mesma residência, uma como doméstica e a outra como lavadeira(diarista). A avó inclusive acha certa essa postura da mãe com o seu filho(pai).

Moram em uma casa emprestada, de alvenaria, com quatro cômodos. Possui serviço de energia elétrica, a água de consumo é proveniente de chafariz, o lixo é recolhido pela coleta pública, os dejetos são depositados

em fossa, a rua tem pavimentação. Usam como meio de transporte ônibus e bicicleta e alguns deslocamentos são feitos a pé.

Verifiquei que os avós de João vivem em harmonia, esta, apenas, é quebrada pelo seu pai, que por fazer uso de álcool, acaba atraindo muitos problemas para a família. Percebi que João fica com duas referências para educação, os avós e a mãe. Ela lança mão dessa condição e procura burlar as orientações de um lado, tentando se apoiar no outro, ao mesmo tempo, que a mãe deposita a responsabilidade nos avós e estes nela.

- **Família de Josa**



Josa é filho adotivo. Sua mãe legítima havia pedido a sua mãe adotiva para eles morarem com ela. Depois de algum tempo a sua mãe saiu e não voltou mais, deixando a criança. Nesse relato, a sua atual mãe afirma que inicialmente pensou em entregar o menino ao Juizado da Infância e da Adolescência por orientação de um advogado amigo e não fez isso por ter sentindo pena da criança.

Afirma que ele é *asso*, que é danado, autoritário, gosta de mandar e não gosta de obedecer. Menciona que ele ameaça bater nela e nas pessoas, e

que é agressivo. Afirma sempre isso repetida vezes. Diz que renegou a hora de ter permitido a mãe dele morar junto com ela, pois, após tal permissão, ela começou a falar, pois era comerciante, tinha uma vida maravilhosa e possuía bens. Garante que faz tudo por ele e só quer o bem dele.

O Josa não tem registro civil. E a mãe alega que já procurou várias vezes a mãe legítima para fazê-lo, mas não consegue. Assegura que ele sabe da existência da outra mãe, mas que não quer saber dela, afirmando que sua mãe é a que o criou.

Relata que deixou de trabalhar porque tinha que cuidar da criança e não tinha uma pessoa de confiança com quem deixá-lo, pois não tem família, que sua família são umas amigas que residem no bairro Varjota, da época que morava lá. Vive de algum serviço domiciliar que faz extra e de doações de amigas e vizinhos. Garante ser honesta e gostar de trabalhar, mas que onde mora *não tem meio de vida* para ela, pois já tentou colocar várias vezes um comércio e não dá certo, pois, quando não são as pessoas que compram e não pagam, vêm as gangues e roubam. Narra que eles e, principalmente, o Josa nunca passaram fome dizendo que *ele sempre se alimentou do bom e do melhor*.

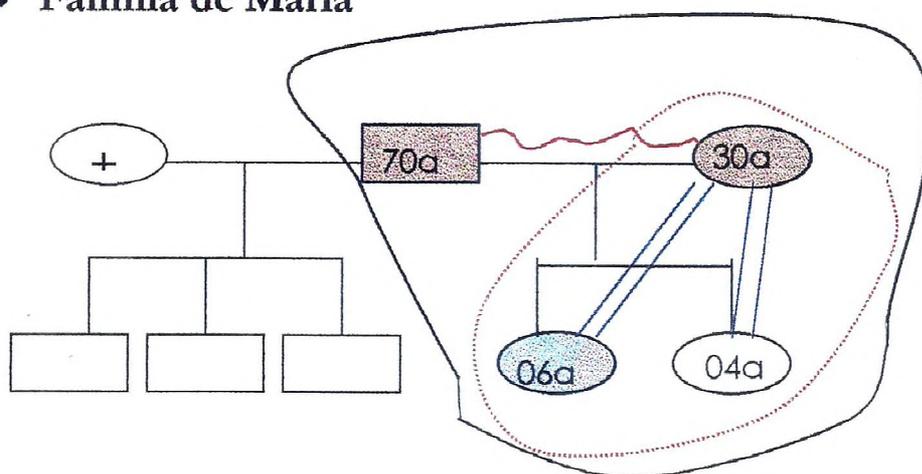
Declara que precisa sempre estar perto dele. Vai buscá-lo e deixá-lo na escola, tanto nos dias de aula normal como nos dias de reforço. Alega que a convivência com as pessoas no local onde mora é que o faz assim, por isso é que não o deixa sair só e nem brincar na rua. Em casa são somente o Josa e sua mãe.

Moram em um assentamento, casa de barro(taipa), com dois cômodos, com sistema de água encanada e sem sistema de esgoto. A rua não é pavimentada e não permite a entrada de veículos, e o lixo é deixado em container situado em uma rua principal. Informa que o local é muito violento e que durante a noite ninguém pode mais sair de casa, por esse motivo não

permite que seu filho brinque na rua ou vá a algum local que não seja em companhia sua ou de alguém que considera responsável.

Durante os encontros, mostrou-se cooperativa e com aparência estranha, voz rouca e arrastada, que muitas vezes nem se entendia, solicitando que repetisse, como se estivesse embriagada, porém não existia hálito alcóólico. Garante que não faz uso de drogas. Vestia-se sempre com roupas masculinas e andava descalça. Percebi que o relacionamento entre Josa e sua mãe era frio, com pouco diálogo.

• Família de Maria



Maria mora com seu pai, sua mãe e sua irmã. Seu pai é viúvo e tem três filhos do outro casamento. Os seus irmãos paternos freqüentam a sua casa e se relacionam bem com a segunda família do seu pai. O pai é aposentado e ganha o equivalente a três salários mínimos. A mãe não trabalha, só nos serviços domésticos. Moram em casa própria, de alvenaria, com sala, cozinha, dois quartos e banheiro. É servida de rede elétrica e sistema de água e esgoto. A rua é pavimentada com asfalto e, para se locomover usam transporte coletivo ou vão á pé.

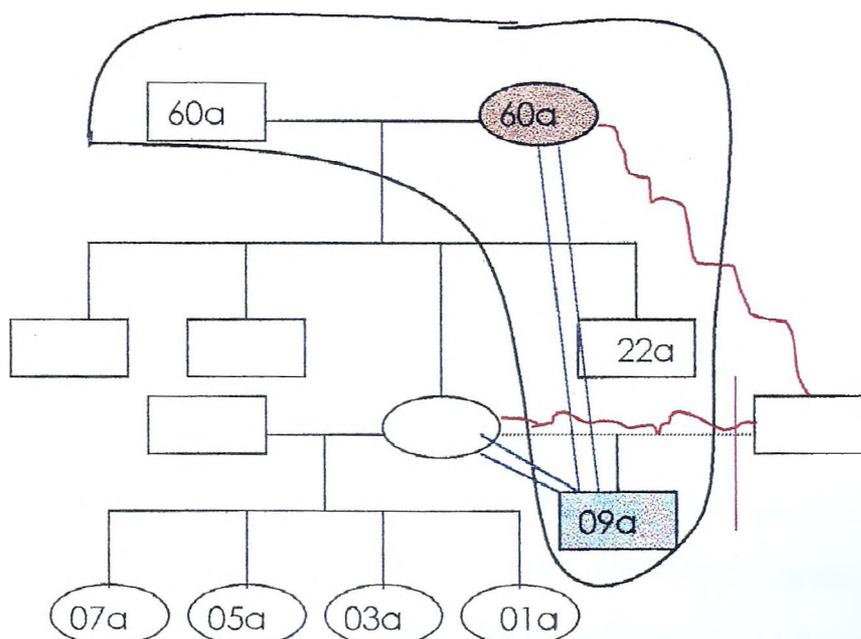
A mãe é bem mais jovem do que o pai. Ele é alcoólatra e bebe diariamente. Todas as vezes em que estive lá, ele estava embriagado. No primeiro encontro, ele estava só em casa e, antes de falar com ele, o vizinho me informou que a esposa não estava porque talvez ele tivesse colocado ela para fora, pois isso era comum, mas que ela sempre voltava. Informou que ele é muito grosseiro e que gosta de dar uma de *valente*.

Sempre quando o pai fala das filhas do segundo casamento, ele chora. Sempre interrompe quando estou conversando com sua esposa, não a deixando falar, discorda ou desvaloriza qualquer informação dada por ela. Quer manter o monopólio na entrevista. Muito mais interrompe do que contribui. Assegura que gosta muito das filhas e até brinca com uma delas, durante a entrevista, com trocadilhos de palavras e ela corresponde. A mãe confirma que existe boa interação do pai com elas. Refere que elas já pediram para ele parar de beber, e que essa é a única coisa que ele não faz por elas. Relata que as duas filhas são muito conformadas quando recebem não, são muito caladas e brigam entre si muito pouco. Declara que a Maria não é muito de conversar, concorda com tudo, e que adota esse mesmo comportamento na escola, *as vezes até mais, pois é um lugar diferente*, e que nunca se defende das outras crianças quando preciso. A mãe garante que as filhas gostam muito do pai e que este ama as filhas.

Enquanto o pai tem tom de voz arrogante e agressivo quando se sente desafiado, a mãe tem tom de voz suave, aspecto tímido e semblante triste. Sempre se cala diante de alguma colocação do marido como se tivesse medo de enfrentá-lo. As filhas demonstraram ser muito mais ligadas à mãe do que ao pai. Ela reporta-se aos filhos dele do casamento anterior com muito respeito. Cita que, quando está no *sufoco*, com ele bêbado, recorre a eles e sempre é atendida.

Verifiquei que as filhas só se aproximam do pai quando este solicita, e que há um sentimento de medo em relação a ele por parte delas, pois ficam geralmente caladas e próximas da mãe. Acredito que o fato de aceitarem com resignação todas as decisões do pai é uma resposta desse sentimento que foi observado também na mãe.

- **Família de Justo**



Justo mora com seus avós e um tio. Os pais nunca foram casados ou viveram maritalmente. Quando sua mãe engravidou, ele não quis assumir o relacionamento e a mãe ficou na casa dos avós até ele completar dois anos, e ela foi morar com o atual companheiro, com o qual tem quatro filhas. Segundo a avó, Justo não quis ir morar com a mãe e que também a mesma depois do nascimento das filhas, *uma atrás da outra*, não tinha condição nem financeira nem de tempo de cuidar do filho. O pai de Justo também tem outra família, e mora perto da casa dos seus avós, onde ele reside.

A avó refere que Justo não gosta de estudar e é preguiçoso, e que é preciso ela estar *todo tempo em cima dele*, pois é muito desatencioso. Ela sempre briga com ele e quando é preciso bate: *dou umas lapadas* e só assim ele passa alguns dias mais calmo. Ela considera-o inteligente, calmo, tranqüilo e que só é brincalhão e desatencioso, mas não é agressivo. Assegura que ele não é *respondão*, que a abraça e beija com freqüência. Assegura que ele a quer bem. Porém, quando está irritada com ele, diz que vai mandá-lo para morar com a mãe e ele diz que não vai e sai de casa por umas horas. E é ela que o acompanha e orienta em tudo.

Ela acha que ele não tem nenhum trauma, nem do pai, nem da mãe. Alega que ele sabe que o pai dele mora ali perto e que, quando vai para a escola, ele vai por outro caminho mais longe para não ver o pai e diz que *quando o pai olha para ele, ele faz de conta que não vê*. Mas ela afirma que orienta no sentido de que, quando o pai for falar com ele, ele deve responder, pois quando ele nasceu não queria *nem que ele o visse*, mas, repensou e achou que deveria mudar.

A avó assegura que a mãe de Justo sempre está presente e que, quando ela chega em casa Justo só se refere a ela quando quer alguma coisa. Narra que *parece até que ela mora aqui, nunca fez falta*. Garante que o seu neto tem mais medo de sua mãe do que dela, pois *ela é mais dura com ele*. Afirma que Justo gosta muito do marido de sua mãe e que seu padrasto também *quer bem a ele*. Narra que quando ele vai para casa de sua mãe, fica bem *direitinho e cuida até das irmãs mais novas*.

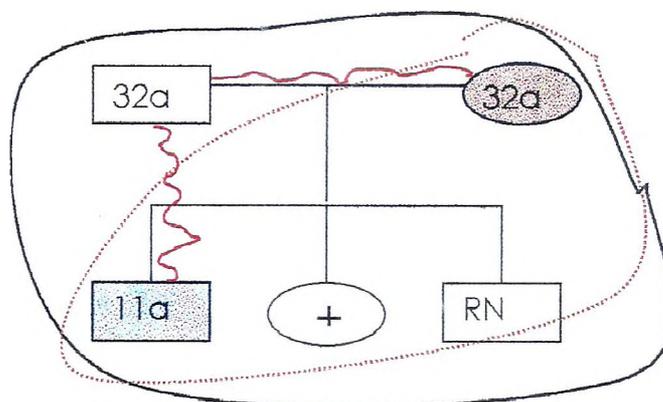
A avó se considera mole com o neto, pois não quer que ele guarde mágoa dela porque ela não soube criar ou porque foi *dura ou carrasca com ele*. Relata que se sente culpada pelos filhos, mas com ele não quer se sentir assim. Declara que Justo é seu filho, *caçula é a mesma coisa como se fosse*, pois vai buscá-

lo na casa dos amigos, não quer que ele jogue *vídeogames*, pois diz ser jogo, e que não quer ele na rua, *mas ele vai escondido*.

Demonstrou uma preocupação com o futuro dos filhos. Refere que os incentiva sempre a estudar, inclusive a mãe de Justo, orientando-a a colocar as filhas para dormir cedo para voltar a estudar à noite. Revelou muito orgulho de um filho que terminou o segundo grau, é auxiliar de enfermagem e mora em São Paulo. Narra que ele, quando telefona, orienta Justo sobre a importância de gostar de ir à escola e de estudar. Conta que se esforçou muito para dar aos filhos o que pode.

Reside em casa própria de alvenaria com seis cômodos, com sistema de energia elétrica, água e esgoto. O lixo é recolhido pela coleta pública. A rua onde mora é pavimentada com asfalto. Faz uso de transporte coletivo. A renda familiar é proveniente do avô, três salários mínimos; o filho, que mora com ela, também trabalha, mas é somente para sustento próprio.

- **Família de Jáder**



Jader mora com a mãe, o pai e o irmão em casa própria, de alvenaria com três cômodos, sem sistema de água e esgoto, com energia elétrica. A casa é construída em um quintal de outra casa com entrada

independente. Nesse terreno, moram mais quatro famílias e uma delas é tia do Jader. Na frente das casas, o piso é de chão batido. A água servida é jogada a céu aberto, bem como o lixo.

No primeiro encontro, o pai se encontrava desempregado e quem sustentava a casa era a mãe, que saía de casa às seis horas e só voltava à noite. Nesse período, Jader ficava sob os cuidados de sua irmã que morava vizinho. Afirma que ele só vivia na rua, *mal parava em casa* e pouco obedecia. Considera seu filho uma criança boa, mas só quem tem controle sobre ele é ela, pois a sua tia não tem como controlá-lo.

Em razão do nascimento do filho mais novo, ela se encontra mais em casa (licença gestante) e com isso assegura que Jáder não fique muito tempo na rua, pois sua irmã já havia feito essa observação. Informa que ele tem ajudado nos afazeres domésticos e a acompanha para resolver alguns problemas. Declara que sua tia reclama muito de Jader, pois ele não a obedece e não tem limites, *só quer fazer o que quer*, ela fala com ele, mas ele só melhora quando ela está em casa. Alega que não tem o que fazer, pois tem que trabalhar. Afirma que não tem como a mãe cuidar do filho, pois só assim ele obedece e é por isso que o seu filho é sem limite, inclusive na escola. Refere que o seu tempo é tão curto que quem tudo resolve, inclusive os problemas na escola do seu filho, é a sua tia.

Revela que o seu pai é muito ignorante e que este só fala com o filho com gritos. Ela o chama de *cavalo batizado*. Diz que não sabe como uma pessoa pode ser tão *grosseira desse jeito*, mas que apesar disso eles se dão muito bem. Jáder reclama à mãe que o pai briga muito com ele. Declara que quando o pai dele bebe, é *nojento e fala besteira demais*. Diz a ele que gosta muito dele, mas sem bebida, sóbrio. Certifica que ele muda de comportamento quando bebe, é grosseiro com ela, mas não chega a agredi-la fisicamente, só com palavras. No momento, ele se encontra melhor, pois está trabalhando e não

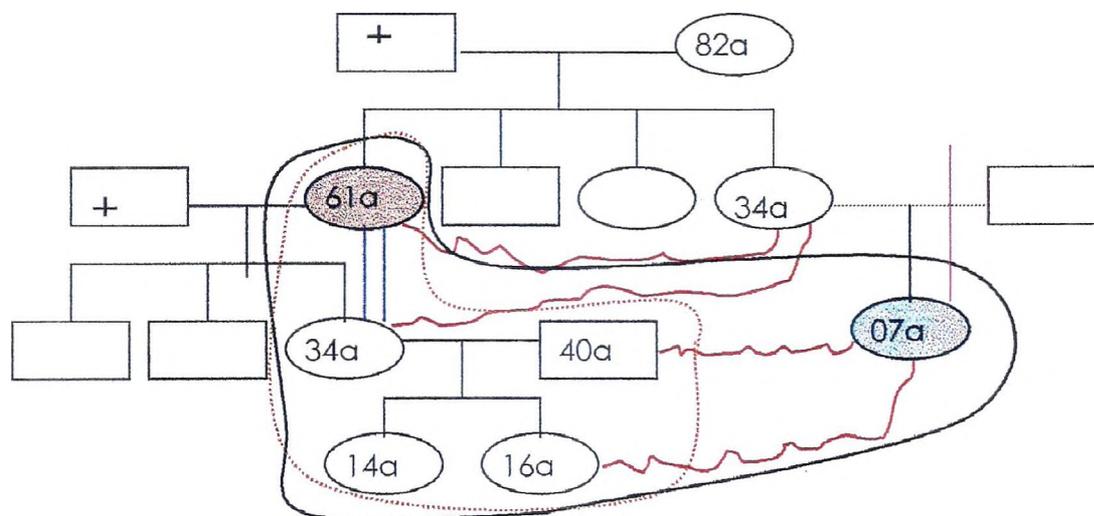
tem muito tempo livre para beber, só os fins de semana. Declara que além da bebida, ele faz uso de maconha.

Narra que Jader já presenciou várias brigas dela com o seu pai e ele sempre pede à mãe para ficar calada, mas ela diz que não se controla e manda ele ir embora, que ela fica só com os meninos. Garante que o seu filho concorda com tudo o que ela diz ou faz, e que ele manda também o pai ir embora. A mãe refere que o orienta para não seguir o exemplo do pai.

É casada com ele há mais de onze anos. Já havia tido uma filha, mas ela morreu com seis meses. Narra que gostaria que seu filho mais novo tivesse sido uma menina, pois Jáder e seu pai queriam também. Declara que o pai não gosta de menino, mas *quando era a menina eu nem me levantava à noite, tudo era com ele, ele se derretia todo*. Afirmo que no dia que melhorar a situação vai criar uma menina, pois fez ligação e não quer mais gerar filhos, mas sim adotar, pois achou ótima a experiência de ter sido adotada, sendo muito agradecida à sua família adotiva.

Apesar de seu sofrimento com o pai, apreendi na mãe de Jáder muita disposição e bom humor. Parece enfrentar os problemas da vida com muito otimismo e com projetos para o futuro. Procura passar para Jáder as experiências vivenciadas, para que ele aprenda a enfrentar os possíveis problemas, não enveredando pelo mesmo caminho do pai.

• Família de Máisa



Máisa é criada por sua tia materna e mora com a prima, o marido da prima e duas filhas da prima, em casa própria, em rua pavimentada com asfalto, sete cômodos, rede de energia elétrica, sistema de água e esgoto. O sustento da casa é proveniente da prima e do esposo da prima (quatro salários mínimos), pois a aposentadoria da sua tia é somente para uso próprio (remédios).

A tia informa que Máisa dá um trabalho grande e que chega a pensar que ela não é normal, *pois não tem o mesmo entendimento que as outras crianças tem*. Relata que ainda não sabe cuidar de sua higiene pessoal *é por isso faz um ano que eu botei para ela mesma lavar as suas calcinhas*. Afirma que a menina joga comida no lixo, que suja a casa, e que não tem mais idade para fazer alguns tipos de trabalho, como banha-la, por exemplo.

Narra que a mãe de Máisa morava com eles, mas depois, como *não ajudava em nada*, foi trabalhar e levou a filha para casa de outra tia, o que não deu certo, porque essa tia era muito pobre e a alimentação que a mãe da Máisa levava para ela era distribuída para todas as crianças da casa. Então a

mãe de Maisa retornou com a filha para casa da tia, onde estava anteriormente; deixou a menina e só vai lá uma vez no mês para levá-la para um tratamento que faz. Ela está sem trabalhar há um ano e a Maisa é sustentada pela filha da tia, sua prima. Isso tudo porque, quando a mãe de Maisa morava com eles, a convivência era muito difícil, pois ela não respeitava os horários da casa e atrapalhava a vida de todos que lá residiam.

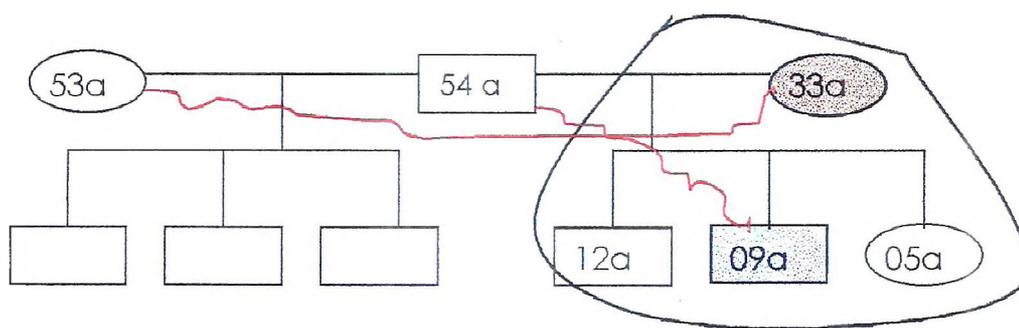
Ela narra que não sabe quem é o pai da menina. Informa que sua irmã não conseguia engravidar e *contratou o serviço de um macumbeiro*, que disse que conseguiria o que ela queria, mas depois ela teria que vir oferecer a criança. Afirma que a irmã recebia *entidades nos terreiros de macumba* e que fazia despachos para quem ela não gostava da família. Diz que quando a criança nasceu era linda, e ela quebrou o pacto anteriormente feito, ou seja, não levou a menina para o pai-de-santo. Após isso, *a menina ficou feia e até o cabelo mudou*, não come, não conseguia dormir (era sonâmbula e gritava muito durante a noite), foi quando sua mãe a levou para a Igreja Universal do Reino de Deus, *uma senhora rezou nela e ela melhorou um pouco mais*.

Com a tia, Maisa não dá muito trabalho, pois refere ser muito severa e que a menina só tem medo dela e de mais ninguém, e que a controlam prendendo, e, às vezes, batendo. Conta que ela gosta de riscar e destruir as coisas das netas e que para onde vai tem que levá-la, seja para a igreja, seja para o médico, para o banco, só não pode deixá-la sozinha, pois se isso acontecer *ela vira a casa*. Relata que nem o marido da prima, nem a prima e as filhas da prima não agüentam mais, querem que Maisa saia de casa. Garante que ninguém mais da família quer a menina.

Informa que a sua mãe disse que iria para São Paulo e iria levar a filha com ela, mas que ainda não apareceu, *está com muito tempo que ela não vem aqui, a menina nem pergunta pela mãe*. Acha que quem deve mesmo cuidar da Maisa é a sua mãe.

Durante os encontros, não consegui falar com a mãe de Maisa, pois não compareceu aos encontros que marquei e, como a prima da Maisa trabalhava, tentei marcar um encontro, mas não percebi interesse por parte dela quando lhe falhei ao telefone. Não percebi nenhuma relação de afeto entre a tia e as filhas da prima com Maisa.

• Família de Jarbas



Jarbas mora em casa com a mãe e dois irmãos. Seu pai, apesar de estar sempre presente, não mora em casa, pois tem outra família com quem reside. Ele tem um caminhão e trabalha com transporte de cargas. A mãe informa que, quando ele está em Fortaleza sempre aparece na casa onde mora com seus filhos que foi dada por ele, e que também não deixa faltar nada. Nas viagens em que vai ultrapassar o prazo de retorno, um dos irmãos da outra família vem deixar sua feira semanal. Garante que ele nunca lhe deixou faltar nada. E que vive com ele assim *eu aqui ele acolá*, pois já sabia que ele tinha outra família.

Afirma que Jarbas gosta muito de brincar na rua, que, quando chega da escola, só faz deixar as coisas e sair, e sempre ela manda o irmão mais velho ir buscá-lo, porque não gosta que ele vá para rua. Relata que seus outros dois irmãos são muito calmos e gostam de ficar em casa e que Jarbas é muito

emotivo e chora com facilidade. Nos encontros que tivemos, afirma sempre que ele é normal.

Declara que não trabalha fora de casa e que cuida dos irmãos do Jarbas e dele, como também, da casa. Assegura que o pai participa sempre da educação dos filhos, aconselhando quanto à importância das tarefas. Relata que os filhos já estão acostumados com as ausências temporárias do pai e com o fato de ele não dormir em casa, e dormem todos os quatro (mãe e filhos) no mesmo quarto.

Quando o pai chega em casa, o irmão mais velho e a mais nova expressam alegria e felicidade com a visita, mas Jarbas não faz nenhuma expressão de estar ou não feliz, *fica assim meio por fora*. Afirma que, quando pergunta a Jarbas se ele gosta do pai, ele responde que não quer nenhuma conversa com *aquela barrigudo, não*. Assegura que o pai trata os três igualmente, mas ela percebe que Jarbas não se liga muito ao pai dele.

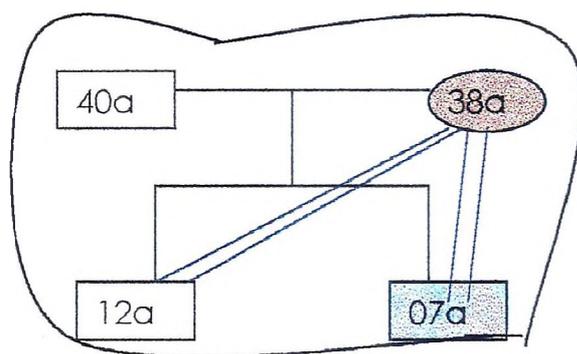
Certifica que os filhos sabem da existência da outra família e que era anterior a eles, mas não fazem nenhum comentário em relação a isto. A primeira família também é ciente da existência deles e muitas vezes vão todos juntos, em um mesmo carro, para a Igreja (Mormons). Relata que a mulher do seu companheiro quer que ele os deixe para trás, pois tem raiva dela, mas assegura que não tem nenhum sentimento inferior por ela. Garante que já sabia que seu companheiro era casado antes de começarem o relacionamento e não se sente nem um pouco incomodada com a situação.

Moram em casa própria de alvenaria com quatro cômodos, com energia elétrica e sistema de água encanada e com fossa para os dejetos. A rua é de piçarra, ficando sem muitas condições de passagem quando chove.

Parecem ter uma vida financeira equilibrada. Percebi na mãe de Jarbas uma preocupação quanto ao sentimento que este alimenta pelo pai,

pois assegura que este os trata muito bem, deixando-se transparecer um sentimento de gratidão a ele por proporcionar-lhes uma vida estável. Observei que a mãe de Jarbas não consegue entender o sentimento que a outra mulher do pai dele tem por ela. Mas parece que o pai de Jarbas sabe administrar essa situação.

• Família de Jaime



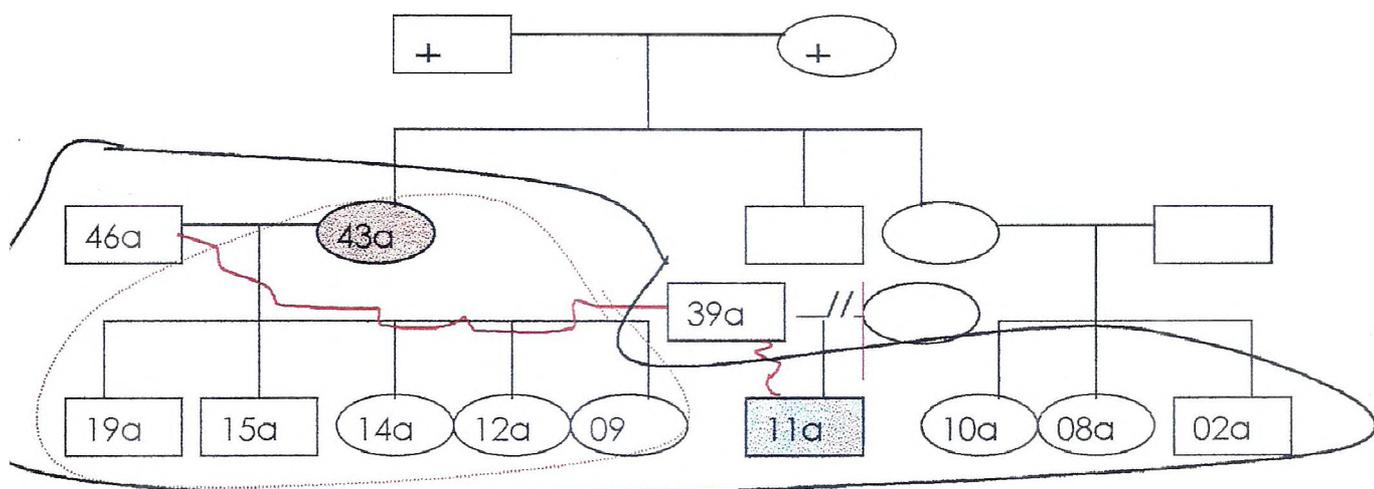
Jaime mora com seus pais e seu irmão em casa própria, com seis cômodos, com sistema de energia elétrica e água encanada e esgoto; residem em rua com calçamento. Sua mãe o considera *danado e bem impulsivo*. Afirma que o negócio dele é estar no meio da rua, não ligando para fazer nada, pois não pára dentro de casa. Declara que briga com ele, muitas vezes bate, mas que *não tem jeito, o negócio dele é viver na rua*.

Compara-o ao outro filho, que diz ser totalmente diferente, calmo, estudioso e que até a ajuda com Jaime, indo buscá-lo na rua ou em relação às tarefas escolares. Relata que esse seu filho mais velho *faz é apanhar do Jaime*, quando eles brigam. Conta isso como uma grande vantagem que ela vê no seu filho, bem como quando relata as suas traquinagens na rua, quando os vizinhos chegam a lhe reclamar que ele está batendo nos filhos deles. Conta que Jaime é muito *atrasado no colégio*, e repete sempre para ele que colégio é

coisa séria. Garante que geralmente ensina as tarefas de casa e que o acompanha.

O pai trabalha como pedreiro e ela não trabalha, e geralmente nos tempos livres, que diz serem muitos, faz crochê; gosta muito dessa atividade pois a faz esquecer da vida. Afirma que o Jaime não é muito de conversar com ninguém e principalmente com o pai, que também é muito fechado. *Ele é calado, mas não é de bater, mas se reclamar alguma coisa, dificilmente o Jaime não obedece.* Relata que quem bate mais é ela, pois considera o seu filho muito agressivo e atrevido.

• Família de Júlio



Júlio mora com a tia paterna desde um ano de idade. Os pais brigavam muito e, da primeira vez que se separaram, a mãe deixou o filho com a tia. O pai já morou com a sua tia, mas agora só passa o dia lá, à noite vai para casa de outra irmã, dormir. A tia informa que ele bebe muito, por isso não agüentou ficar com ele, além de ter brigado com seu marido, mas que mesmo assim ele ainda passa o dia na casa dela. Moram também na mesma

casa o marido da tia, cinco primos, filhos deles e mais três primos, além de Júlio.

A casa é própria oriunda de ocupação, com quatro cômodos, com energia elétrica, água encanada, que se encontra cortada por falta de pagamento. Os dejetos são lançados em fossa e o lixo é coletado pelo serviço público. A família sobrevive com noventa reais oriundos de uma aposentadoria e mais alguns serviços extras. Declara que o seu marido é mentalmente *desordenado* e que antes era aposentado, porém a aposentadoria dele foi cortada há quatro anos, mas tem esperança em que volte.

Certifica que *só falto ficar louca* com o Júlio, pois já foi chamada na escola várias vezes por mal comportamento e por não querer ficar na sala. Diz que ele não pega em nenhum livro para estudar, só quer viver na rua, não quer fazer nenhum favor para ela e nem ao menos tem disposição para ajudá-la. Garante que comprou um televisor, mesmo sem poder, para ver se mantinha as crianças dentro de casa no período de férias, mas *não funcionou muito pois, quando o filme acaba, todos vão para a rua.*

Relata que está devendo duas cestas básicas, que a água está cortada e que a Companhia de Eletricidade do Ceará – Coelce - já anunciou o corte da luz, e que ainda vai tentar colocar a casa como baixa renda, para a cobrança mínima pela Companhia.

A tia esperava as coisas melhorarem quando o seu tio, que morava com eles, se aposentasse, mas, quando a sua aposentadoria saiu, ele resolveu morar só. Ela alega que ele só viveu com ela *até agora porque não tinha como viver.* Declara que Júlio já foi tomado uma vez pelo SOS, mas o pai e a mãe dele foram buscar e se comprometeram em assumi-lo, porém não cumpriram com a promessa e ele voltou para a casa dela de novo. Conta que já o arrumou várias vezes para deixá-lo no SOS, mas volta da porta porque não teve

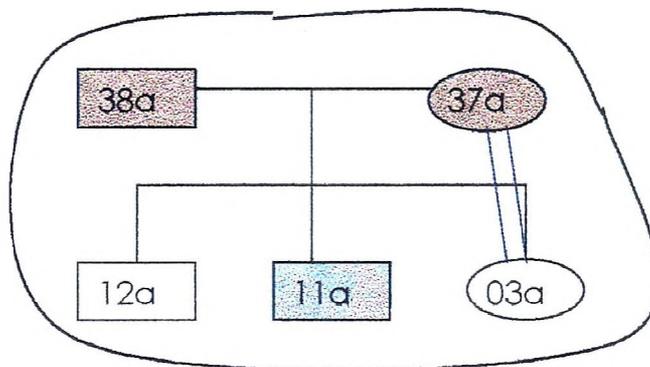
coragem e porque tem os primos da outra tia que moram lá também. Mora na mesma casa um total de 12 pessoas.

Informa que o filho mais velho está atrás de emprego, mas que é difícil. Já tentou com vendas, porém não consegue arrumar o dinheiro para botar o negócio. Muitas vezes, quando precisa de um dinheiro, *vendo algum objeto arranjado por uma mulher da igreja*, mas que é tudo muito difícil e refere que *as pessoas nem gostam de ajudar e nem tem o hábito de ser sensível ao outro*.

Além do problema de doença do marido, ela tem uma alteração neurológica nos olhos, que não consegue suportar a claridade, acompanhada de uma redução na acuidade visual; também é hipertensa, mas é ela responsável pela família.

Percebi uma expressão de sofrimento nos relatos da tia de Júlio e que, talvez por isso, não manifestasse afeto por ele. Observei uma vontade imensa de cuidar apenas dos seus filhos e de que cada um dos meninos que lá se encontravam, sob seus cuidados, fossem retomados pelos pais, principalmente Júlio, que para ela é uma *grande dor de cabeça*.

- Família de Jeca



A família de Jeca é composta por cinco membros: o pai, a mãe, dois irmãos e Jeca. Eles moram em casa própria, ainda pagando financiamento, com cinco cômodos. Ligados ao sistema de água e esgoto, com rede de energia elétrica, tem um carro como transporte, que também é usado no serviço do pai, que tem uma oficina de refrigeração. Ele trabalha em casa e faz serviço em domicílios. A mãe trabalha com vendas de peças íntimas femininas, de maneira informal. Quando indaguei à mãe se ela trabalhava, ela respondeu que sim, mas o marido disse que é como se não trabalhasse, pois ganhava muito pouco, por isso, considerava que só ele ganhava, *apesar de ser ela quem paga a prestação da casa e a água, mas como é pouco*, afirma que só ele é quem sustenta a casa. Declara que o seu ganho mensal varia de um a três salários mínimos, não tendo um ganho fixo todo mês.

O pai afirma que da escola a professora só reclama que Jeca é fraco, e que isso se deve ao fato de ele brincar muito, e que sempre que precisa que ele vá à escola, ele atende prontamente e já toma as providências necessárias. Contou com orgulho que ninguém mexe com ele, que ele levanta a mão e afirma sempre que ele tinha comportamento normal e que sempre procura educá-lo e não o deixa ir para a rua. Declara que a sua educação é muito rígida e que dá uma educação básica para os filhos, pois o que vê na sua rua são

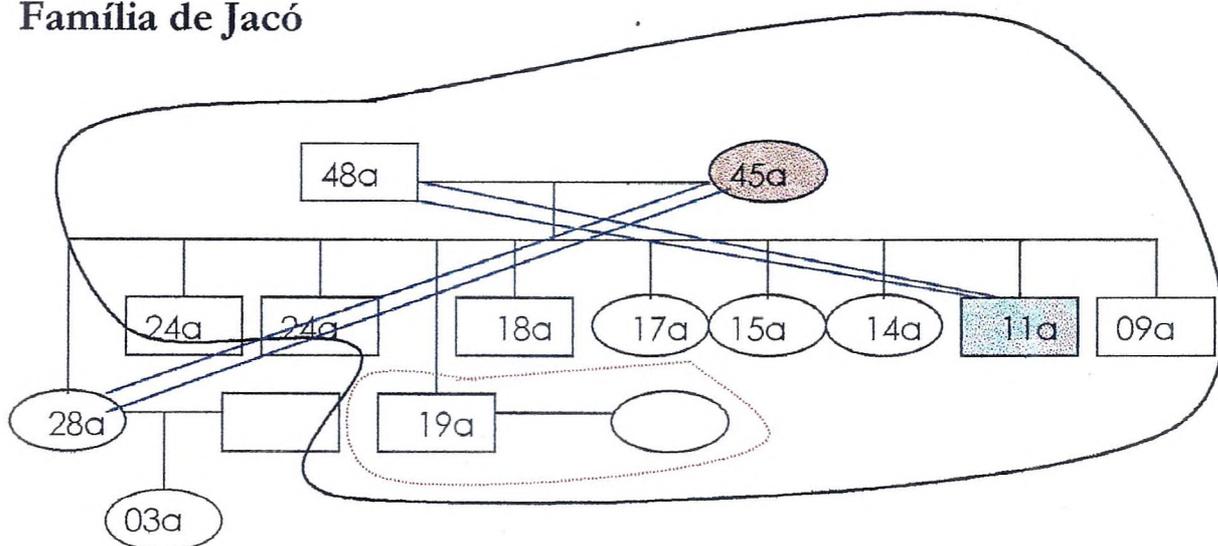
crianças *desassistidas* e sem educação. Assegura que a educação vem dele, pois, se fosse pela mãe, *não ia nem vinha*. Ele afirma que sempre está ali presente. Disse que tem um regulamento e que quem sai do seu regulamento é alvo de providências. Revela que não bate e que a esposa o informa sempre quando os filhos fogem do regulamento.

Quando indaguei do pai sobre o seu regulamento, a sua mulher riu alto e descontraidamente, e ele ficou, no início meio perdido, mas respondeu prontamente que o seu regulamento está relacionado a ter horário para tudo, para brincar, para estudar e de ter uma noção de trabalho. Ele revela que tem a pretensão de dar uma orientação na atividade que realiza de pelo menos três horas por semana. Ele assegura que não é para trabalhar, nem para produzir, mas para adquirirem gosto com o trabalho que é preciso.

Durante os encontros, participaram pai e mãe, enquanto a irmã, o irmão mais velho e Jeca estavam ausentes. A entrevista sempre era iniciada com a mãe, mas o pai deixava o trabalho e vinha participar do encontro, tomando sempre a sua palavra não a deixando falar, mesmo quando a pergunta era dirigida a ela. Sempre quando ela falava, ele desconsiderava o que ela havia dito.

Percebi que o pai de Jeca não valorizava a opinião ou participação da mãe na educação dos filhos, e que ela funcionava apenas como informante do pai, que era prontamente correspondido. A mãe quase que não participou dos encontros, apenas com a presença física, e o pai sempre dominava o diálogo, ficando difícil tal abertura para que ela se manifestasse, pois, quando eu abria o espaço, ela recuava.

• Família de Jacó



Jacó mora com os pais, oito irmãos e uma cunhada em casa própria em uma rua pavimentada de asfalto e de fácil acesso. A casa tem seis cômodos, com energia elétrica, sistema de água e esgoto e coleta pública para o lixo. A irmã mais velha é casada e mora em sua casa, mas passa com frequência na casa da mãe, juntamente com a sobrinha. Fazia pouco tempo que sua cunhada havia se mudado para lá, estava grávida e sua mãe separou um dos quartos da casa para o irmão morar com a companheira.

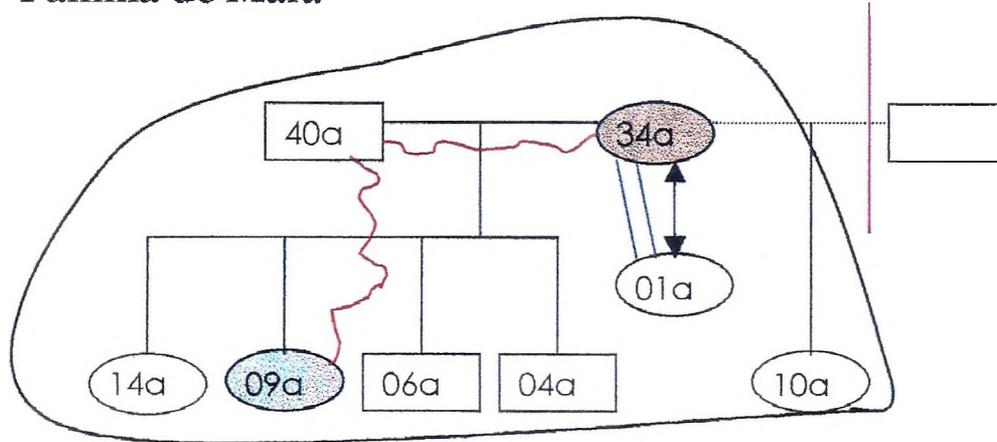
A mãe considera Jacó um menino bom, mas muito impulsivo, e *não fica quieto um só minuto*, mas que é muito carinhoso. Diz que a única reclamação que recebeu da escola é que ele está muito atrasado. Afirma que, quando está com raiva, ele é agressivo e *vai em cima*. Quando isso acontece, ela briga com ele, e é bem rígida mesmo. Relata ameaçar que vai bater, mas às vezes não bate e pede para os irmãos mais velhos baterem, quando eles não querem fazer isso, ela bate, mas diz que ameaça mais para intimidar. Assegura que o Jacó é assim porque o pai dele fazia toda as vontades dele e muitas vezes ela brigou com o pai por isso, pois ele recebeu carinho demais, daí porque é rebelde.

Quem mantém a casa é o pai e há dois irmãos que trabalham, mas apenas dão uma pequena colaboração. Ela acha que é Deus que a mantém e a sua família, pois é uma família muito grande para o pouco que ganha, mas que tem dado certo até o presente momento. Ele é vigilante e ganha dois salários mínimos. Ela trabalhava prestando serviços domésticos, mas, no momento, não está mais trabalhando porque diz: *estou cansada e já tenho quarenta e cinco anos, e tenho que descansar*. Acredita que os irmãos agora têm que se esforçar para ajudá-la, pois já estão todos crescendo e ela já ajudou bastante a eles e eles que a ajudem.

Os irmãos mais velhos às vezes interferem na educação dos menores, geralmente por solicitação dela ou do pai, pois eles *tem muito mais forças para bater quando preciso*, pois é assim que o marido a orienta para poupá-la de chateação e cansaço. Declara que em alguns momentos quando acha que o Jacó precisa de *apanhar*, como quando vai para rua e não avisa e ainda demora, um dos irmãos mais velhos, chamado a intervir, geralmente recua e diz sentir pena. Então a mãe resolve fazê-lo.

Percebi, durante os encontros, que a mãe sempre demonstrava um carinho muito grande pelos filhos, abraçava um, beijava outro, tratava-os com carinho e voz mansa, e, quando se referia ao pai, percebi respeito e carinho. A sobrinha estava presente aos encontros que tivemos e sua irmã casada também apareceu. A relação da mãe com sua cunhada, que estava grávida, também não foi diferente, parecia interagir bem. São nove irmãos e ela declara que cobra sempre deles um comportamento cristão, pois são evangélicos.

• **Família de Mara**



Família composta por sete pessoas: pai, mãe, filhas, filhos, sobrinha. Apenas não estudam o filho mais novo e a sobrinha. O pai é alfabetizado e a mãe é analfabeta. Ele é pintor, mas no momento encontra-se sem trabalho fixo, passando muitas vezes de quinze dias parado. Ela cuida da casa e dos filhos. Chegou a trabalhar como empregada doméstica e em uma fábrica de confecções, mas, depois que saiu, não conseguiu mais emprego. Mara ajuda em um salão de beleza perto de casa, de maneira informal, e ganha algum dinheiro. Estão criando uma prima em consequência da morte do tio e abandono da esposa dele. Eram católicos, chegaram a fazer parte de outra religião (evangélica), e agora estão na Igreja Quadrangular, pois refere não possuir dinheiro para doar à igreja, que muito solicitava. Moram em casa de alvenaria, oriunda de ocupação (assentamento), com dois cômodos (sala e cozinha) sem banheiro; com energia elétrica, água encanada. O lixo e os dejetos são deixados em depósito público. Moram em rua de calçamento e usam como transporte o ônibus e a bicicleta.

Os pais moram juntos há quatorze anos. Nesse período, estiveram separados por dois anos, só reatando a união após o nascimento da segunda irmã, fruto de outro relacionamento da mãe.

A mãe tem uma aparência descuidada, aparentando desnutrição, com ar depressivo, que expressa amargura e sofrimento. No seu depoimento revela falta de esperança e considera-se uma pessoa sem sorte por ter deixado um relacionamento anterior por seu atual companheiro, pois acredita que teria sido mais feliz.

Afirma não agüentar mais a bebida do pai, pois este fica agressivo, chegando a agredi-la física e moralmente. O pai se relaciona bem com os filhos, quando sóbrio. Relata que ele bebe demais e é violento, é agressivo e bate. Diz que emagreceu muito após o retorno dele quando se separaram, pois, antes, era *gorda e bonita*. Relata já ter sofrido muito, e chora. Narra nesse instante toda a sua vida desde a infância e o quanto sofreu após a morte de sua mãe.

A irmã mais velha ajuda nos afazeres domésticos. Os irmãos mais novos, quando não estão na escola, passam muito tempo fora de casa, na rua, nas casas dos amigos. Os pais não gostam muito, mas não conseguem mantê-los por muito tempo em casa por falta de espaço físico. Nem mesmo a mãe e o pai permanecem dentro do lar. Quando não estão trabalhando ou dormindo, ficam nas calçadas conversando com os vizinhos.

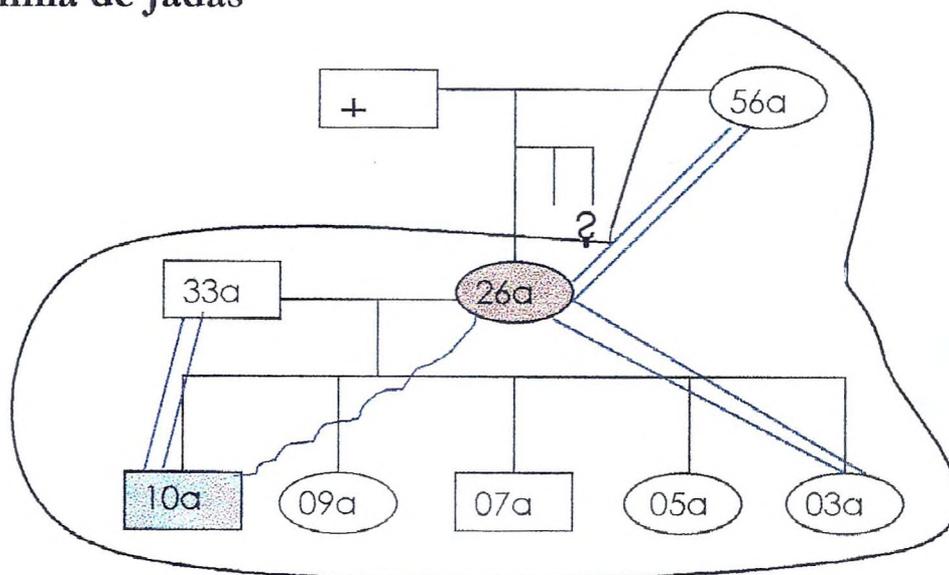
A Mara e os irmãos passam muito tempo na rua, nem mesmo avisam para onde vão quando saem com os colegas. Num dos encontros que tivemos, o pai estava em casa e, quando saiu, não dirigiu a palavra à mãe. Percebi um clima de silêncio e pouco diálogo. A mãe afirma que não tem muito controle sobre Mara e os irmãos, pois a casa é muito pequena para mantê-los dentro, e que se os mantiver dentro de casa direto *endoida* ela e enlouquecem os meninos.

Afirma que a Mara é muito *braba* e que dá muito trabalho, *já fala alto com o pai*, desafia a mãe e o pai e que, quando ela demora a voltar para casa o

pai bate, *com tapa na cara* e manda se deitar para dormir. Relata que Mara e as irmãs só querem viver na rua, nas casas das amigas e que se pudessem só vinham para casa no hora de dormir. Com isso não pode trabalhar fora de casa, pois ainda tem filhos pequenos. Relata que o irmão mais novo e a prima de Mara não são registrados.

No último encontro que tivemos, ela se encontrava com um aspecto mais entusiástico e menos depressivo. Ainda emagrecida, afirma que as coisas melhoraram um pouco mais, pois o marido havia arranjado um serviço, mesmo que por tempo determinado e que estava bebendo menos.

• Família de Jadas



Jadas mora com os pais, os irmãos e a avó paterna, em uma casa de alvenaria, adquirida pelo sistema de ocupação, com quatro cômodos com energia elétrica, água oriunda da companhia de água e esgoto, porém não é encanada para toda a casa, com banheiro e o lixo é recolhido pela coleta pública através de container em logradouro principal. A rua é pavimentada

com barro batido. O pai trabalha, a mãe toma conta de uma venda na sala da casa e a avó é aposentada. A renda familiar é em torno de três salários mínimos.

Considera Jadas rebelde e levado, assegura que quando os irmãos fazem o que ele não gosta, fica agressivo. Relata que *o negócio dele é fazer tudo que vê na televisão* e que o conhece muito bem sabendo quando ele fez ou não fez alguma coisa. Afirma ter uma rotina para Jadas e seus irmãos, que só Jadas não segue. Quando acorda, é tomar banho, tomar café, fazer a tarefa e depois brincar. Relata que ele toma banho e café e depois quer sair para brincar, *não quer nem saber de tarefa*, copia depois toda a tarefa da irmã, que estuda na mesma sala que ele. Afirma que acha que o irmão mais novo tem problema, pois tudo o que ele pega é para rasgar e destruir.

Assegura que o pai briga com ela pelo comportamento de Jadas, culpando-a, mas ela diz que quem tem de orientar o filho é ele. Declara que eles não falam a mesma linguagem, pois ele não confirma o que ela diz e faz, ele só diz que ela está errada no lidar com a criança, mas que não toma nenhuma providência quando ela reclama de Jadas a ele. Reclama que o pai tem que dar mais atenção a ele, começando pelas coisas pequenas que faz, para combater a maior. Relata que o pai encobre tudo o que o Jadas faz e acha que ele está errado. Afirma que já bateu muito em Jadas, mas que agora não faz mais isso, pois não adianta, ela apenas o coloca no castigo para não sair de casa, e quando ele sai retorna *do meio do caminho, porque tem medo*.

A mãe além da venda, do Jadas, dos seus irmãos e dos afazeres domésticos, tem a avó doente que não deambula e tem câncer e é ela quem cuida. No momento, está fazendo tratamento no Instituto do Câncer do Ceará – ICC e é ela que vai com a avó, deixando o Jadas e os irmãos mais velhos cuidando dos mais novos enquanto volta. Cobra do pai o auxílio na educação dos filhos, pois não tem muito tempo por cuidar da mãe doente.

No domicílio, dormem todos uns em cima dos outros, pois não há muito espaço. Em uma cama que fica na cozinha, dormem Jadas e mais três irmãos, a avó dorme em uma cama no quarto, e a mãe, o pai e o irmão mais novo dormem de rede na sala onde funciona a venda. Relata que durante o dia os filhos ficam brincando na rua e que não os prende porque não tem espaço.

Em uma das visitas era o dia de levar a avó para o ICC. Quando cheguei, ela estava terminando de banhar as crianças e de ajeitar o café da manhã delas. Eles ficaram assistindo à televisão, enquanto ela banhava e arrumava a avó. Foi quando o carro do hospital chegou para pegá-las, ajudei-a a levá-la em uma cadeira até o carro.

Declara ter uma vida de muito sofrimento, porém sua expressão facial não denuncia isto. Esteve nos nossos encontros sempre sorridente e alegre. Parece encarar a vida com muito humor.

REFLETINDO

As descrições apresentadas revelam a situação biográfica das famílias das crianças-problema na escola. O acervo de conhecimento que elas têm à mão declara a influência do contexto em que vivem, numa atitude natural, em suas experiências.

Schutz assinala que somente uma parte do conhecimento do mundo se origina de experiência pessoal do homem, a maior parte é do social (Wagner, 1979). O reflexo do social na experiência pessoal, quando considerado, facilita a compreensão dos significados, sentimentos e atitudes dos atores sociais.

Ao buscar compreender as famílias, não se pode negligenciar o contexto político-socioeconômico que estas experienciam em seu mundo da

vida. Conhecer essas múltiplas realidades presentes no seu cotidiano deve ser o foco inicial para quem se propõe trabalhar com famílias. Por este motivo considere importante relatar o mundo subjetivo de cada família e facilitar assim a compreensão do todo.

O sentido de família é expresso por sentimentos e percepção, e pela maneira com que os membros descrevem sua história, suas atitudes, seu estilo, o que alguns chamam de história familiar (Minuchin, Colapinto, Minuchin, 1999).

Conforme os genogramas apresentados, percebe-se que as famílias, elas não são formalmente estruturadas com pai, mãe e filhos. Tem-se a presença de avós, tios e ausência de pai e/ou mãe. E muitas vezes, mesmo não morando na mesma casa, existe uma relação de proximidade, e porque não dizer de interferência na formação da criança.

Nitschke(1999:98) menciona que a família formada por cadeia, com anéis e ligações, *que tem uma existência própria e uma especificidade que é peculiar*, como os elos de sangue. *Uma família além de elos de sangue pode ter simultaneamente, outros elos* como de amizade, de adoção e tem determinado como eles se relacionam entre si.

Além das ligações, verificou-se como se encontram as condições socioeconômicas das famílias. Estas relatam situações de sofrimento e de grandes esforços na luta pela sobrevivência. Vivem em condições precárias de saneamento e de provimento de renda. E, toda essa problemática reflete em conflitos familiares e dificuldades no enfrentamento dos mesmos, o que afeta diretamente a saúde mental dos seus membros, os quais reagem de forma específica a cada conflito.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE COMPREENSIVA

CAPÍTULO 5

A ANÁLISE COMPREENSIVA

A compreensão da ação do sujeito se dá a partir do entrelaçamento entre as estruturas temáticas significativas e os elementos do conhecimento, conforme citação de Schutz & Luckmann (1973), no capítulo três. As tematizações antecedem toda e qualquer interpretação.

Neste momento, apresento as estruturas temáticas significativas encontradas nos depoimentos das famílias das *crianças-problema* e logo em seguida, entrelaço as categorias concretas com o pensamento de Alfred Schutz em busca do sentido da ação.

CATEGORIAS CONCRETAS

Para compreensão do tipo vivido das famílias das crianças-problema, realizei uma descrição individual de cada família, apresentada no capítulo anterior, como forma de melhor perceber a situação biográfica das famílias nas categorias concretas que apresentarei a seguir. Para Schutz, essa análise se caracteriza como o construto de segundo nível, pois foram elaborados por mim a partir dos de primeiro nível, que são as experiências vivenciadas pelos sujeitos, descritas na entrevista e observadas a cada encontro.

A partir dos relatos de cada família, busquei conhecer os motivos que norteavam o seu tipo vivido familiar em cada ação expressa pelas

experiências de vida relatadas. Essa ação levou-me ao *motivo para* e *motivo por que*, através dos quais pude chegar ao típico familiar das crianças-problema na escola. Não houve nenhum direcionamento para o encontro dos motivos do vivido familiar das crianças-problema ao entrevistar as famílias; eles foram encontrados nos relatos das famílias ao descrever sua experiência familiar cotidiana.

Nos depoimentos que se encontram a seguir, os nomes das crianças são fictícios. O informante está identificado pelo grau de parentesco com a criança. As reticências (...) significam supressão nos discursos, pois haviam relatos repetidos e longos que nem sempre exprimiam o fenômeno em estudo. As que se encontram entre parênteses((...)) são pausas, momentos de silêncio dos entrevistados durante os seus relatos.

As categorias estão estruturadas assim: os *motivos por que* das famílias em seu tipo vivido: o sustento necessário à sobrevivência, o relacionamento familiar, o tipo familiar e sentimentos em relação à vida; e, os *motivos para* no seu vivido familiar: o que espera dos filhos, e projetos pessoais e familiares.

MOTIVO POR QUE

- **O sustento necessário à sobrevivência**

O homem - provedor da renda familiar

A mulher no trabalho para o sustento familiar

Participação da mulher no orçamento domiciliar

A mulher antes participativa no orçamento familiar, agora dependente

O desemprego presente no mundo cotidiano das famílias

- **Ação com os filhos**

O recurso da agressão física como forma de estabelecer limites à criança

Uma ação mais enérgica suprime a agressão física

As dificuldades vivenciadas ao lidar com o limite na educação dos filhos

Reação conformista do filho à ação dos pais

Ausência da mãe – motivo de mudança na conduta do filho

Homossexualismo – aceitação difícil para os pais

- **As relações familiares**

Pai vítima de Alcoolismo

Pai que participa da formação do filho

Pai ausente

Violência doméstica

Filhos trazem a desordem familiar

Pai e mãe divergindo no pensar

Pais que delegam aos filhos adultos a intervenção junto aos mais novos

Relacionamento intrafamiliar

Espaço físico de moradia pequeno para o convívio e espaço externo ameaçador

- **Sentimentos em relação à vida**

Temendo a loucura e repensando as decisões tomadas

Cansada de lutar pela vida

MOTIVO PARA

- **O que espera dos filhos**

Espera retorno financeiro – Vêem neles uma possibilidade

Angústia da avó que assume o papel de mãe

Não trilhar os mesmos caminhos do pai

Crer na perpetuação do seu sofrimento

- **Projetos pessoais e familiares**

Noção de trabalho – Projeto de ação para um melhor para os filhos

Melhor condição socioeconômica

Solução para os conflitos familiares

Projeto pessoal – adotar uma menina

Em sua bagagem de conhecimento, a família permitiu-me lançar mão de situações particulares e diversas de muito significado para a construção do seu tipo vivido, pois, ao descrever o seu mundo da vida, expressam os *motivos por que* da sua ação.

Os Motivos Por Que no Seu Vivido Familiar

• SUSTENTO NECESSÁRIO À SOBREVIVÊNCIA

Vários depoimentos emergiram nessa categoria e foram assim se estruturando: o homem- provedor da renda familiar; a mulher no trabalho a para o sustento familiar; participação da mulher no orçamento domiciliar; a mulher antes participante ativa no orçamento familiar, agora dependente, o desemprego presente no mundo cotidiano das famílias.

O Homem – Provedor da renda familiar

Nos relatos abaixo, encontrei as experiências das famílias, nas quais o pai é o provedor do orçamento domiciliar.

Meu companheiro trabalha no SINE, ele é contínuo, ganha trezentos e pouco reais por mês, mas, com os descontos e o empréstimo só recebe cento e setenta (mãe de Jairo).

Eu ganho uma gota por mês. Mês dá pra sustentar mês não...Quando não, eu empurro para o mês da frente. Eu sou aposentado da Assembléia (pai de Maria).

No momento eu estou parada, faz mais de um ano. É o pai deles que trabalha (mãe de Jarbas).

Meu marido é que trabalha ele é vigilante. Eu acho que é Deus que nos mantém, que é uma família muito grande...Eu trabalhava de serviços

domésticos Trabalhei muito, mas agora já estou com quarenta e cinco anos tem é que descansar. Tem um filho que me ajuda também em alguma coisa, pois ganha pouco (mãe de Jacó).

Nessas famílias, a renda familiar é toda proveniente do marido. As esposas já trabalharam ou nunca trabalharam, mesmo diante da necessidade de complemento salarial, como é o caso do relato do pai da Maria e da mãe de Jacó. As mulheres ficam em casa cuidando do trabalho doméstico e dos filhos. Questiona-se a que se deve essa não-atividade extra-domiciliar da mulher. Talvez a crise do desemprego que assola o País, mas também, pode estar relacionada à questão cultural da mulher em não trabalhar, por não se sentir disposta ou por não ter a *permissão* do marido para tal.

Em alguns depoimentos, como é o caso da mãe de Jairo, que exercia anteriormente uma atividade laboral, verifiquei através de sua fala que ela mesma desejava trabalhar, porém não foi sentido, nem mencionado nenhum esforço para consegui-lo. Porém no caso de pai da Maria, percebi através das relações de domínio, que ele não aceitaria o fato de sua mulher ter que trabalhar.

No relato da mãe de Jacó, há menção de que esta trabalhava, e que atualmente sente-se cansada em razão da idade. Porém na nossa legislação trabalhista, a aposentadoria da mulher é aos sessenta anos, quinze anos a mais do que esta mãe possui, não sendo ela aposentada. A opção foi voluntária, porém havia dentro da família uma concordância quanto ao fato de dela deixar de trabalhar, principalmente por parte do marido, que procura poupá-la de qualquer atividade que exija esforço físico e emocional.

A Mulher no Trabalho para o Sustento Familiar

Um retrato que está se tornando muito presente na nossa realidade brasileira, e principalmente nordestina, com as mudanças ocorridas no

trabalho feminino , é que as mulheres passam a ocupar o papel de provedora do sustento familiar, no qual, muitas vezes, é a única responsável pela família. A fala a seguir descreve essa realidade, a mulher como a única provedora.

Eu sou pensionista e trabalho como diarista lavando e engomando... e trabalho no estádio vendendo sanduíches, essas coisas, saio para lá de manhã e chego 7-8 horas da noite.(avó de José).

Apesar de já receber um salário regular como pensionista, a avó de José busca outras atividades complementares para a sua sobrevivência, pois, mesmo sendo viúva e tendo todos os filhos casados, ela precisa sustentar o seu neto e os filhos que sempre estão em sua casa para fazer alguma refeição. Ela sempre menciona que está cansada de tanto trabalhar. Tem aspecto de sofrimento e de cansaço.

No discurso que se segue, a mãe de Jamil também está cansada do trabalho fora de casa, mas tem quem a sustente, diferentemente da avó de José que tem que sustentar toda a família, apesar de não morarem mais com ela.

Eu trabalhava na faxina, mas estou cansada para isso, a minha irmã é quem trabalhava, mas agora ela se aposentou, e aí a gente vive assim porque é tudo unido, ajuda nunca falta... Às vezes eu fico chateada porque ele quer as coisas e não dá certo e aí eu choro(chora nesse momento) (Mãe de Jamil).

A mãe de Jamil se emociona quando fala da não-condição de sustentar o filho e afirma que o alimento não lhe falta, pois conta também com a ajuda de um irmão que mora vizinho, cuja casa em que ela reside é dele. O que a sensibiliza é o fato de não poder atender a outras necessidades, também consideradas importantes, do seu filho, como a vestimenta ou algum material para escola.

Participação da Mulher no Orçamento Domiciliar

Outra realidade presente nas famílias de crianças-problema na escola é a participação da mulher no orçamento domiciliar com parte significativa ou não na renda familiar.

Eu sou mecânico de refrigeração. Eu trabalho mais a domicílio... Só eu trabalho aqui em casa, ela trabalha mas a renda dela é muito pouca, então praticamente eu poderia dizer egoisticamente que quem só trabalha sou eu. Mas eu não gosto de dizer, porque ela trabalha a renda que é pouca (pai de Jeca).

Eu trabalho, o avô trabalha, a tia trabalha e o pai dele não trabalha e passa o dia na rua (avó de João).

Na família de Jeca, o pai não considera a colaboração da mãe significativa para o orçamento doméstico, apesar de afirmar que não se preocupa com o pagamento da prestação da casa e conta de água. Sempre que falava do ganho mensal da esposa, fazia expressão de desprezo, pois o considera ínfimo diante do que ganha, bem como por ter uma profissão definida e a esposa ser apenas uma vendedora de peças íntimas femininas.

O avô de João já apresenta outra postura diante da profissão da mulher, falando com satisfação que esta colabora com o sustento familiar. A sua filha também trabalha, apesar de quase não colaborar com as despesas domiciliares, sendo isso motivo de orgulho para ele. O que o desarma é o fato do seu filho, o pai do João, não trabalhar, passando o dia ocioso.

A família em que Maisa vive é a da sua tia, que é aposentada e tem sua filha e genro que trabalham. A insatisfação reside no fato de a mãe da menina, sua irmã, não colaborar de nenhuma forma com a criação da Maisa.

A mãe dela trabalhava nas casas e está com mais de uma ano que ela não bota um prego numa barra de sabão e quando eu falo ela some. Ela mora lá na Mãe. Aqui é minha filha e meu genro trabalhando, a minha aposentadoria só dá para mim. (tia de Maisa).

Há uma alegação por parte da tia no que diz respeito ao sustento de Maisa, bem como de sua filha e genro, pois eles têm duas filhas para cuidar. E

o fato de sua mãe não assumir nenhuma responsabilidade na criação da filha gera descontentamento por parte da família que dela cuida.

A Maísa só se encontra ainda na casa da tia porque sua prima, junto com o marido, tem uma participação ativa no orçamento domiciliar, pois, dessa forma, ela teve voz ativa para solicitar ao companheiro a permanência de Maísa, a pedido da mãe(tia de Maísa).

No relato abaixo, percebe-se a necessidade por que passa a família de Júlio. A renda familiar, que não atinge nem um salário mínimo, é oriunda da aposentadoria da tia, que tem um problema neurológico no sistema ocular.

O meu marido está com mais de quatro anos que está com aposentadoria cortada. Eu estou com duas cestas básicas devendo, a minha água está cortada. Não tenho dinheiro nem para comprar o pão do desjejum, porque aqui morre e não tem quem bote uma vela na mão. Só ganho noventa reais por mês (tia de Júlio).

Durante os encontros, percebi expressão de revolta, quando falava da falta de solidariedade dos amigos e vizinhos. Sempre que precisava, contava com a ajuda da igreja que freqüentava, recebendo objetos para comercializar, geralmente produtos de pequeno valor, como roupas, meias de criança. Isso só dava para suprir a necessidade emergente de dinheiro.

Há pouco tempo, havia comprado um televisor no nome do irmão, pois não tinha crédito nem renda suficiente, para ver se mantinha os meninos, no período de férias, dentro de casa. Nem mesmo sabia como iria pagar, pois se encontrava com muitas dívidas ligadas às necessidades básicas, como água e alimentação.

A Mulher antes Participante Ativa no Orçamento Familiar, agora Dependente

Nesse próximo depoimento, a avó de Joel, que sempre trabalhou no comércio com o marido, hoje enfrenta situação financeira difícil, pois, separada dele extrajudicialmente e desempregada, vive do que ele lhe manda.

Minha filha vai para a escola de manhã e não merenda, ela e o Joel dormem muitas vezes com fome porque não tem o que comer. Meu marido só me dá o arroz, o macarrão, o feijão e o açúcar e nem um tostão (avó de Joel).

Ela se lastima muito da vida que leva, da dependência de um marido que dela zomba e a humilha. Diz que nenhum filho pode ajudá-la, pois todos passam crise financeira, mal dando para o sustento deles próprios. Mas, como duas delas trabalham com o pai, às vezes, trazem algum complemento, à revelia dele.

O Desemprego Presente no Mundo Cotidiano das Famílias

Outra realidade presente no mundo social das famílias de crianças-problema na escola é a falta de emprego, ficando o sustento da família ao encargo de vizinhos e familiares.

Eu vendia roupa, e parei de trabalhar porque me deram um checho... Sustento ele honestamente. As minhas amigas me ajudam, aqui (na comunidade onde mora) também me ajudam. Nunca faltou nada, graças a Deus (mãe de Joel).

Eu não trabalho, sustentamos como Deus quer, ajuda dos amigos, de vez em quando meu marido faz um bico e assim vai... Ele não consegue arranjar emprego e ficar, por causa da bebida. Eu não posso trabalhar longe e fora de casa porque ainda tenho menino pequeno (mãe de Mara).

A mãe de Joel afirma que não pode trabalhar, apesar das várias tentativas, também porque precisa cuidar do seu filho cuja guarda ela não confia a ninguém. Ela já tentou colocar um mercadinho em casa, mas era constantemente assaltada pelas gangues da comunidade. Então havia optado

por viver de doações, e confia muito em umas amigas da época em que morava no bairro Varjota. Faz afirmação categórica de que nunca passou necessidade com o seu filho.

A família de Mara está com o pai e a mãe desempregados. Eles, seus cinco filhos e a sobrinha vivem de doações, e ainda existe o agravante da bebida do pai que dificulta a sua fixação no emprego. A mãe, por ter filhos ainda pequenos, não pode trabalhar. Essa situação tipicamente de conflito estimula as desavenças e dificulta as relações familiares. A conjuntura social de desemprego, fome e miséria tem sido grande obstáculo para as famílias na superação das crises.

• AÇÃO COM OS FILHOS

Nas descrições, houve relatos sobre o modo de ser dos membros da família, retratando como é o relacionamento familiar e de que forma eles interagem no seu mundo da vida de seres cuidados e seres que cuidam.

O Recurso da Agressão Física como Forma de Estabelecer Limites à Criança

O modo de ser das crianças nas famílias estudadas e suas relações com os pais ou pessoas que delas cuidam, e como estes respondem a essa interação, estão representados nos depoimentos a seguir, nos quais o recurso da palmada e/ou muitas vezes uma agressão maior, é utilizado para conseguir a resposta que desejam das crianças.

Quando o Jamil quer as coisas ele quer porque quer(...)Ele chora se zanga... tem hora que ele é até assim , agressivo(...)Às vezes eu me afobo, ai bato nele, mas eu nunca mais bati(...)Batia com palmada, com cinturão (mãe de Jamil).

Eu já disse à professora que pelo amor de Deus não mande reclamação, que é capaz de eu matar ele(...) Eu dou é mãozada no pé do ouvido, boto para sentar, mas não tem jeito não(avó de José).

Essa semana foi preciso eu dá umas lapadas nele, porque ele nem escuta quando a gente fala. Tem um tio que é bem rígido com ele, qualquer coisinha já quer encourar ele, eu é que não deixo. Ele tem mais medo da mãe dele do que de mim, porque ela é mais dura com ele(...)Quando o avô dele está em casa ele bem que obedece(...)(avó de Justo).

Ela dá trabalho. Ela é calada. Com o pai dela ela já fala alto. Ela às vezes me obedece(...)Quando eu digo ao pai delas que elas me desobedeceram e passaram a tarde fora de casa, ele dá um tapa em cada uma e manda dormir(mãe de Mara).

O pai dele não tem muita conversa não. É calado. Ele não é de bater. Mas, se reclamar alguma coisa o Jaime obedece(...) Eu bato nele, brigo com ele, quando dá fé, ele vai de novo.(Mãe de Jaime).

São poucas as famílias que assumem o fato de utilizar a agressão física como recurso para impor limite à criança. Percebe-se nos depoimentos é que, muitas vezes, não se fica só na palmada. São utilizados meios bem mais agressivos como bater na face ou utilizar objetos que provocam maior efeito para bater.

A mãe de Jamil, com aparência muito pacata, afirma com calma e leveza de como reage à incompreensão do seu filho quanto à sua limitação financeira. Mas assegura não mais bater diante de tais condutas, pois já começa a perceber que seu filho está com uma postura mais adulta por aceitar com maior facilidade as respostas negativas aos pedidos realizados.

Na fala da avó de Justo, percebe-se que várias pessoas da família assumem a postura de cuidador, principalmente no estabelecer limites para ele. A avó e a mãe batem. E ele tem sentimento de medo em relação à mãe e ao avô. A avó relata com segurança que não deixa o tio da criança agir com maior violência com ele, porém não se sabe até que ponto é que ela tem o controle da situação. Percebe-se, porém, que a criança tem tido muitas

referências no que diz respeito ao estabelecimento de limites quanto ao seu comportamento.

A forma de manter o controle da criança continua sendo através das palmadas, nas falas das mães de Mara e Jaime. Observei que somente quem tomava essa postura era a mãe, como acontece com a mãe de Jaime que afirma bater, enquanto o pai, através da reclamação com voz firme, já consegue a obediência do filho. Porém, no depoimento da mãe de Mara, quem adota essa conduta é o pai, e de forma violenta.

A postura do pai geralmente é mais ameaçadora do que a da mãe. Observa-se pelos depoimentos que a mãe usa muito mais o recurso de agredir fisicamente, enquanto o pai lança mão da voz firme e da comunicação não verbal de reprovação à ação do filho.

Percebe-se, que os mais diversos comportamentos são vivenciados pelas famílias de crianças-problema, em que muitas vezes, além da voz firme, do castigo e do bater, cria-se uma cultura de ensinar a criança a cuidar dela e das coisas delas e do que ela desfaz, como forma de punição.

Se ela toma banho, ela só molha a cabeça. Se ela vai ao banheiro ela se suja todinha, pra depois eu banhar(...) Aqui ela bota comida no mato e ainda suja a cozinha todinha. Ela rasga, risca o que encontrar, ela grita, não obedece as primas(...) Já está com um ano que eu mando ela lavar as calcinhas dela, o que ela suja eu mando limpar(...) Ela dá um trabalho muito grande, mas eu sou bem severa com ela, só de quem ela tem medo aqui é de mim(...) Eu prendo, muitas vezes eu bato(...) Para onde eu vou eu tenho que levá-la. Nem meu genro, nem minha filha, nem essas meninas(netas) agüentam mais ela(...) Nem minha mãe, nem minha irmã querem mais a menina... A mãe dela tem que cuidar dela (tia de Maisa).

A relação com a Maísa é sempre direcionado à punição e não à educação. Na sua comunicação não verbal, durante as entrevistas, percebi o quanto a tia tem uma rejeição clara por ela. A agressão física é mencionado como um recurso utilizado com frequência.

É observado, na fala da tia de Maisa, muita dificuldade no relacionamento com a sobrinha, bem como a intolerância a ela de todos os que residem no mesmo domicílio. Percebi durante os encontros que a tia sempre se referia a ela com sentimento de frieza e de descontentamento pelo fato de a mãe não estar assumindo a sua responsabilidade e deixando ao seu encargo todo o trabalho, e à sua filha e seu genro a de sustentar a menina. Talvez, sua ação muito punitiva se deva a essa não aceitação de ser cuidadora da criança, o que agrava ainda mais o comportamento de *rebeldia* da Maísa.

A Ação mais Enérgica Suprime o Uso da Agressão Física

Algumas famílias não reagem com palmadas, utilizam outros artifícios no lidar com a criança, mas, muitas vezes, a participação de muitas pessoas na educação pode dificultar a ação mais enérgica de um deles.

Quando eu o mando para o colégio, ele corre para a casa da mãe. Quando a mãe dele manda. Lá corre ele para cá. Ai a gente não sabe nem se ele está indo direito, nem nada(...) Nunca bati nele, quando dou um grito ele já para. Não tem essa de andar batendo não. (avó de João).

O avô de João fala da dificuldade de controlar as ações do neto, pois este mesmo estando sob sua guarda recorre à casa da mãe como forma de fugir das obrigações escolares. Porém, afirma que ela é muito firme no posicionamento com ele, não o deixando livre para decidir; intervém sempre que necessário. A palmada não faz parte do seu cotidiano com o neto, pois a voz mais alta e firme para ele resolve qualquer problema que possa estar existindo.

A ação enérgica muitas vezes é suficiente para muitos pais. Eles mesmos criam suas normas familiares e cobram a adesão dos filhos a tal regulamento.

(...)A minha educação é muito rígida...é normalmente uma educação básica que eu dou para ele(...) Se ele sair do meu regulamento ai a mãe dele me fala. Eu não vou criar batendo(...) O meu regulamento é que tem hora para brincar, para estudar e também para ter uma noção de trabalho(pai de Jeca).

A mãe , nessa família, assume o papel de denunciar a ação do filho para o pai agir, sem ter nenhuma intervenção. Essa postura de passividade da mãe foi adotada durante os encontros que tivemos e nos quais o pai sempre estava presente. Essa ação pacífica da mãe talvez se dê pelo fato de o pai ser constante em casa, pois o seu trabalho assim o permite.

Em outras famílias, a mãe intervém mais fortemente e utiliza os princípios religiosos para cobrar do filho uma atitude mais coerente com a sua crença e não admite a sua conduta agressiva. A ameaça da palmada é a alternativa para o controle da agressão do filho com os outros, mesmo que não a utilize.

Ele não é de parar de jeito nenhum.(...) Ele quando fica com raiva, ele é agressivo, o negócio dele é ir em cima(...) ai eu digo: - não se faça de gaiato , não. Porque eu sou evangélica e isso não é coisa de cristão.(...) Ele foi um menino muito mimado, pois os outros já estavam bem grandinhos. Até uma faixa de nove anos o pai dele fazia tudo o que ele queria. Eu às vezes até brigava(...) Eu brigo com ele bem rígida mesmo, que ele vai apanhar. Sempre prometo umas mãozadas, mas eu não bato não, eu falo assim para ver se intimida. Eu acho que só o diálogo dá para mim (mãe de Jacó).

O bater nem sempre é a única possibilidade encontrada pelos pais para o controle do filho. Mesmo ameaçando bater, essa mãe reconhece que o diálogo é a melhor opção para quem quer conseguir uma mudança de comportamento no filho. Por ter tido os filhos mais novos com uma diferença bem acentuada dos primeiros, há o reconhecimento de que o excesso de atenção dispensada ao filhos menores por parte do pai colaborou para a conduta hostil do filho.

As Dificuldades Vivenciadas ao Lidar com o Limite na Educação dos Filhos

No depoimento a seguir, a mãe também reconhece a colaboração do pai na postura agressiva do filho, pela sua permissividade, e assegura que não bate mais.

Com os irmãos ele é assim, ele brinca, ele brinca, mas quando faz o que o que ele não gosta, ele fica agressivo com os meninos. Quando ele faz uma coisa ele diz que não fez, mas eu sei que ele fez. Eu conheço ele, eu sei quando ele faz e quando não faz. Ele sempre quer fazer do jeito dele. Ele faz isso porque o pai dele acoberta o que ele faz(...) Eu não bato não, já bati muito. Eu boto ele de castigo (mãe de Jadas).

A mãe assegura que conhece muito bem o seu filho e distingue quando ele está ou não falando a verdade. Ela adota uma postura rígida com ele, e mesmo já tendo utilizado o recurso da palmada, declara não usar mais deste tipo de expediente. Rejeita, porém, a atitude de anuência do pai a tudo o que o filho faz, pois acredita que isso prejudica a sua educação; e declara cobrar participação do pai na formação dos filhos, pois considera muito importante.

A atitude hostil dos filhos é uma preocupação para os pais que ficam sem saber como controlá-los e mantê-los mais em casa e menos na rua.

Onde ele está eu preciso estar por perto(...) Eu venho pegar, venho deixar(...) ele quer liberdade, porque eu deixo ele preso(...) Quando ele quer, dia de Domingo eu vou ao zoológico(...) Muitas vezes ele diz que vai dar um murro na minha cara (mãe de Josa).

Ele é de viver no meio da rua. Não liga de fazer nada. Tem uns tempos para cá que ele não para dentro de casa(...) ele bate quando está com raiva. Ele pega o irmão dele e mete a pea. Se bater nele leva também. Ele é muito atrevido. (...) O irmão dele não é um menino rebelde. A gente reclama e ele fica calado (mãe de Jaime).

Eu só faço é ficar louca. Eu já fui chamada na Escola porque rasgou as coisas dos alunos, não se comporta, foge da sala, fica no pátio. É recado por cima de recado. Ele chega do colégio e pisa para o meio da rua (tia de Júlio).

A mãe de Josa tomou como atitude para o controle do filho deixar de trabalhar e passar a acompanhá-lo em todos os seus passos, não permitindo que ele saia sozinho, pois diz que ele pode aprender coisas que não deve fazer, e, mesmo com todo o cuidado, ele o considera muito agressivo, e procura justificativa para tal comportamento, já que existe muita doação por parte dela, mesmo dizendo renegar o dia em que permitiu a entrada da mãe biológica de Josa em sua casa, pois, a partir de então, sua vida mudou por completo. Sempre fala isso com um sentimento de perda .

A agressividade das crianças é consenso por parte da pessoa que cuida, porém a mãe de Jaime relata algumas das atitudes do filho com manifestação de orgulho, por ele sempre vencer, inclusive nas desavenças com o irmão, e faz uma comparação com o comportamento do filho mais velho que se apresenta sempre mais cooperativo.

Quanto à tia de Júlio, ela já se diz cansada das solicitações feitas pela escola por mau comportamento do sobrinho e faz uma relação com os seus filhos que nunca lhe deram esse tipo de trabalho. Em sua fala, faz expressão de descontentamento por ter que se responsabilizar por esta situação, pois o seu sobrinho pouco obedece.

Reação Conformista do Filho – Ação dos Pais

No depoimento a seguir, já existe uma conformação dos filhos à palavra final dada pelos pais, sem nenhuma contestação maior. O que a filha não aceita, mas consegue verbalizar é na mudança de comportamento do pai.

Ela não é assim de conversar com ele, de brincar com ele...ela é muito calma. Às vezes briga com a irmã dela(...) ela é muito conformada, não fica exigindo aquilo dali não. Ela concorda na hora. A irmã dela é do mesmo jeito(...) Às vezes ela ficava pedindo para o pai dela deixar de beber. Ela gosta muito do pai (mãe de Maria).

A mãe de Maria relata não haver nenhuma dificuldade em lidar com as filhas, pois elas se conformam com facilidade diante das decisões do pai ou da mãe, principalmente do pai, pois ele parecia determinar mais as situações. Por gostar muito dos pais, as filhas sempre requerem ao pai que deixe a bebida. Nos encontros ele sempre estava presente e bêbado. Talvez por ter uma postura agressiva e altiva, as filhas mostravam-se um pouco mais retraídas e solicitavam o fim do álcool no lar.

A Ausência da Mãe – Motivo de Mudança na Conduta do Filho

A ausência da mãe é motivo de mudança na conduta do filho, como expressa a fala a seguir, da mãe de Jáder, que deixa o seu filho o dia inteiro aos cuidados da irmã para ter que ir ao trabalho.

Quando eu não estou em casa, minha irmã disse que ele fica direto no meio da rua (mãe de Jader).

Ela mesma reconhece a significativa mudança de comportamento do filho que nesse momento de sua licença gestante está muito próximo a ela, ajudando-a inclusive nas atividades domésticas. No seu discurso, expressa a necessidade de ficar em casa para acompanhar melhor os seus filhos, e lamenta não poder fazê-lo.

Homossexualismo – Aceitação Difícil para os Pais

O comportamento adotado pelos pais no seio familiar também interfere na conduta dos filhos. É o que expressa a avó de Joel quanto ao seu filho que ainda mora com eles.

Meu filho, o nego, até para o que não presta já deu, para esse negócio de querer ser mulher, ele caiu na vida, tudo de sofrimento(...)Meu marido disse que quer ver o demônio e não que vê-lo na vista dele e que foi embora de casa por causa dele (avó de Joel).

Ela liga o homossexualismo do filho à agressividade do marido e ao fato de este nunca o ter aceitado. Em sua expressão não verbal, percebi sua não-aceitação da justificativa do marido para sair de casa, o qual afirma ser pelo homossexualismo do filho e relata que jamais mandaria o seu filho embora de casa, sendo essa a condição dada pelo marido para voltar.

• AS RELAÇÕES FAMILIARES

No relacionamento do nós, as famílias vão construindo, definindo e formulando uma percepção do seu tipo familiar, e elas passam a descrever essas experiências do seu mundo da vida nas falas que se encontram a seguir.

Pai Vítima do Alcoolismo – Problema Social no Cotidiano das Famílias

O alcoolismo é um problema social que afeta grande parte das famílias brasileiras, é a causa de muitas das desavenças, da violência doméstica, das separações, do desemprego e é presença marcante no mundo da vida das famílias estudadas.

O Pai dele é separado da mãe, ele bebe umas canas e ela não gosta. Ela está meio sentida com ele. (...) Lá ele tem diversos filhos, seis. (...) eu não tenho desavenças com a minha família, não. Nunca bati na minha mulher, nunca nos apartamos meio-dia, nem dez minutos. Eu nunca bebi cachaça, faço só fumar (avô de João).

Eu bebo cachaça desde os dezesseis anos, hoje estou com setenta, mas isso é problema meu de mais ninguém(...) Eu bebo porque não tenho o que fazer(...) Eu sou agressivo com quem me agredir, aí eu vou em cima dela, não quero nem saber(pai de Maria).

Graças a Deus o meu marido está trabalhando, não bebeu sábado, só bebeu domingo. O ruim é que quando ele bebe fica nojento, fica falando besteira demais, não é como uma pessoa boa. Eu digo: -filho eu gosto muito de tu bom,

mas tu bêbado eu não gosto não(...) O pai dele é muito ignorante, só fala com ele os gritos...Apesar da ignorância do pai o Jader se dá com ele (mãe de Jader).

Ele Bebe muito e é violento e eu emagreci muito, estou assim(apontando para si). Ele é agressivo e bate (mãe de Mara) .

O avô de João diz que seu filho é separado da mulher (pais de João) por esta não aceitar o seu alcoolismo. Relata o seu modo de ser na família, como forma de comparar ao do filho e questionar o porquê de ele agir assim, já que não existe história familiar de desavenças. Percebi nas suas expressões imenso respeito pela companheira, bem como valorização de sua pessoa.

Quanto ao pai de Maria, o álcool faz parte de sua vida como uma opção e não admite interferência nessa sua decisão. Reconhece a sua agressividade e considera que a sua ociosidade contribui para que mergulhe mais ainda no alcoolismo. Observei que a sua postura autoritária inibe a ação da esposa e a espontaneidade das filhas.

A bebida também traz mudanças no comportamento dos pais de Jader e de Mara, deixando-os mais hostis na relação com as mulheres e filhos. Essa conduta é rejeitada por toda a família, que sente o desejo de deixá-los, pois as conseqüências são severas, como no caso do pai de Mara, que agride tanto a mulher como os filhos.

Pai que Participa da Formação do Filho

Outro tipo de comportamento é observado na família de Jarbas na qual o pai é mais participativo, orientando os filhos sempre que necessário.

O pai dele participa , ele sempre aconselha eles, sempre dá conselho (mãe de Jarbas).

Apesar de não morar com a mulher e os filhos, o pai de Jarbas sempre dá conselhos aos filhos, pois é presença constante no lar, mesmo morando com a outra família, que é anterior a esta. A mãe de Jarbas afirma

conviver muito bem com essa situação, pois não se sente sozinha na criação dos filhos.

Percebi nos depoimentos das famílias das crianças-problema a diversidade de situações por elas vivenciadas, bem como a forma peculiar como cada uma reage a essas múltiplas experiências. O relacionamento do Nós, experienciado na relação face a face de cada família representa o seu tipo vivido, no qual eles lançam mão do conhecimento já adquirido no seu mundo cotidiano.

Pai Ausente

A presença do pai nem sempre é fator marcante nas famílias. Muitas existem sem a participação da figura do pai, mesmo quando conhecido da criança.

Ele conhece o pai dele, mas eu nunca morei com ele não. Ele não ajuda porque não tem nem para ele. A família dele é quem ajuda a ele. Quando o Jairo nasceu o pai dele queria que eu fosse morar com ele mas, eu não quis não, depois eu ia me encher de filho. Eu achei melhor ele para lá e eu para cá(mãe de Jamil).

A não-participação do pai na criação do seu filho foi uma opção da mãe de Jamil, que não quis contrair uma união estável com o companheiro, mas também nunca cobrou a colaboração financeira do pai na formação do filho. Não impede o filho de vê-lo, nem se atemoriza com essa aproximação.

Na família de Jarbas, o pai não reside com eles e sim com a outra família. A mãe está satisfeita com a situação e considera ele um pai presente, pois orienta os filhos e garante o sustento. Os filhos já estão habituados com a presença eventual do pai, apenas o Jarbas não tem maior afinidade com o pai.

O pai deles não mora comigo, mas sempre está aqui. É porque ele tem outra família(...) eu vivo com o pai dela assim eu aqui e ele lá, não moro assim com ele. A família ele já tinha antes de mim. Ele dá o sustento, nunca deixou

de me ajudar não(...) Aquele momento que o pai deles chega , eles ficam muito alegres. Quando ele vai embora eles não sentem não, já estão acostumados(...) O Jarbas é o que não se liga muito na presença do pai, ele fica todo por fora (mãe de Jarbas).

Nos encontros, a mãe de Jarbas sempre se mostrou resolvida com o seu modelo de família e se preocupa com o comportamento de Jarbas em relação ao pai, pois percebe que este não demonstra nenhum apego ou afeto pelo pai, principalmente quando compara com a reação dos outros dois filhos na presença paterna.

Violência Doméstica - Presença no Mundo da Vida das Famílias Afetando a Harmonia Familiar

As desavenças familiares são presentes no cotidiano de muitas famílias, e, tem contribuído com o crescimento da violência urbana. Os filhos gerados em meios de grandes conflitos tendem a reproduzir essa ação no seu mundo da vida, por ser seu estoque de conhecimento à mão.

Culturalmente, a mulher ainda mantém uma relação de submissão com os maridos, mesmo não concordando. F. essa conduta autoritária, faz o homem pensar ser proprietário da mulher, reagindo com violência quando é contrariado.

Sou muito humilhada por ele, ele alega tudo o que faz por mim e pelos meus filhos(...) Eu não gosto mais dele não(...) A gente não tem nada já faz dois meses, eu acho que ele é impotente. Ele me bate, já me bateu até com uma corrente que tinha no pescoço e, depois tive que passar amoníaco para tirar a mancha. Mas só foi dessa vez, eu agora enfrento ele (mãe de Jairo).

O avô dele que é meu marido é muito egoísta. Eu vivo sofrendo há muitos anos(...) ele fez uma tragédia comigo por causa de uma vagabunda e ficou um ano fugindo de mim...hoje eu vivo mais dormindo do que acordada com esses remédios para nervosismo(...) Eu vivo trancada nessa parte da casa, pois ele não deixa eu ir para a outra parte. Agora a lei é a dele, na minha casa eu

não tenho onde lavar porque foi dividida por ele(...) Eu já apanhei muito, já sofri muito. Eu tenho medo dele(avó de Joel).

Ele é grosseiro comigo, mas não bate, só com palavras. O Jader já viu muitas vezes a gente brigando e ele diz: mãe deixa ele falar só. (...) Eu já disse a ele para ir embora, que fica eu e o Jader e o nenem, mas ele não vai embora não. O Jader também manda ele ir embora. Quase tudo que eu faço ele concorda(mãe de Jader).

(...) Eu vivo com ele há...eu separei uns tempos e ele me deixou com a mais velha com um ano e passamos uns quatro anos separados...Ai eu tive outra menina de outro homem, foi indo, foi indo, quando ele voltou, e assumiu a menina. Eu estava gorda e bonita, agora estou magra e feia de tanto sofrer,, pois ele é agressivo (mãe de Mara).

Nas falas, há o relato de desarmonia nas relações conjugais, as quais são permeadas de agressões, tanto morais quanto físicas, que trazem a infelicidade expressas nas falas das mulheres, que, diante de tal situação, não conseguem mais alimentar um sentimento de amor pelo companheiro e chegam até a ameaçar de ir embora ou mesmo de solicitar que o marido a deixe.

A dependência financeira é outro fator que deixa as mulheres à deriva dos maridos, umas com o sentimento de medo, como é o caso da avó de Joel e outras indo ao encontro a eles, a mãe de Jairo. Nessas duas famílias, as mulheres mencionam não existir mais um relacionamento afetivo com os maridos. Elas se sentem humilhadas e desprezadas e dizem não suportar mais essa situação. A mãe de Jairo, no último encontro que tivemos, estava arrumando as coisas para ir embora, num choro incontrolável e com expressão de desventura.

A mãe de Jader, por não suportar mais a situação de agressão verbal por parte do marido, já solicitou que este fosse embora, e com a conivência do filho, que presencia toda as desavenças. Porém, ela tem sua independência financeira e, muitas vezes, no desemprego do marido é ela que o sustenta.

No relato da mãe da Mara, é presente a descrição de agressões morais e físicas que afetaram a aparência física dela. Existe a dependência financeira do marido que no momento só faz biscates.

Filhos Trazem a Desordem Familiar

Algumas famílias, não tendo o marido, têm os filhos que trazem a desordem familiar, com bebidas e agressão entre si.

Esse meu filho perturba demais, eu vivo doente por causa da cachaça dele(...) Eu vou acabar morrendo de tanta raiva e chateação, bebedeira. O José só pode aprender tudo que é ruim, pois aqui em casa ele só vê confusão(avó de José).

Na sua fala, a avó do José acredita que o ambiente de discórdias e agressões interfere na conduta do neto, e que este age na escola de acordo com o que vivencia em casa. No seu relato, há expressão de revolta, pois acredita que os filhos devem deixá-la em paz para criar o seu neto sem tanta interferência.

Pais Divergindo no Pensar – O Desencontro de Opiniões na Educação dos Filhos

Na fala a seguir o pai é presente fisicamente, mas pouco intervém junto à mãe na educação do filho, muitas vezes, segundo avaliação da mulher, até atrapalha por apresentar comportamento ou decisão contrária ao que ela determina ao filho.

(...)O pai dele fica brigando comigo. Ai eu digo que não adianta vir brigar comigo. – Você tem que dizer a ele, orientar a ele. Não adianta você vir dizer uma coisa e depois dizer outra. Tem que dizer a mesma coisa que eu digo.(...) Você tem que vir dar atenção porque se não quando vier está errado demais. Ele tem que dá atenção as coisas pequenas, já evitando uma coisa maior. (mãe de Jadas).

O desencontro de opiniões sobre a educação dos filhos entre os pais é considerado por essa mãe como um fator que atrapalha a relação com o filho, principalmente no que diz respeito ao limite. Ela cobra freqüentemente uma participação mais direta do pai com o filho, e não usá-la como intermediária. Percebe-se que essa mãe sente-se sozinha e cobrada na tarefa de cuidar dos filhos, mas que é consciente de que esta não é uma responsabilidade apenas dela.

Pais que Delegam aos Filhos Adultos a Intervenção Junto aos Mais Novos

Em algumas famílias em que o pai é consciente da participação na educação dos filhos e que não pode assim realizá-la, ele delega aos filhos mais velhos tal atuação junto aos filhos mais novos, como forma de reforçar a mãe nas decisões.

Tenho dez filhos, a minha filha casada não mora aqui, mas é mesmo que ser, que só vive aqui(...)Quando Jacó faz as danações meu marido diz: - Olhe você não bata porque você já está na idade que a gente fica tão cansada(...) ai ele diz que se eu quiser bater não bata mande um dos meninos mais velhos. Só que eles não estão nem ai para os mais velhos, os meninos brincam com eles como se fossem tudo criança(...)Ai eu tenho que fazer(...) Agora eu estou com esse daqui, mas ele tem a mulherzinha dele que está grávida e eles dormem aqui nesse quarto(mãe de Jacó).

O tipo familiar de Jacó é específico, pois os pais contam com a intervenção dos irmãos mais velhos junto aos mais novos, e isso, nem sempre, com a concordância deles, pois, muitas vezes, eles não sabem distinguir a sua relação de irmão da função de disciplinador. Ela mesma relata que os filhos maiores se negam a bater nos menores por terem compaixão.

Relacionamento Intrafamiliar

Júlio é cuidado pela sua tia, que tem o marido com distúrbios mentais, e, além dos cinco filhos, cuida de mais três filhos de sua irmã. No depoimento a seguir, a tia fala do desentendimento do seu irmão(pai de Júlio) com o seu marido.

Meu marido tem problema de deficiência mental e se desentendeu com o pai dele, meu irmão, pois ele agora está bebendo muito, por isso ele saiu daqui (tia de Júlio).

Nos encontros que tive com essa família, a tia de Júlio sempre mencionava a dificuldade que tinha de abrigar tantas pessoas em sua casa, pois, com a doença mental do marido, ela ficava sozinha na responsabilidade dos meninos e do sustento da casa, pois considera o marido inválido.

O acometimento a membros familiares é presença no cotidiano da família de Jairo, na qual tanto sua mãe como o seu padrasto investem contra a família um do outro.

A mãe dele não gosta de mim e se mete muito na nossa vida, dizendo que eu sou atrevida porque eu enfrento ele(...) Ele fala da minha família e não quer que eu vá ver meus outros filhos no interior(...) Ele diz que minha mãe é vagabunda e meus irmãos também (mãe de Jairo).

Essa realidade tem influenciado a mãe de Jairo a tomar a decisão de não mais querer manter a união com o seu companheiro, pois, nos encontros, sempre referiu a falta de respeito dele para com ela e sua família, bem como percebe um sentimento de posse dele, mas que ela nunca permitiu. Por outro lado, a sua sogra, em participação em uma das entrevistas refere que a nora é insolente com o seu filho e acredita que esta não tem nenhuma afeição por ele ou pelos filhos.

Espaço Físico de Moradia Pequeno para o Convívio Familiar e o Espaço Externo é Ameaçador

Outra realidade no mundo vida das famílias é o espaço físico domiciliar, onde elas procuram proporcionar um conforto para os seus componentes, da melhor maneira. E conta, geralmente, com os filhos mais velhos para a divisão das responsabilidades com os mais novos, como é o caso da família eo Jadas que relata a seguir.

Eu durmo aqui, o pai dele ai e o pequeno no meio(na sala). Ai tem uma cama de casal na cozinha que dorme os outros quatro. E a mãe dorme no quarto(...)Eles ficam em casa só durante a noite, durante o dia é brincando na rua. Ainda bem que eu não prendo muito porque aqui não tem espaço(...) Quando e vou para o Instituto do Câncer com a minha mãe, o Jadas e a irmã encostada dele ficam cuidando do meninos (mãe de Jadas).

O ambiente da rua passa a ser um entrave na educação dos filhos, pois, não tendo espaço físico em casa, a mãe libera as crianças para brincar fora dela. Geralmente, elas ficam distantes e sem o controle de suas ações. E, muitas vezes, esse ambiente externo é ameaçador. A violência urbana chega a afligir as famílias que se sentem encarceradas dentro do seu próprio lar.

Aqui onde eu moro só tem coisa de errado, fuma maconha. Homem matando as pessoas na frente da casa da gente, assim na rua (mãe de Josa).

O mundo cotidiano descrito pelas famílias é o retrato de uma realidade onde ao desemprego, à desigualdade social, à inversão de valores humanos se faz presente e, que pode gerar como resposta a violência urbana.

• SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À VIDA

No mundo social das famílias entrevistadas, toda a realidade já descrita dá vazão a sentimentos em relação à vida, nem sempre desejosos. Mas, mesmo diante dos sofrimentos já revelados através das diversas falas das

famílias, percebe-se garra, solidariedade e enfrentamento às situações de conflitos.

Temendo a Loucura e Repensando Decisões Tomadas

O sofrimento nas famílias é revelado como companheiro nos vários ciclos da vida, e quando espera livrar-se dele, em idade avançada, ele é mais real.

Já estou é cansada de tanto lutar pela vida. Eu já estou velha cansada e já está aparecendo um monte de doença. Eu estou cheia de doença e problema para resolver (avó de José).

O sofrimento é presença marcante na avó de Júlio que, mesmo já estando com os filhos todos adultos, cria um neto e enfrenta o problema do alcoolismo dos filhos. Como resposta, várias manifestações psicossomáticas e ainda ter que enfrentar o trabalho para complementar sua pensão e poder sustentar alguns dos filhos e o neto.

A mãe da Mara menciona o problema que a ociosidade está lhe trazendo, e teme a loucura, e por isso justifica o ficar na rua com os filhos, pois sua casa se resume a dois cômodos.

(...) Eu estou sem trabalhar... é tão bom a gente trabalhar...tomava banho, jantava quando chegava. Agora estou sem fazer nada. Do jeito que está a situação, agente fica mais é doida. E se eu for me trancar mais os meninos, fica é doida(...) Depois que eu vim para cá(Fortaleza)só foi sofrimento. Meu marido se pegou em mim...eu era noiva de um rapaz bom... mas quando a gente nasce com uma sorte... (mãe de Mara).

Nesse relato, são repensados o casamento e a possibilidade que teria tido de ser feliz. A mãe de Mara considera-se infeliz e alega isso ao destino que lhe foi traçado, pois poderia ter percorrido outro caminho. Afirma que, após ter vindo do interior do Estado para Fortaleza, sua história de resignação principiou.

A avó de Jadas é portadora de câncer, e quem cuida dela é a sua mãe que, mesmo com aparência descontraída e de satisfação, verbaliza a sua árdua rotina de trabalho.

Eu tenho um trabalho grande, você não sabe da minha luta que eu tenho pela frente e da minha peleja aqui em casa com a minha mãe que tem câncer. Eu digo para o Jadas: - tu tens que me ajudar rapaz, eu estou com a minha mãe doente em casa(mãe de Jadas).

Sem ter com quem contar, a mãe de Jadas solicita a colaboração dos filhos no trabalho doméstico e com a avó doente. Inclusive quando a mãe a acompanha para o tratamento num hospital especializado, os filhos mais velhos cuidam do mais novos.

Os Motivos Para no Seu Vivido Familiar

• O QUE ESPERA DOS FILHOS

Além de todos os problemas e conflitos vivenciados no mundo do sentido comum às famílias, que motivaram as suas ações e são situações que manifestaram experiências passadas, expressaram os seus projetos de ação que representam os *motivos para* através do que espera dos filhos.

Espera Retorno Financeiro – Vêm Neles uma Possibilidade

Esperar a ajuda dos filhos é uma das expectativas das mães, almejando com isso melhor condição de vida.

Eu digo para ele: - Depois você vai trabalhar, vai estudar...vai ter que estudar. Se você estudar vai arranjar um trabalho, vai me dá dinheiro, ai vai comprar uma casa para nós morarmos...ai quando eu morrer, você fica na sua casa (mãe de Jamil).

Ai os filhos já estão crescendo tem que se esforçar para me ajudar. Já ajudei bastante, eu quero é que eles me ajudem (mãe de Jacó).

Eu tenho esperança que a aposentadoria do meu marido volte, porque estão voltando, mas com dificuldade(...) Meu filho está atrás de um emprego, mas não arranja nada. Ele quer arrumar um dinheiro para botar um negócio(tia de Júlio).

O retorno do que já foi investido no filho é a esperança das famílias que acreditam nisso como possibilidade de passar a uma situação mais próspera. A mãe de Jamil procura fazê-lo acreditar que será através dos seus estudos que ele poderá proporcionar a ela e a ele melhor condição de vida, garantindo o seu sustento até a morte, quando então tudo será somente dele. A mãe de Jacó também espera nos filhos, porém ela aguarda apenas uma ajuda.

A dificuldade financeira que enfrenta a tia de Júlio a faz centrar suas esperanças no retorno da aposentadoria do marido. Como os filhos já estão crescendo, ela também aguarda que encontrem uma fonte de renda, pois é somente nessas duas possibilidades que pode investir.

Angústia da Avó que Assume o Papel de Mãe

O desejo que o seu neto tenha uma percepção positiva da convivência que tiveram é a expectativa da avó de Júlio que assim expressa a sua ansiedade com o futuro do neto.

Eu quero que ele se crie um menino bom, mas que mais tarde ele não venha a ter mágoa de mim porque eu não soube criar, fui dura demais, fui carrasca(...)Eu queria que os meus filhos estudassem e só um terminou os estudos. Eu queria que o Júlio terminasse o dele(avó de Júlio).

A preocupação com a relação que mantém com o neto faz a avó de Júlio temer algum sentimento de mágoa que este possa vir sentir por ela. Por esse motivo, procura pautar a sua ação nas experiências já vivenciadas na

sua realidade com os filhos e não perpetrar os mesmo erros que julga ter cometido.

Não Trilhar os Mesmos Caminhos do Pai

Temendo a influência da conduta do pai, a mãe de Jäder receia que a aproximação do pai com o álcool possa atrair o filho, e que este possa reproduzir o vício.

Eu tenho medo que ele beba como o pai dele e, eu digo a ele que não siga o pai dele (mãe de Jäder).

A orientação constante que a mãe de Jäder fornece a ele é que procure não trilhar os mesmos caminhos do pai, principalmente no que diz respeito ao álcool e retrata o sofrimento que eles experienciaram e porque ainda passam. Tudo se dá pelo seu conhecimento do cunho hereditário da doença.

Crer na Perpetuação da Experiência de Sofrimento Durante a sua Existência Mundana

A crença na perpetuação da experiência de sofrimento é o que relata avó do Joel, que aceita com resignação o que lhe foi traçado, que ela denominada de destino em todos os seus relatos de experiência de vida cotidiana.

Eu acho que vou sofrer um resto de tempo, um bocado de tempo, enquanto eu for viva eu acho que vou sofrer um bocado com ele (avó de Joel).

Ao descrever a sua história, a avó de Joel afirma que foi o marido que solicitou que trouxesse o neto para eles criarem e que, agora, quem o assume é ela, e, ele em quase nada contribui para a sua criação. Seu

depoimento é repleto de relatos de sofrimento, sempre afirmando serem motivados pelo marido.

• PROJETOS PESSOAIS E FAMILIARES

Nos seus planos para o futuro, as famílias apresentam seus projetos pessoais e familiares sempre voltados às suas necessidades básicas e em busca de uma experiência mundana mais digna e de melhor qualidade.

Noção de Trabalho - Projeto de Ação para um Futuro Melhor Para Filhos

Outra família menciona o seu projeto para o futuro, oferecendo ao filho uma experiência com o trabalho, procurando repassar a sua profissão para eles.

Eu pretendo dá a eles uma noção de trabalho, assim digamos três horas na semana de serviço em média. Não para trabalhar, produzir alguma coisa...é para Ter um gosto pelo trabalho (pai de Jeca).

A preocupação do pai de Jeca não reside em obter dos filhos uma colaboração com a renda familiar, mas oferecer-lhes uma oportunidade de experienciar uma atividade profissional para que introjetem em seu mundo cotidiano o prazer pelo trabalho. Para tanto, ele estabelece um horário determinado para cada atividade dos filhos e cria um espaço de tempo semanal dedicado a esta atividade.

Melhor Condição Socioeconômica

Condições básicas como moradia, sistema de água e esgoto, energia elétrica era para ser fornecido a todos os moradores pelo Estado, pois é a sua função. Mas, o que verificamos nos depoimentos e nas visitas realizadas aos domicílios é que a maioria das famílias não contam com esses serviços.

Se eu pedir ao pai dele ele me ajuda. Eu vou atrás dele, porque ele não pediu para vir ao mundo. Porque o Joel precisa de roupa e de comer (avó de Joel).

(...)Mas eu tenho fé em Deus que eu vou ter meu banheiro. Encostar minha parede para fazer um quarto só para as meninas. Ajeitar minha casa (mãe de Mara).

Nas famílias de Mara e de Joel as motivações para estão voltadas para as necessidades básicas como moradia e alimentação. Elas têm passado por grandes dificuldades financeiras, vivenciando inclusive falta de alimentação, que é uma questão básica de sobrevivência. A mãe da Mara menciona a ausência de um banheiro em casa e a esperança de construí-lo para poder dar maior conforto à família com melhores condições de saúde.

Percebi nesses depoimentos e nas observações realizadas nos domicílios a situação de miséria em que vivem a maioria das famílias entrevistadas, o que revela ausência de ações governamentais básicas no âmbito social e, especificamente, da saúde. As famílias podendo estar aspirando condições complementares à sua vida, almejam, pelo menos, obter uma condição de vida mais digna, o que deveria ser condição básica para qualquer cidadão.

Solução para os Conflitos Familiares – Desfazer o Sistema Existente

A experiência de desavenças familiares leva a avó de José a acreditar na possibilidade de uma solução que contribua ainda mais com o conflito entre os filhos.

Com os meus filhos, eu acho que eu vou é comprar três facas, para quando os meus filhos começarem a brigar, eu dá uma faca para cada um e eles se quiserem se matarem logo, só assim eles deixam de tanta briga...eu já pensei e acho que assim vai funcionar (avó de José).

Percebendo que suas forças estão se exaurindo no que diz respeito às confusões entre os filhos, a avó de José lança uma solução para esse problema, que poderá gerar outras situações mais difíceis de lidar. Talvez por se encontrar mergulhada no problema e já ter experienciado muitos outros momentos desses, ela não consiga vislumbrar uma solução adequada. Diante de tantos problemas, ela também cogita na possibilidade de entregar a guarda de José para uma instituição.

Se eu achasse uma pessoa, um interno para eu internar o José, eu não vivia mais aqui não... eu ia embora.. Eu já disse para ele que no dia que eu arranjar um colégio interno, eu vou internar ele(avó de José).

Ela já foi em busca de um colégio interno que pudesse aceitar José, mas não conseguiu; e mantém a possibilidade do internato aberta e já o prepara para tal acontecimento, pois pretende ir morar em outro estado junto a parentes e amigos, acreditando que lá terá uma vida mais tranqüila..

Quem também vivencia a experiência de criar um sobrinho que não lhe obedece e não segue as regras na sua casa é a tia de Júlio. Pretende entregá-lo a um órgão do Estado.

Eu quero levar ele para o SOS, já arrumei ele, mas quando chega na porta eu não tenho coragem, porque também tem os da minha irmã aqui (tia de Júlio).

A tia de Júlio afirma já ter se preparado várias vezes para deixar o sobrinho numa instituição para crianças que não têm guarda. O que a faz

recuar é a responsabilidade que assumiu de cuidar de mais três filhas de sua irmã, pois não encontra justificativa plausível para si de entregar o sobrinho e ficar com as sobrinhas.

Essa realidade é também vivida pela tia de Maisa, que aguarda há algum tempo a promessa da irmã de vir buscar a filha que já não é mais aceita pelos seus familiares com quem mora e que dela cuidam.

Ela promete que vem pegar a menina...disse que vinha em janeiro ia para São Paulo, só faltava comprar a passagem, mas eu acho que ela não vem não (tia de Maisa).

Ela relata com descrença o compromisso efetuado pela irmã que viria buscar a filha para ir morar em outro estado com ela, passando a assumir o seu cuidado. Em relatos anteriores, a tia de Maisa retrata as condições de tolerância em que se encontra a família da sua filha em relação à estada de Maisa em sua casa. Diante dessa realidade, a tia da Maisa expressa com firmeza que é de responsabilidade de sua irmã o cuidado da filha, não estando mais disposta a assumir a criação da sobrinha.

Projeto Pessoal Para o Futuro – Adotar uma Menina

Apesar dos conflitos familiares, a mãe de Jáder espera, quando estabilizar sua condição financeira, realizar o seu sonho de ter uma filha, que seria por adoção, pois já fez laqueadura tubária.

Mas no dia que eu melhorar de situação, eu tenho fé em Deus que vou melhorar...eu crio uma menina (mãe de Jáder).

A mãe de Jáder sempre esperou uma filha e conseguiu na segunda gestação, porém, quando sua filha tinha seis meses, por uma grave desidratação ela foi a óbito. A partir de então decidiu ficar somente com o Jáder, mas engravidou novamente e nasceu um menino, porém esperou

ansiosamente uma menina. Como não aconteceu, não perdeu a “esportiva”: projetou a sua aspiração pessoal, independentemente “de acordo” do marido.

Percebe-se que os projetos pessoais nas famílias das *crianças-problema* retratam as condições em que vivem essas famílias, pois, encontram-se atrelados às precárias condições socioeconômicas.

As famílias, ao descreverem suas experiências, expressaram suas emoções, conflitos intrafamiliares, insatisfações, sofrimentos, bem como suas satisfações e projetos de vida. Percebi nos relatos as realidades múltiplas presentes nas suas experiências do sentido comum da vida cotidiana.

Busco a partir dessas categorias concretas a compreensão. Para Schutz (1974); (1973), a compreensão da realidade social apresenta o desafio de assimilar a subjetividade do ator, captando o sentido que o ato tem para ele, que é a base do mundo social. E toda interpretação pressupõe estruturas temáticas de significatividade que precisam necessariamente ser entrelaçadas.

Até então, não houve o entrelaçamento das categorias concretas (estruturas temáticas significativas) e os elementos do conhecimento (pensamento de Alfred Schutz) e, portanto, a busca do sentido da ação subjetiva ainda se dará para que ocorra a compreensão do tipo vivido familiar das *crianças-problema* na escola.

A BUSCA DO SENTIDO

As experiências vivenciadas pelas famílias para serem descritas precisaram ser captadas pelo meu olhar fenomenológico, na intencionalidade de minha consciência, em busca do fenômeno e sua essência; olhar que, num relacionamento do Nós, proporcionou-me descobrir o seu mundo cotidiano.

Durante toda a sua existência, a família adquiriu experiências, vivenciou conflitos, manteve relacionamento do Tu, relacionamento do Nós e permanece nesse ciclo contínuo de vida, ampliando, com essas experiências, o seu acervo de conhecimento de que lança mão à medida que interage socialmente.

Seu acervo de conhecimento é revelado nos depoimentos, com significados implícitos, que precisam ser desvelados, buscado o sentido. Compreender o típico familiar não é somente descrever o que por ela foi relatado, mas sim ir às próprias coisas numa redução fenomenológica em busca do sentido da ação subjetiva.

A redução fenomenológica, *epoché* da atitude natural, caracteriza-se pela suspensão da dúvida a respeito da existência do mundo e seus objetos, pois eles podem ser diferentes do que lhe aparecem (Schutz; Luckmann, 1973).

Só se conhece o sentido subjetivo pela significação da ação, e sua interpretação se dá pelos motivos, que abarcam duas categorias diferentes, o *motivo para* e o *motivo por que*. As múltiplas experiências que o indivíduo tem de suas atitudes básicas do passado, que compõem os princípios, hábitos, gestos, constroem um sistema que personifica (Schutz, 1972).

O indivíduo personificado pelas suas experiências, junto com outros atores sociais, estrutura e caracteriza a família a que pertence. Cada família, no seu ciclo de vida familiar, reage de maneira peculiar às realidades

múltiplas que lhe aparecem, as quais são influenciadas não somente pelo acervo de conhecimentos que adquiriram a partir de suas experiências, mas também dos fatores externos, que contextualizam o seu mundo social.

Busquei caminhar segundo os postulados estabelecidos por Schutz, com os princípios que me levariam à tipologia do vivido, que são o da coerência lógica, interpretação subjetiva e da adequação.

Nas categorias concretas, a partir dos depoimentos das famílias, percebi, nos *motivos porque* evidenciados, a presença de situações pôr elas vivenciadas, que interferem no seu tipo vivido e refletem o contexto socioeconômico e político do País.

Na categoria **sustento necessário à sobrevivência**, há várias realidades presentes no cotidiano das famílias, mas todas centram, em um ponto comum, o problema financeiro. Nem sempre o que se ganha dá para o sustento da família. Em algumas delas, as mulheres participam do orçamento doméstico, delegando o cuidado dos filhos a outros; em outras, elas colaboram com o trabalho doméstico e com as crianças; outras experienciam o desemprego. Nos depoimentos, não pude deixar de perceber a ação subjetiva das famílias em busca da sobrevivência, que é parte do seu mundo cotidiano.

Os pré-requisitos fundamentais para a saúde são: paz, habitação, educação, alimentação, renda, eco-sistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Uma base sólida nestes princípios é o que favorece a promoção da saúde (Brasil, 1996).

Questiona-se, como trabalhar com família, no sentido de promoção da saúde mental, sem a análise da sua vida cotidiana? Conhecer como define sua situação no mundo social, é fundamental para a compreensão do sentido da sua ação subjetiva no mundo da vida.

Schutz sublinha que tem como problema principal a análise do mundo, da vida cotidiana, que pode ser caracterizado como uma realidade primária. Para ele não se pode compreender a atividade humana sem compreender a ação (Capalbo, 1998).

Essa experiência vivenciada pelas famílias define a sua situação biográfica e, passa a compor o seu acervo de conhecimento que é usado na interpretação que faz do mundo.

A vida diária rumo à sobrevivência define a situação das famílias em seu mundo intersubjetivo, pois interpretam suas ações a partir da sua bagagem de experiências. Nem sempre elas se adaptam à situação que lhes é imposta, de limitação financeira, pois buscam em outra atividade uma condição melhor para a sobrevivência.

O amparo social, no aspecto psicossocial, advocatício, de educação, de saúde, de capacitação profissional e geração de trabalho e renda, colaboram com o processo de fortalecimento da família e de investimento nas suas possibilidades de construção de projetos autônomos (Carvalho, 2000).

É preciso compreender o lugar que a família ocupa na política social e torná-la conhecedora do papel de destaque que poderá ocupar para tornar suas condições de vida mais digna, e que suas possibilidades de proteção, socialização e criação dos vínculos relacionais com seus membros possam ser desenvolvidas.

Em qualquer momento da sua vida diária, o homem se encontra em uma situação biograficamente determinada, em um meio físico e sociocultural que o define e dentro do qual ocupa uma posição, não só em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de status, mas também uma posição moral e ideológica (Schutz, 1962: 40).

A posição ocupada pelas famílias no mundo social revela que o seu espaço é ameaçado pela ausência de condições básicas a uma boa qualidade de

vida. Sua posição moral e ideológica não é definida, por não terem seus direitos garantido, sendo impedidas de exercerem plenamente a sua cidadania.

Ser pobre não significa automaticamente ser uma família disfuncional. É importante ressaltar que a pobreza é um fator que obriga as famílias a dar-se por vencidas, principalmente quando existem aspectos sociais que se favoreçam com essa posição de miséria e impotência (Hiness,2001:442).

Quanto à **ação com os filhos**, os membros, numa relação face a face, fazem sua interpretação a partir de sua bagagem de conhecimento que tem à mão no momento em que se processa a interação. Essa interpretação tanto é dos seus atos como da ação do outro.

Para Schutz, a vida no lar significa ter em comum o espaço e o tempo, com objetos e interesses à volta com base num sistema de relevâncias mais ou menos homogêneo, *significa, além disso, que são participantes de um relacionamento primário, vivenciam um ao outro como personalidades únicas num presente vivido*. Eles compartilham experiências e antecipações do futuro, acompanham o desenrolar do pensamento um do outro, vivenciando uma relação do Nós, pois *a vida um do outro se torna, assim, uma parte de sua própria autobiografia, um elemento de sua história pessoal*(Wagner, 1979: 294-5).

O relacionamento dos pais com as crianças é fruto de uma situação na qual a ação é motivada pelo seu acervo de conhecimentos, não somente herdados dos seus antecessores, mas, também, adquiridos a partir das suas experiências no mundo da vida. A ação motivada dos pais, ou cuidadores, com os filhos é interpretada por eles como a mais adequada para o presente vivido. Essa atitude natural é a base para seus projetos.

Alguns pais defendem o uso da agressão física como forma de manter a sua autoridade. Outros pais acreditam em uma forma de agir sem o uso da agressão, mas com ações sempre ligadas as questões de limite da

criança. O não-uso do bater não os tornam mais certos, pois também na sua significatividade interpretam a sua atitude natural com sendo a mais adequada.

Os padrões que organizam a hierarquia do poder definem os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento dos seus membros. A forma como a autoridade é desempenhada é um aspecto importante na organização familiar. É através dela que o potencial para harmonia e conflito é desenvolvido, sendo desafiado a medida que os seus membros crescem e se modificam (Minuchin, Colapinto, Minuchin, 1999).

O indivíduo lança mão, no seu agir, de atributos que o caracterizam, o personificam. A apreensão de todas as suas experiências se dá particular e diferentemente de qualquer um outro, mesmo que ele a possa ter vivenciado em um dado momento e lugares semelhantes.

Os pais, que usam ou não o recurso da agressão física na educação dos filhos, têm, a partir de suas relevâncias, uma ação projetada para eles, a de os tornarem indivíduos socialmente aceitos e capazes de lutar pela sobrevivência de forma digna. Toda essa projeção, a partir dos motivos por que, é embasada no seu acervo de conhecimento que define a sua situação biográfica.

O meu acervo do mundo social consiste em tipificações. Levo um acervo de conhecimento a todo encontro imediato com um semelhante. As tipificações também desempenham necessariamente um papel de importância na Orientação Tu e no Relacionamento Nós. Também capto com a ajuda das tipificações o semelhante único que está face a face comigo. (Schutz; Luckmann, 1973:90)

A situação biográfica da criança também tem por base o seu acervo de conhecimentos adquiridos ou herdados até o momento presente. Elas costumam reproduzir muitas situações captadas, bem como construir com

seus próprios materiais e métodos, também fruto do acervo de conhecimento, suas atitudes típicas.

Ao tipificar uma criança, os pais ou pessoas que cuidam utilizam critérios e estabelecem condutas para solucionar ou amenizar a situação. Esses critérios são determinados para avaliar um comportamento que se espera do filho. São os estoques de conhecimentos que os pais tem à mão a partir de suas experiências armazenadas nas suas situações de vida. Segundo Schutz, esses conhecimentos podem ser precisos e distintos, vagos e obscuros, e o acervo de conhecimento é produto das experiências sedimentadas(Wagner, 1979).

O indivíduo leva consigo seu horizonte interpretativo interno e externo e por esse motivo, ele não consegue captar a realidade do mundo, mas, apenas, alguns aspectos dela. A criança tem também o seu esquema interpretativo, e não se pode afirmar que ela é, apenas, um produto da família, pois dessa forma desconsiderar-se-ia todo o seu potencial de ser ativo no mundo, no qual mantém uma relação Nós com seus associados.

A criança pode refletir um comportamento experienciado dentro da família e da comunidade da qual faz parte, mas que antes foi apreendido e sedimentado por elas próprias. Para Schutz, a situação biográfica do indivíduo guarda uma relação explícita com a vida e a história pessoal de cada um dos membros do mundo social(Capalbo, 1998).

A reciprocidade de uma relação Nós é forçada à criança através do outro. Nessa relação, leva-se em consideração a capacidade estrutural da criança. Somente neste processo multifacetário da experiência do Outro, e de si mesmo por meio da experiência do Outro, se constrói a identidade da criança(Schutz, Luckmann,1973).

O mundo social não é um mundo privado, mas um mundo intersubjetivo, no qual o relacionar com os semelhantes é fundamental, pois é nessa relação com os contemporâneos que é vivenciado um mundo comum a todos nós. Dessa forma há o compartilhar do mesmo presente vívido.

As **relações familiares** são reveladas na atitude natural dos atores sociais, que no relacionamento com o outro definem a sua situação biográfica e revelam os seus motivos.

O alcoolismo é um problema social que atinge muitas famílias, com agravantes, ter caracteres hereditários e não ser aceito por seus portadores como doença. A mudança de comportamento dos pais que bebem é percebida e relatada pela família que não aprova tal atitude.

O álcool e as drogas são presença no cotidiano das famílias e podem levar ao rompimento familiar e criar barreiras ao seu desenvolvimento normal. *O potencial de conflito fica imensamente aumentado pelas realidades concretas de miséria*, o que torna difícil a resposta às demandas do cotidiano (Hiness,2001:444).

Essa experiência vivenciada pela família interfere na organização familiar que, depois de sedimentada, constitui contextos de significados que levam à relação com os associados e os impulsiona ao agir.

Para Schutz, na situação face a face, os parceiros estão continuamente revisando e ampliando o conhecimento um do outro. O acervo de conhecimento do mundo e dos contemporâneos é revisto e alargado pela nova experiência, não interessando de que parte se origina no mundo social(Wagner, 1979).

A mudança no comportamento de algum membro da família redefine a situação biográfica da família e de cada um dos seus. Há mudanças, inclusive, no aspecto físico e na postura que se adota frente às situações.

Muitas decisões são tomadas tendo por base as mudanças no presente vivido. Essa realidade vivenciada por um dos seus membros pode influenciar as atitudes de outros dentro da família, com respostas somáticas que expressam a subjetividade.

A relação familiar é carregada de sentimentos e emoções, é cotidiana, cheia de altos e baixos. Na família não se tem, apenas uma relação, por exemplo, mãe – filho, tem-se várias relações que envolvem questões emocionais. Por isso a relação familiar ser muito emocional, o sentimento está muito envolvido (Medina et al, 1990:47).

O corpo do outro está para mim como um campo de expressão de suas vivências. Ao tipificar a conduta do outro, estou tipificando minha conduta, que se interrelaciona com a sua. As construções do sentido comum utilizadas para tipificar o outro e a mim mesmo tem origem e aprovação social (Schutz, 1962:48).

Um modelo diferente do modelo social comum é o da família de Jarbas. *O pai deles não mora comigo, mas sempre está aqui. É porque ele tem outra família(...).* (mãe de Jarbas). Houve uma aceitação da condição do tipo casado do companheiro. O acervo de conhecimento da mãe de Jarbas definiu a sua situação biográfica e a dinâmica familiar, que está sendo repassada para os filhos, e esses, numa filtragem, enriquecem o seu acervo. Seu pai faz com os filhos um tipo participante, pois, mesmo ausente em alguns momentos, na presença se faz perceber.

As primeiras relações do Nós são de fundamental importância no processo de aprendizagem. Por trás dos outros com quem as crianças mantêm as primeiras relações dos Nós, há sempre uma estrutura social específica. A significatividade fundamental que as crianças adquirem nas suas primeiras relações do Nós estão não apenas socialmente objetivadas, mas, em certa

medida, filtradas através da estrutura social. E este efeito de filtro é imperativo (Schutz , Luckmann,1973)

A família é co-partícipe na estruturação do conhecimento à mão da criança, que ela utiliza na relação face a face tipificando o outro e a si mesma. Ela apreende todo o presente vívido, experienciado num relacionamento do Nós. O sentido que tem a ação para o ator é único e individual, porque se origina na situação única biográfica e particular do ator(Schutz, 1962:61).

Um modelo de família é aquela que os pais delegam a sua função impor limites para os filhos mais velhos. *...mande um dos meninos mais velhos. Só que eles não estão nem ai para os mais velhos, os meninos brincam com eles como se fossem tudo criança(mãe de Jacó).* Como associados, fica difícil para os irmãos maiores assumirem a função de disciplinadores dos irmãos mais novos, pois são percebidos com o tipo ideal – irmão, não modificando, na sua apreensão, para a tipificação mãe/pai ou filho.

O modo como as pessoas se comportam ao assumir sua função define-se, puramente, por meio de um contexto significativo. Os meus partícipes são tipos. Os tipos ideais são esquemas interpretativos do mundo social em geral, que envolvem parte do nosso repertório do conhecimento acerca desse mundo.

... o típico é homogêneo sempre é assim. Na síntese tipificante do reconhecimento realizo um ato de anonimização no qual abstraio a vivência do marco da corrente da consciência e, portanto, faço-a impessoal (Schutz, 1972:215).

Uma manifestação de família é a evangélica, em que a mãe cobra dos filhos um comportamento coerente com os princípios da religião que seguem. *Porque eu sou evangélica e isso não é coisa de cristão...(mãe de Jacó).* É desvelado, em sua fala, a importância de que essa vivência faça parte do

acervo de conhecimento dos filhos para que eles possam na sua situação biográfica revelar a sua crença.

Os irmãos menores precisam interpretar os maiores como responsáveis por eles naquele momento imediato em que ficam sozinhos. *Quando e vou para o Instituto do Câncer com a minha mãe, o Jadas e a irmã encostada dele ficam cuidando do meninos (mãe de Jadas).* Esta é mais uma experiência que faz parte do cotidiano das famílias. Por não ter espaço físico em casa, Jadas e seus irmãos passam uma parte do seu tempo na rua, onde experienciam vivências que vão compor o seu acervo de conhecimentos, que juntados aos das famílias, definem a situação deles no mundo subjetivo. *Eles ficam em casa só durante a noite, durante o dia é brincando na rua.*

Em uma dos relatos, a mãe experiencia o temor do filho apreender as situações a que são submetidos no ambiente em que moram. *Aqui onde eu moro só tem coisa de errado, fuma maconha. Homem matando as pessoas na frente da casa da gente, assim na rua (mãe de Josa).* No entanto, acredita que, estando sempre ao lado dele, acompanhando-o aos lugares aonde vai, não permitindo que saia sozinho, ele não capte essa realidade no seu mundo da vida.

... a transmissão do conhecimento está arraigada na estrutura social. A importância da família na transmissão dos elementos básicos do conhecimento (que coincide com a função decisiva da família na socialização inicial da pessoa) é virtualmente universal, embora haja exceções. Contudo, os âmbitos 'universalmente válidos' de conhecimento, tais como os vinculados com papéis 'impostos', podem ser transmitidos além da estrutura familiar (Schutz., Luckmann, 1973: 280-281).

As mensagens obscuras e contraditórias confundem as crianças e interferem na percepção do comportamento adequado (minuchin, Colapinto, Minuchin, 1999). Os papéis impostos pela sociedade, além da estrutura familiar, presença no mundo da vida das famílias, podem interferir na formação das crianças, ratificando o temor dos pais em relação à convivência de seus filhos com o meio externo.

O acervo de conhecimento se manifesta como uma posição subjetiva pressuposta, como um elemento da subjetividade. O acervo de conhecimento determina uma dimensão essencial da captação de si mesmo e de outros, na orientação do mundo social (Schutz; Luckmann, 1973:306).

Manifestando a sua significatividade no mundo subjetivo, as famílias revelam os **sentimentos em relação à vida** como *motivação por que*.

Mesmo sob a forma de sofrimento, os sentimentos, de uma maneira geral, compõem o acervo de conhecimentos à mão, que são manifestações de tipo vivido numa atitude natural.

Para Schutz, desde a infância, o indivíduo continuamente acumula grande quantidade de receitas, que utiliza como técnica para compreender, ou, pelo menos, controlar aspectos de sua experiência. Cada experiência é apreendida e interpretada tipicamente, e quando transcorrida serve de base para a sua ação seguinte (Natanson, 1962).

Nas famílias os sentimentos foram revelados com descrição momentos de sofrimento, com alguns relatos de esperança e modos de enfrentamento as situações de conflitos vivenciadas. Ao expressarem como se sentem em relação ao seu mundo da vida, retratam a sua desesperança. *Já estou é cansada de tanto lutar pela vida. (avó de José).*

Com uma história de vida de sofrimento, as famílias, mesmo no limite de um rompimento, buscam amenizá-lo da melhor forma. (...). *Do jeito que está a situação, agente fica mais é doida. E se eu for me trancar mais os meninos, fica é doida(...)(mãe de Mara).*

A origem e fonte de toda a realidade, seja do ponto de vista absoluto ou prático, são subjetivas, somos nós mesmos. Quando o meu mundo privado entra em contato com o mundo dos meus semelhantes,

devemos resolver os conflitos que surgem nos esquemas de interpretação de cada um de nós (Schutz, 1964).

O mundo tem um sentido particular e uma estrutura de significatividade para os que dele fazem parte, que são reveladas pela interpretação que fazem de si mesmo e dos outros.

Todas as famílias tem desacordos, dificuldades e sofrimentos em proporção diferenciada. Porém, devem buscar negociar suas diferenças e desenvolver maneiras de lidar com o conflito. A família, em qualquer alteração de circunstâncias, passa por um momento de desorganização (Minuchin, Colapinto, Minuchin, 1999).

No entanto, a família precisa de rede de apoio para ajudá-la a encontrar soluções para superar as situações de conflito, bem como, quando os seus métodos de enfrentamento não são suficientes. E a enfermagem poderá desenvolver ações que visem suplantar essa necessidade real das famílias.

Os *motivos para* das famílias foram desvelados como **o que espera dos filhos e os projetos pessoais e familiares**, nessa estrutura de significatividade.

No sentido de suas experiências, as famílias acreditam no reconhecimento da dedicação para com os filhos, e têm as suas esperanças nesse reconhecimento como possibilidade. *Ai os filhos já estão crescendo tem que se esforçar para me ajudar. Já ajudei bastante, eu quero é que eles me ajudem (mãe de Jacó)*. Nesse pensar, elas definem sua situação e colocam-se numa expressão de ansiedade fundamental.

A situação biográfica é uma situação contextualizada, que recebe interferência dos aspectos socioeconômico e políticos nos quais o indivíduo

está inserido. E, quando as famílias esperam que os filhos cresçam e lhe dêem um *conforto merecido*, isto é reflexo das questões culturais do seu mundo da vida.

O homem vive em ambientes que são, desde o começo, delineados para ele por Outros. São ambientes *pré-marcados, pré-indicados, pré-significados e pré-simbolizados*. Desse modo, *sua situação biográfica da vida cotidiana é sempre uma situação histórica*, pois está constituída por processos socioculturais que levaram à configuração atual do seu ambiente (Schutz, 1962:309).

Na sua ansiedade fundamental, a avó de Júlio se angustia pela possível percepção que o neto venha a ter dela. Talvez por ter sempre assumido a função de mãe e ter querido ser o tipo avó. *Eu quero que ele se crie um menino bom, mas que mais tarde ele não venha a ter mágoa de mim porque eu não soube criar, fui dura demais, fui carrasca(...)*(avó de Júlio). Nessa duplicidade de papéis, ela, no seu dever de criação, assume responsabilidades que a distanciam do ser avó.

Outra manifestação de ansiedade é revelada na fala da mãe de Jáder, que, lançando mão do seu acervo de conhecimentos, preocupa-se com a influência que o pai possa exercer no seu filho em relação ao alcoolismo, pois ainda conta com o fator hereditário da doença. *Eu tenho medo que ele beba como o pai dele e eu digo a ele que não siga o pai dele* (mãe de Jáder).

A certeza de uma vida de sofrimento no futuro é a ansiedade fundamental em algumas famílias, que, percebendo a sua situação no presente vívido, espera com resignação o tempo futuro.

Para Schutz, a ansiedade fundamental é todo o sistema de significatividades que direciona na atitude natural e se baseia na experiência básica de cada um de nós: *sei que morrerei e temo morrer*. Da ansiedade fundamental, surgem os múltiplos sistemas interrelacionados: de esperança e temores, de necessidades e satisfações, de oportunidades e riscos, que levam o

homem da atitude natural a tratar de dominar o mundo, superar obstáculos, esboçar projetos e levá-los a cabo(Natanson,1962:30).

Toda projeção consiste em antecipar a conduta mediante a imaginação. *Todos os projetos de meus atos futuros se baseiam em meu conhecimento à mão no momento da projeção.* A este conhecimento pertence a minha experiência de atos previamente efetuados e que são tipicamente similares ao projetado (Schutz, 1962:49)

No seu mundo subjetivo, as famílias apontam planos para o futuro, frutos da imaginação e do conhecimento de que dispunham no momento em que realizaram os seus projetos. Essa projeção inclui ação pessoal e para os seus contemporâneos.

As aspirações da mãe de Mara refletem toda a sua situação no mundo social. (...) *Mas eu tenho fé em Deus que eu vou ter meu banheiro. Encostar minha parede para fazer um quarto só para as meninas. Ajeitar minha casa (mãe de Mara).* Seu desejo de reestruturar sua casa passa pela vontade implícita de organizar sua vida pessoal e familiar que no seu presente vívido experiencia desemprego, alcoolismo do marido e violência doméstica.

O pai de Jeca, tipo trabalhador, projeta para os filhos o mesmo amor pelo trabalho e planeja, numa ação racional, uma atividade que vise a esse fim. *Eu pretendo dá a eles uma noção de trabalho, assim digamos três horas na semana de serviço em média. Não para trabalhar, produzir alguma coisa...é para Ter um gosto pelo trabalho (pai de Jeca)* .O temor, como revelação de sua ansiedade fundamental, é a ociosidade dos filhos e a possibilidade do envolvimento em condutas não aprovadas por ele.

Com o desejo de ir morar em outro estado, a avó de José encontra no internato para o neto a possibilidade de realizar os seus planos. *Se eu achasse um interno para eu internar o José, eu não vivia mais aqui não... eu ia embora.* (avó

de José). São presentes no seu cotidiano, alterações psicossomáticas que se manifestações sempre após episódios de desavenças familiares.

Ao projetar a sua ação, a avó de José refletiu a sua realidade eminente de sofrimento e problemas enfrentados com os filhos e o neto, e, na sua situação biográfica, ela tem procurado tomar decisões, mesmo que seja em relação ao seu neto, considerado por ela o motivo maior de ainda residir aqui.

A tia de Júlio, com a mesma pretensão, já chegou próximo da execução do seu projeto. *Eu quero levar ele para o SOS, já o arrumei, mas quando chega na porta eu não tenho coragem, porque também tem os da minha irmã aqui (tia de Júlio)*. Sensibilizada com a situação, vem à mente a responsabilidade de que está sendo negligente apenas com o Júlio, já que no seu projetar as suas sobrinhas continuariam na sua tutoria. A sua realidade tem refletido problemas sociais e econômicos que interferem na sua sobrevivência.

Para Schutz, a realidade eminente é o mundo do executar, o mundo do sentido comum da vida diária. *Introduzir-se no mundo significa também, comunicar-se com ele; e como comunicação pressupõe subjetividade, e a subjetividade pressupõe as tipificações, que sustentam toda a realidade social*, o indivíduo nasce na realidade eminente, em que se baseiam todas as tipificações (Natanson, 1962:28-29).

As experiências já vivenciadas e sedimentadas exercem influência marcante no ato de elaborar o projeto, quer sejam percebidas pelo ator como positivas ou negativas. Considera-se, porém, que são experiências únicas apreendidas de modo pessoal e reveladas na relação face a face e no ato de projetar.

Schutz afirma que o indivíduo baseia o seu projeto do ato por vir, no tempo futuro perfeito, em suas experiências de atos praticados anteriormente, tipicamente semelhantes ao projetado. Essas experiências

anteriores são elementos do seu estoque de conhecimentos à mão na ocasião do projeto. Mas esse conhecimento deverá ser diferente daquele que terá quando o ato que está agora em simples projeto tiver sido materializado(Wagner,1979).

As famílias pobres não tem recursos sociais para formular projetos individuais, pois, estes pressupõem condições sociais específicas de educação, de valores sociais alheios ao seu cotidiano. Dessa forma, eles se tornam projetos inconcebíveis e inexecutáveis (Sarti, 2000).

Na busca do sentido da ação subjetiva das famílias, percebi como elas enfrentam problemas socioeconômicos múltiplos e que, dentro desses conflitos, procuram oferecer aos seus membros suporte para enfrentar os desafios, e encontram também opções para suportar tal realidade com anseios e aspirações.

Na vida diária é possível captar a realidade do mundo. Vale ressaltar que somente é captado algum aspecto dela, pois o ator, na compreensão, leva consigo o seu horizonte interpretativo interno e externo, não existindo fatos puros, relação do Nós pura(Schutz, 1962).

No mundo intersubjetivo, a família utiliza as suas experiências já sedimentadas para definir a sua situação biográfica, numa relação do Nós com seus contemporâneos, num mundo histórico-social. Porém, não foi possível abarcar o sentido da ação subjetiva das famílias em sua totalidade, mas, parcialmente, pois a compreensão é um horizonte sempre aberto.

É nesse horizonte de compreensão que é revelado o papel que a enfermagem tem a desempenhar junto às famílias. Pois, a partir do conhecimento da história de cada uma delas pode ficar atenta ao seu tipo vivido.

O enfermeiro tem uma função importante a desempenhar junto às famílias na criação de seus filhos. E conhecendo as suas reais preocupações, valores e dúvidas, pode se atuar nas manifestações deste criar que implica na *saúde futura e presente do ser/criança e da família como um todo* (Marcon, 1999).

Para desenvolver este papel, a enfermagem precisa desmistificar a idéia formal de família e pensar em várias possibilidades de organização familiar. Acreditar, também, que toda família passa por momentos de transição e esperam por uma ação mais direcionada à sua realidade social.

CAPÍTULO 6

**REFLEXÕES SOBRE O TIPO
VIVIDO FAMILIAR DA *CRIANÇA-*
PROBLEMA NA ESCOLA**

CAPÍTULO 6

REFLEXÕES SOBRE O TIPO VIVIDO FAMILIAR DA *CRIANÇA-PROBLEMA* NA ESCOLA

Quanto à tipificação feita pela escola à criança, percebi que esta é um reflexo do contexto familiar onde se encontra, pois a criança define sua situação biográfica no mundo a partir do seu acervo de conhecimento à mão na ocasião em que mantém uma relação face a face.

A família ocupa um papel de destaque na formação dos seus membros, influenciando na sua personalidade e na forma como irão enfrentar os desafios que lhes serão impostos. Essa relação intersubjetiva favorece o desenvolvimento de seus partícipes que vivenciam o relacionamento do Nós.

Conhecer o típico familiar de crianças consideradas como problema na escola, levou-me a refletir, intencionalmente, sobre a situação desse grupo no mundo social, suas experiências vivenciadas e suas ações para o futuro. Através da fenomenologia sociológica, cheguei ao sentido da ação subjetiva das famílias no mundo cotidiano.

Ao adentrar o mundo da vida das famílias, conheci o significado por elas atribuídos às situações, vi-o como manifestação do seu Tipo vivido familiar e do acervo de conhecimento sedimentados a partir das múltiplas realidades já experienciadas.

O sustento necessário à sobrevivência é apreendido nos depoimentos das famílias que experienciam situações diversas em que o homem é o provedor da renda familiar. Em outros casos, a mulher é a

responsável pelo orçamento domiciliar ou mesmo trabalha para ajudar nas despesas domésticas ou ainda colabora desenvolvendo as atividades específicas de casa e na criação dos filhos. O desemprego também é uma realidade nas famílias que sobrevivem com a ajuda de vizinhos e amigos.

No mundo cotidiano das famílias das crianças-problema na escola, é presente vívido a luta constante pela sobrevivência. As famílias são situadas em um contexto socioeconômico no qual a dificuldade financeira representa uma ameaça. Geralmente elas residem em moradias sem infra-estrutura suficiente para atender as necessidades básicas do indivíduo e com espaço físico desproporcional ao número de pessoas no domicílio. No entanto, elas organizam suas vidas de acordo com o que dispõem. Algumas revelam descontentamento com a sua condição, outras se encontram adaptadas à sua situação.

Por essas experiências constituírem o acervo de conhecimentos dos membros da família, podem refletir nos seus comportamentos, bem como nas suas relações sociais. E essas experiências, após sedimentadas, passarão a fazer parte dessa bagagem que é resgatada na relação face a face.

No relacionamento entre seus partícipes, a família emprega recursos que considera, dentro da sua bagagem de conhecimento à mão, serem adequados para educar os filhos quanto ao de limite. O uso da violência física é praticado pelos pais na imposição de limites, pois acreditam que é uma maneira de imprimir respeito. Outros pais ou pessoas que cuidam da criança acreditam na altivez da palavra, de uma forma mais enérgica ou através de ameaças que possam intimidar. Outras famílias revelam já ter empregado todos os recursos disponíveis para controlar a criança e ficam muitas vezes sem saber mais como agir diante das diversas formas de comportamento do filho. Em muitas delas, chega a faltar o controle nas suas ações, pois, já embebidas de sofrimento e dificuldades, respondem com atitudes enérgicas

para com os filhos ou radicais para com elas mesmas, como a mãe que deixou de trabalhar para poder acompanhar o filho, e hoje vive da ajuda das pessoas.

Outro tipo de relacionamento vivenciado pelas famílias é o comportamento pacato dos filhos, que aceitam com resignação o que lhes é colocado, mesmo que seja algo que eles muito desejem, não chegando nem mesmo solicitar a justificativa para a atitude.

A presença física da mãe é fundamental para que os filhos se mantenham nas regras estabelecidas pela família, pois, nem sempre, tios e avós são representativos para eles, na relação com a autoridade dos pais.

No relacionamento familiar, quando lançamos mão do nosso conhecimento sedimentado, levamos, também, os nossos preconceitos e valores, pois fazem também parte deste acervo. São os nossos fatores internos. O homossexualismo de um dos filhos foi justificado como o ponto crucial das desavenças em uma das famílias, na qual a cisão do contrato matrimonial foi justificada pelo pai por não aceitar tal comportamento do filho e não ter contado com o apoio da mãe, pois esta se posicionou contrária à postura do marido, pois não aceitava a idéia de abandonar o filho.

As famílias vítimas do alcoolismo, além das desavenças familiares, vivenciam a violência doméstica e o desemprego como aliados. A instabilidade emocional, e de vida de uma maneira geral, das famílias que vivem essa realidade, é desvelada nos depoimentos obtidos. Esses problemas sociais, que afetam considerável parte da população, é fator desagregador de famílias, pois contribui para a sua desestabilização no mundo do sentido comum.

Além desse tipo familiar, há experiências várias baseadas nas suas realidades múltiplas de atores sociais. O tipo pai que participa da formação do filho é presença nas famílias das crianças consideradas problema na escola, bem como: o pai que tem outra família, simultaneamente; o que é ausente; o

que delega aos filhos mais velhos a sua responsabilidade de pai; e o que usa de violência no lar.

As alterações no ciclo de vida familiar exercem influência nas suas relações, pois, além das crises evolutivas comuns, à maioria desses grupos primários, existem as crises específicas a situações peculiares típicas do seu ciclo de vida. E a solução para tal realidade eminente é própria de cada família, pois, para encontrar tal saída para os seus conflitos, lança mão da bagagem de conhecimento de cada membro familiar que, em sua personalidade, é própria de cada um, pois a forma como apreende cada experiência vivenciada no decorrer da sua história de vida é única.

Na descrição das famílias, também, desnudei os sentimentos em relação à vida, nos quais as mães se revelam cansadas de lutar, de buscar forças para enfrentar os problemas. Diante de tais situações, elas repensam e refletem as decisões tomadas em momentos passados da sua existência mundana e temem a loucura.

Em suas múltiplas realidades, a família motivada para o futuro planeja suas ações e, para tanto, utilizam o seu estoque de conhecimentos até o presente vivido e vêem nos filhos a possibilidade de auxílio para melhor condição de vida. Em outra família, a avó, que cuida do neto, em sua ansiedade fundamental, teme que este a perceba como repressora.

Na angústia da possibilidade do futuro, há revelação - teme de o filho reproduzir a atitude do pai, que ela tanto abomina, e procura, através do diálogo, orientá-lo no que considera negativo. Outra ansiedade presente nas famílias é desvelada na certeza de um sofrimento ininterrupto, que do seu presente vivido acredita que continuará até a sua finitude.

A família, ao planejar-se, utiliza o seu estoque de conhecimentos à mão na ocasião do projeto e revela o propósito de reformar sua casa, como

forma de oferecer para si uma melhor moradia, que tenha condições básicas para a sobrevivência, das quais ainda não desfruta.

Em melhor situação econômica, algumas famílias pensam no futuro dos filhos, no que diz respeito a trabalho. O pai com uma profissão definida, tem o intento de despertar nos filhos o interesse pelo trabalho, através do aprendizado da sua atividade laboral.

Em outra realidade de famílias que criam sobrinhos ou netos, há o plano de entregá-las a instituições que tenham sistema de internato, pois não se consideram com estrutura familiar adaptada para essa ação, e não conseguem mais trabalhar o limite com a criança.

Verifiquei que as famílias de *crianças-problema* na escola experienciam realidades múltiplas no mundo do sentido comum da vida cotidiana. É possível que essas experiências sejam comuns a muitas famílias. Observei, também, que dentro destas múltiplas realidades vivenciadas, o tipo familiar é presença vívida no mundo social da criança.

O tipo vivido familiar da *criança-problema* é reflexo dos vários problemas sociais presentes no mundo da vida diária das famílias. Elas definem sua situação utilizando o estoque de conhecimentos e passam aos seus associados numa relação face a face. No contato com o mundo cotidiano, apreendem as situações vivenciadas, que, após sedimentadas, se juntarão aos já captados das relações familiares, e passam a compor o seu acervo de conhecimentos que terá sempre à mão num relacionamento do Nós.

Verifiquei neste estudo que a *criança-problema* na escola é parte de uma *família-problema* e que, todos os profissionais não só da área escolar, especificamente, mas da área da saúde precisam intervir, indo além da criança e buscar atuar junto ao grupo familiar, para que possam ajudá-lo a encontrar formas de enfrentamento eficazes para as suas situações de crise.

Percebi no significado da ação subjetiva das famílias no seu mundo cotidiano um reflexo da realidade social presente no nosso mundo real, no qual estão inseridas as questões culturais, socioeconômicas, políticas, que interferem na saúde e, especificamente, na saúde mental. E, quando remeto a uma leitura da conjuntura atual, percebo que as famílias estudadas vivem em uma cidade que cresce sem uma estrutura política e social da mesma proporção.

Toda essa estrutura faz parte da situação biográfica da família, especificamente em como ela define a sua situação no mundo da vida. Portanto, não é a família a única responsável pelas respostas que dá às situações vivenciadas, pois tudo é parte de um contexto em que ela se encontra.

Sendo a família a base para o cuidado humano, para ser trabalhada, ela precisa ser vista sob na forma como se insere e como interfere nesse cuidado, para, dessa forma, poder-se realizar com ela uma ação intencional e obter respostas intencionais.

Diante dos vários questionamentos feitos por mim no primeiro capítulo, no que diz respeito a como o enfermeiro atuar de forma preventiva na doença mental, e que deram margem a este estudo, observo que o tipo vivido familiar da *criança-problema* na escola revela as formas de enfrentamento que a família utiliza para conviver com as múltiplas realidades do seu mundo da vida, as quais nem sempre o levam a resolubilidade e que resvalam em uma grande lacuna- a promoção da saúde mental como base para um processo de educação em saúde nas famílias.

Trabalhar com famílias envolve conhecer como ela se manifesta nas diversidades do mundo social, como está organizada, como acontecem suas relações intrafamiliares, quais as suas necessidades mais emergentes, para que

possa ser oferecida uma rede apoio com ações direcionadas e que atendam às suas expectativas.

A família precisa de ajuda, mas uma ajuda contextualizada e intencionalmente dirigida às suas necessidades, reveladas no presente estudo. E acredito ser, inclusive, de promoção da sua saúde mental, pois, para superar conflitos e caminhar em busca de uma adequação entre seus membros, a família precisa de um suporte para fazê-lo, sem desmoronar.

Para tanto, os profissionais precisam ser preparados e sensibilizados ao trabalho com famílias e não apenas reproduzir ações de programas com objetivos politicamente direcionados, sem uma atuação intencionalmente dirigida, não considerando a família como possuidora de um conhecimento próprio situado em uma realidade específica.

É importante considerar que a enfermagem não somente precisa estar atenta para atuar junto às famílias em crise, mas sim pensar em ações que visem à promoção da saúde, para que nem mesmo cheguem a desenvolvê-las, encontrando mecanismos de enfrentamento eficazes para superar os seus conflitos. Promover a saúde implica, inclusive, em conhecer como as famílias cuidam de seus filhos e não somente o que sabem sobre o processo de adoecer.

Não se pode pensar em família de forma compartimentalizada e desenvolver ações que envolvam, apenas, o seu adoecer físico. Para que a enfermagem seja agente de transformação, é preciso que ela mergulhe no mundo cotidiano das famílias e compreenda como essas famílias definem a sua situação no mundo social.

Trabalhar com famílias é um grande desafio para a enfermagem, pois envolve o cuidado ao indivíduo nas demais etapas do seu ciclo vital. E, por ser grupo, com faixas etárias variadas, abarca também o ciclo de

desenvolvimento presente em qualquer família, cada uma situada no mundo cotidiano de forma peculiar. Ao considerar todos esses aspectos, a enfermagem estará no caminho para uma real ação na promoção da saúde mental em famílias.

Diante do exposto, percebe-se o quanto é importante o envolvimento dos profissionais de saúde, não só com as instituições de saúde, especificamente, mas caminhar em busca de ações preventivas que realmente possam ser eficazes na formação do indivíduo, considerando o seu contexto familiar e social, sua situação biográfica e seu acervo de conhecimento, favorecendo a ele uma melhor qualidade de vida.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. M. L. S. *A criança na família e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1981.
- BASSIT, W. A família e a doença mental. In: D' INCAO, M. A. (org.). *Doença mental e sociedade: uma discussão interdisciplinar*. Florianópolis: Graal, 1992.
- BRASIL. *Promoção da saúde; carta de Otawa, declaração de Adelaide, Sundsväl e Santa Fé de Bogotá*. Brasília: Ministério da saúde, 1996 .
- CAPALBO, C. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz*. 2.ed. Londrina: UEL, 1998.
- CAPALBO, C. Seminário sobre Alfred SCHUTZ. Rio de Janeiro 1999. (*Notas de aula*).
- CARTER, B.; MCGLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura par a terapia. In. CARTER, B.; MCGLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 7-29.
- CARVALHO, A. S. *Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- CARVALHO, M. C. B. O lugar da família na política social. In. CARVALHO, M. C. B. (Org.) *A família contemporânea em debate*. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p.13-21.
- CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA E PESQUISA. *Normas para pesquisa envolvendo seres humanos*: (Res. CNS 196/96 e outras). Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2000
- CUNHA, N. H. S. Brincando com as crianças excepcionais. In: FRIEDMANN, M. (org.). *O direito de brincar: a brinquedoteca*. 3 ed. São Paulo: Scrita: Abrinq, 1996.
- DAMASCENO, M. M. C. *O ex-sistir do diabético: da fenomenologia para a enfermagem*. 1996. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Moraes, 1992.
- EISENTEIN, E.; SOUSA, R. P. *Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes.* Petrópolis: Vozes, 1993.
- ELSEN, I. Saúde familiar: a trajetória de um grupo. In: ____ . *Marcos para a prática de enfermagem com famílias.* Florianópolis: UFSC, 1994.
- ESTEBAM, M. T. Jogos de encaixe: educar ou formatar desde a pré-escola? In: GARCIA, R. L. (Org.). *Revistando a pré-escola.* São Paulo: Cortez, 1993.
- HINESS, P. M. O ciclo de vida familiar nas famílias negras e pobres. In. CARTER, B.; MCGLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar. 2. ed.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 440-467.
- KALOUS'TIAN, S. M. *Família brasileira , a base de tudo.* São Paulo: Cortez, 1994.
- KRAMER, S. et al. *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil.* 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- KRAMER, S. *O papel social da pré-escola pública.* São Paulo: Cortez, 1988.
- LUCKMANN, T. Introdução. In SCHU'TZ, A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973. p.7-15.
- MACHMIAS, C. F.; NACHMIAS, D. *Research methods in the social sciences.* 5th ed. New York: Arnold, 1996.
- MARCON, S. S. *Família criando seus filhos – um estudo em três gerações.* Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 1999.
- MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. *Rev. Esc. Enfermagem. USP,* São Paulo, v. 24, n. 2, p. 139-147, abr. 1990.
- MEDINA, C. A. et. al. *A arte de viver em família: conversas com a família em crise.* Petrópolis: Vozes, 1990.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. *Qualitative data analysis.* 2nded. Califórnia: SAGE Publications, 1994.
- MINUCHIM, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIM, S. *Trabalhando com famílias pobres.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

- MIRANDA, M. G.. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In LANE, S. T. M.(org.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MONTEIRO, A. R. M. *O significado para a família do ir-e-vir de um dos seus familiares ao(do) hospital-dia*. 1996. Dissertação(Mestrado) Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.
- MONTEIRO, A. R. M.; GUERRA, E. M. D.; MOREIRA, R. V. O. A retomada da verdade em Husserl e a enfermagem. In. BARRETO, J. A. E.; MOREIRA, R. V. O. (orgs.) *A decisão de Saturno: filosofia, teorias de enfermagem e cuidado humano*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2000.
- MORAES, M. A. A. As crianças com dificuldades escolares na concepção dos pais, do professor e dos especialistas de saúde. *Interações*. v.2, n.3, . p.77-8., jan./jul.1997.
- MORAIS, E. P. *Enfermagem e família: evitando a negligência*. Santa Maria: Edição da autora, 1999.
- MOREIRA, R. V. Seminário sobre hermenêutica. Fortaleza, 2000. (*Notas de aula*).
- MORSE, J. M.; FIELD, P. A. *Nursing reserarch: the application of qualitative approaches*. 2nd ed. New York: Stanley Thomes, 1996.
- NACHMIAS, C. F.; NACHMIAS, D. *Research methods in the social sciences*. 5th ed. New York: Arnold, 1997.
- NAT'ANSON, M. Introdução. In: SCHUTZ, A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1962.
- NITSCHKE, R. G. *Mundo imaginal de ser família: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempo pós-modernos*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 1999.
- NOGUEIRA, M. A. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia*. FFCLRP, Ribeirão Preto, p.91-121, Fev./Ago. 1998.
- OLIVEIRA, M. G. C. A criança e o fracasso escolar: mitos/ritos. In: CAMPOS, F. C. B. (Org.). *Psicologia e saúde: repensando práticas*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969. p. 11-73.

- PAULO M. S. L. L.; RAMOS, A. M. Q. P. Distúrbios emocionais em crianças com dificuldades de aprendizagem escolar. *Interações*. v. 1, n.2, p.127-138, jul./dez. 1996.
- RACAMIER, P.-C. Perversão narcísica na família do psicótico. In: VILHENA, J. *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- REALY, J. ANTISERI, D. *História da filosofia do humanismo até nossos dias*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991. v.3.
- SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.) *A família contemporânea em debate*. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p.39-49.
- SCHUTZ A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1962.
- _____. *Estudios sobre teoria social*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1964.
- _____. *Fenomenologia del mundo social : introducción a la sociologia comprensiva*. Buenos Aies: Paidós, 1972
- SCHUTZ A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973
- SCHULTZ, A. *Collected papers 1: the problem of social reality*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1990.
- SOIFER, R. *Psicodinamismo da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SZYMANSKI, H. Teoria e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.) *A família contemporânea em debate*. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 23-27.
- TOCANTINS, F. R. *As necessidade na relação cliente-enfermeiro em uma unidade básica de saúde: uma abordagem na prespectiva de Alfred Schutz*. 1993. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.
- WAGNER, H. R. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio deb Janeiro: Zahar, 1979.
- WALSH. G. P. Introdução. In. SHULTZ, A. *fenomenologia del mundo social : introducción a la sociologia comprensiva*. Buenos Aies: Paidós, 1972. p.11-25

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, A. M. (Org.) *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta, 1988.
- BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BRANCO, A. L. C. *Encontro interativo: assistência de enfermagem privilegiando a relação social*. 1999. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem Ana Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.
- CANEVACCI, M. (Org.). *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CASEY, J. *A história da família*. São Paulo: Ática, 1992.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1970.
- FRANÇA, J. L. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 4. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- GOMES, J. V. Família e socialização. *Psicologia USP*, São Paulo: v. 3, n.1/2, p.93-105, 1992.
- HAGUEITE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JESUS, M. C. P. *Educação sexual: o cotidiano de pais e adolescentes*. Juiz de Fora: FEME, 1999.
- KAPLAN, H. I. *Compêndio de psiquiatria: ciências comportamentais e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- LANE, S. T. M. (Org.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- OTT, M. B., MORAES, V. R. P. A escola e a família: articulação e desarticulação. *Revista de Educação - AEC*, v. 23, n 93, p.37-66, out/dez. 1994.
- PATTO, M. H. S. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, São Paulo: v. 3, n. 1/2, p. 107-121, 1992.

- POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RODRIGUES, B. M. R. D. *O cuidado de crianças em creche comunitária; contribuição da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz*. Londrina: UEL, 1998.
- SAMARA, E. M. Novas imagens da família "à brasileira". *Psicologia USP*, São Paulo: v. 3, n.1/2, p.59-66,1992.
- SHULTZ, A. *Collect papers II: studies in the social theory*. Haia: Martinus Nijhoff, 1976.
- _____. *Collect papers III: studies in phenomenological philosophy*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1975.
- _____. *Collect papers IV*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- SPOSITO, M. P. Família e educação: uma questão em aberto. *Psicologia USP*, São Paulo: v. 3, n. 1/2, p.09-12, 1992.
- VALLA, V. V.;STOLTZ, E. N.(org.). *Educação, saúde e cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WEIL, P. *A criança , o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- WHIALI, A. L.; FAWCETT, J. *Family theory development in nursing: state of the science and art*. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1991.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____
aceito participar desta pesquisa sobre Família da *criança-problema* na escola, de
forma livre, tendo sido esclarecido(a) de seus objetivos e pretensões. Estou
consciente de que participar deste estudo não gerará nenhum ônus ou bônus e
que todas as informações, por mim concedidas, serão mantidas no anonimato.

Fortaleza, _____ de _____ de 200__

Pesquisado

Pesquisador

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PROFESSORES

- 1- O que é para você uma *criança-problema*?
- 2- Quais os alunos que você identifica na sua sala como *criança-problema*?
- 3- Por que você os considera uma *criança-problema*? Justifique cada aluno.

FAMÍLIA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

-Criança- _____ Idade- _____ Série- _____

-Já Repetiu Série: () SIM () NÃO

-Se sim. quais? _____

-Mora com: () os pais () o pai
 () a mãe () Avós
 () tios () Outros _____

-Explicitar situação dos pais _____

-Tem irmãos: () sim () não

-Se sim: Quantos? _____ Qual a posição da criança? _____

-Quantas pessoas moram em casa? _ Quem são?(idade e sexo e escolaridade)

-De quem provêm o sustento da casa? _____

-Renda familiar _____

-Religião:(explicitar se houver diferenças) _____

- Mora em casa: () Alvenaria () Própria () Taipa
 () Alugada () Papelão () Ocupação () Outros _____
- Casa com quantos cômodos e Quais? _____
- Energia elétrica: () Sim () não Obs.: _____
- Água : () Cagece () Cacimba, poço () Chafariz () Outros _____
- Lixo: () Coleta pública () Enterrado () Queimado () Exposto () Outro_
- Dejetos: () fossa séptica () fossa seca () a céu aberto () Sistema de esgoto () Banheiro
- Pavimentação:() Calçamento () Asfalto () Piçarra () Outros _____
- Transporte:() animal ()ônibus ()carro ()a pé ()bicicleta ()Outros _____
- Outras Observações: _____

- 1- Como era a criança em casa?
- 2- Como ele(a) se relaciona com os pais (ou pessoa que cuida)?
- 3- Como os pais(ou pessoa que cuida) se relaciona com a criança?
- 4- E com os outros filhos?
- 5- Como era o relacionamento entre os membros da família?